BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

REVISTA DA SEMANA

N.º 13 ★ 31-3-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO:

Laureano – O Médico Missionário

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

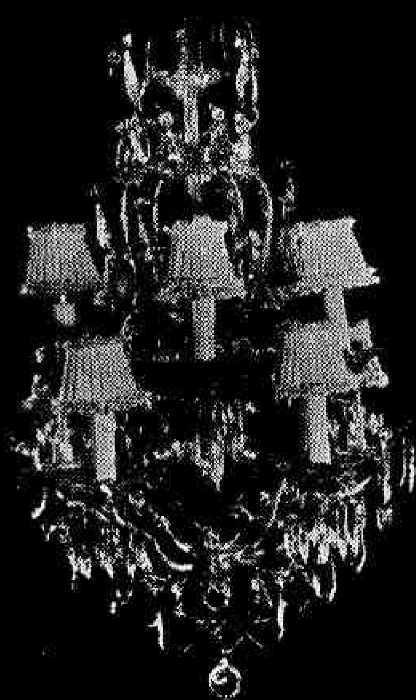
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

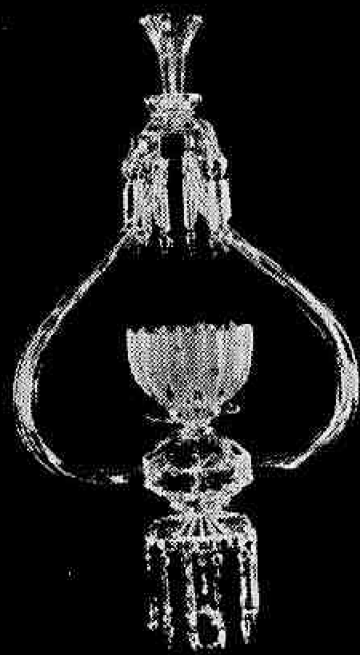
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

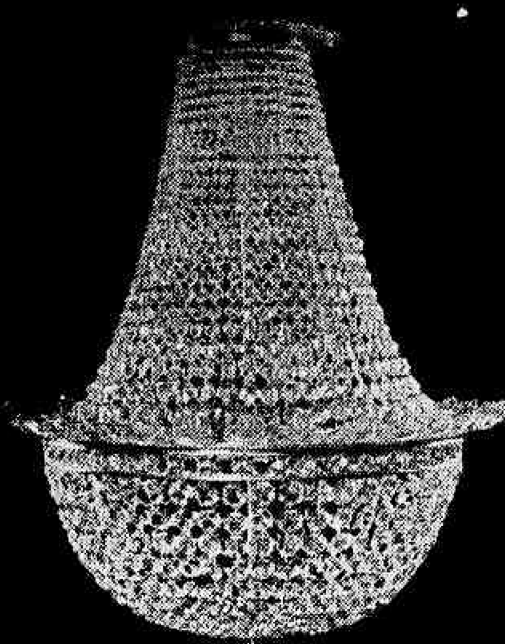
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428



1



2



3



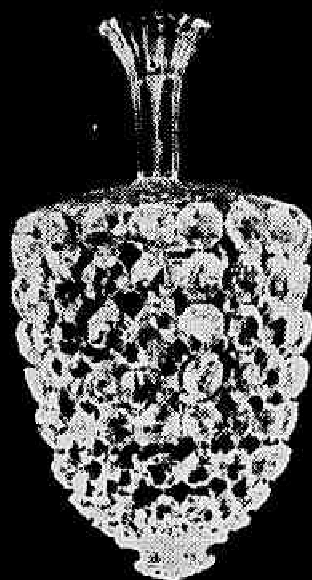
4



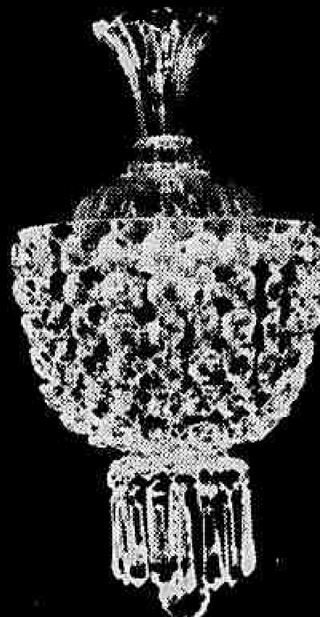
5



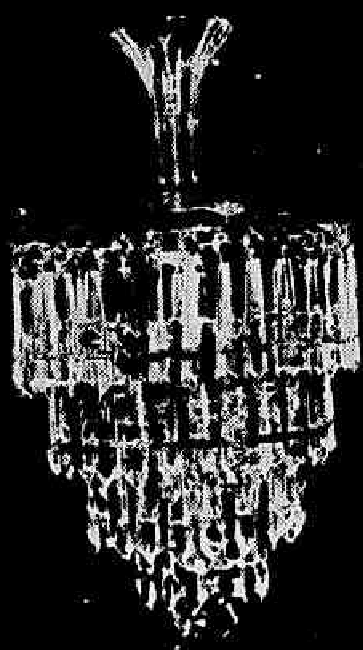
6



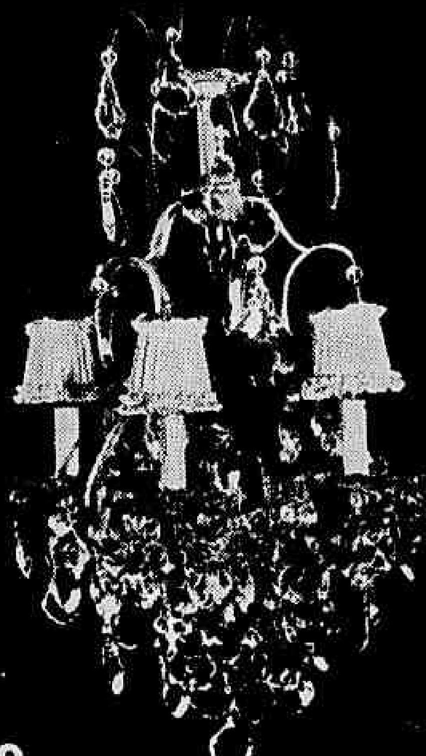
7



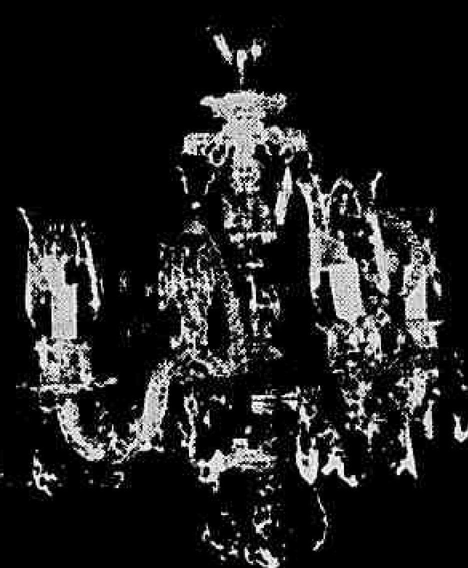
8



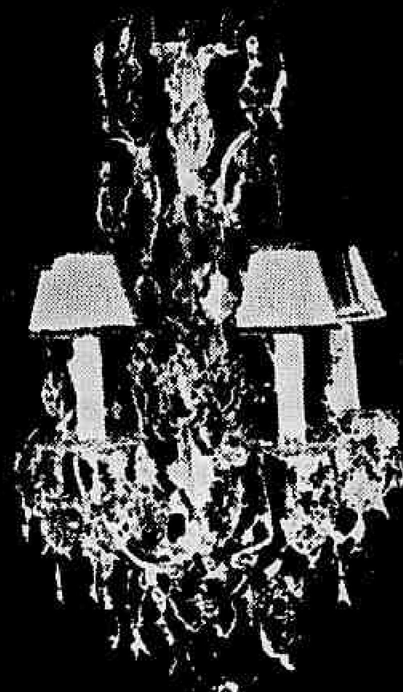
9



10



11



12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTA MENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.



SORRINDO ASSIM dir-se-ia que são felizes. Mas na realidade não o são. Êle está condenado a morte. Ela, dentro em pouco, ficará viúva. Todavia, nada disso os preocupa no momento. Êle disse: «Morrerei tranqüilo se a minha campanha alcançar o seu fim». E ela acrescentou: «O grande desejo do meu marido será cumprido, estou certa. Em qualquer lugar e em qualquer situação estarei com êle».

PASSAM OS HOMENS... FICAM AS AÇÕES

LAUREANO - O MÉDICO MISSIONÁRIO

SENTIU-SE MELHOR APÓS A BÊNÇÃO DO PADRE ANTÔNIO ★ "VÁ, MEU IRMÃO, COM AS GRAÇAS DE NOSSA SENHORA. SE A SUA VIDA TIVER DE SER ÚTIL À COLETIVIDADE, DEUS, POR CERTO, A POUPARÁ; MAS SE DEUS O CHAMAR, VÁ, MEU IRMÃO, PORQUE TÔDAS AS NOSSAS ALMAS PERTENCEM A DEUS..." ★ E O MÉDICO DEIXOU A MULETA E SAIU ANDANDO SÒZINHO... ★ EMOÇÃO NO HOSPITAL DOS MARÍTIMOS ★ ASPECTOS DO DESEMBARQUE NO AEROPORTO, DA ENTREVISTA NO FLAMENGO, DA MESA REDONDA COM CIENTISTAS E DO ENCONTRO COM O PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS

Texto e fotos de ABDIAS RODRIGUES

TEM os dias contados. Está morrendo ràpidamente... diziam os telegramas do Recife. "Acaba de chegar o médico Napoleão Rodrigues Laureano, cujos dias estão contados, de acôrdo com o diagnóstico dos mais eminentes cirurgiões do Memorial Hospital — "câncer das glândulas linfáticas". Há cêrca de dois anos, o dr. Napoleão Laureano, que há muito se dedicava à pesquisas do câncer em sua terra natal — João Pessoa — sentiu os primeiros sintomas do terrivel mal. Imediatamente, como grande conhecedor do assunto, utilizou todos os meios de combate à sua moléstia. Meses após, entretanto, considerava grave a sua própria situação, seguindo para Nova York à procura de completo restabelecimento, o que sòmente se tornou possivel graças aos auxilios que recebeu de seus clientes, muitos dos quais viajaram dezenas de léguas para levar-lhe modestas quantias.

No Memorial Hospital, onde estêve internado alguns meses, foi o dr. Laureano desenganado pelos mais célebres cancerologistas, considerando todos o seu caso perdido e já agora lhe dando menos de um mês de vida. Êle próprio, no aeroporto de Nova York, declarou aos jornalistas que não teria mais do que algumas semanas de existência. E, por essa razão, — ajuntou — voltava para o Brasil para morrer em casa. O dr. Laureano seguirá para o Rio a fim de fazer uma campanha para a fundação de um centro de combate ao câncer.

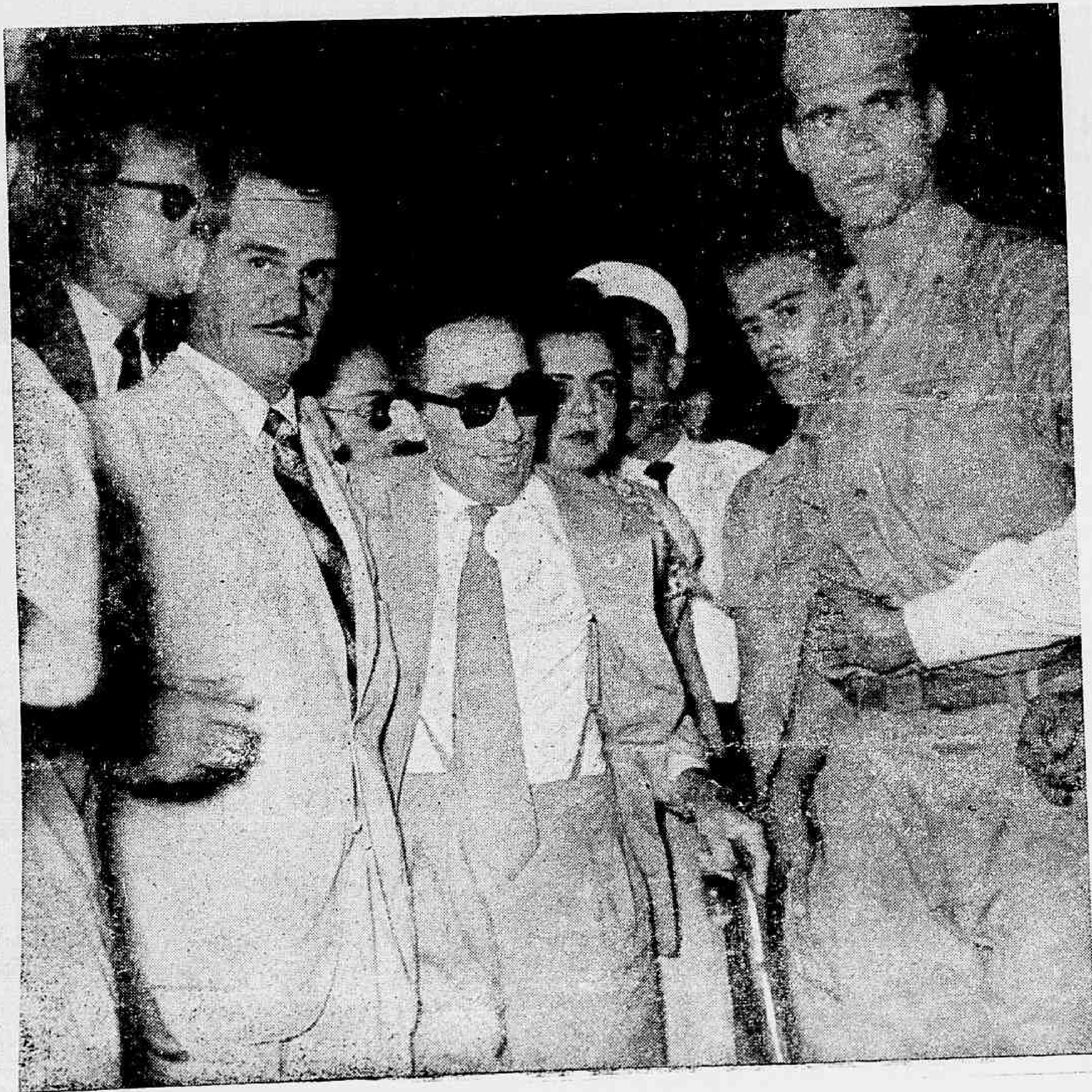
NO AEROPORTO
ao desembarque

A notícia se propagou ràpidamente. A imprensa teceu encômios, o povo ficou curioso, e o próprio govêrno procurou amparar a campanha do médico-missionário. Foi pôsto à sua disposição um avião da F.A.B., que o trouxe a esta Capital no dia 16 do corrente, tendo o desembarque ocorrido às 21,15.

As autoridades da Aeronáutica, observando a afluência de pessoas ansiosas por assistirem ao desembarque do dr. Laureano, fizeram passar um cordão de isolamento



NO DIA DA CHEGADA a esta Capital do dr. Laureano, houve grande afluência de pessoas gradas ao aeroporto. Neste flagrante aparecem, da esquerda para a direita, o major Caio Miranda, diretor da Agência Nacional, o médico e sua espôsa e o dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional do Câncer e que no ato representava o Presidente Getúlio Vargas. — Em baixo, outro flagran te do desembarque.



para evitar atropelos, temendo conseqüências das manifestações populares.

Jornalistas, fotógrafos, radialistas e cinegrafistas, rompendo os cordões de isolamento, conseguiram acercar-se do aparelho e assistir ao momento em que surgiu o médico, descendo as escadas do aparelho, com dificuldade, amparado por sua espôsa, D. Marciana Sampaio Laureano, pelo diretor da Agência Nacional, major Caio Miranda, e pelo dr. Mário Kroeff.

O espetáculo daquele corpo, todo energia, sob a aparência de esfacelamento causou, de início, uma penosa impressão, que se desvaneceu logo após quando o dr. Laureano, pausada e tranqüilamente, principiou a falar. A sua segurança, o esfôrço sobre-humano realizado para, após uma estafante viagem de sete horas, deviar de sua pessoa para o problema do câncer a atenção dos que o recebiam, assombrou quantos o apreciavam, malgrado saberem todos a que sacrifícios se devota.

Ainda no aeroporto, abordado pelos jornalistas e radialistas, o dr. Laureano assim se expressou:

— "Não sinto cansaço. Minhas fôrças se levantam

LOGO APÓS chegar ao apartamento do Flamengo, D. Marcina, espôsa do dr. Laureano e que é um modêlo de dedicação, atende ao telefone.



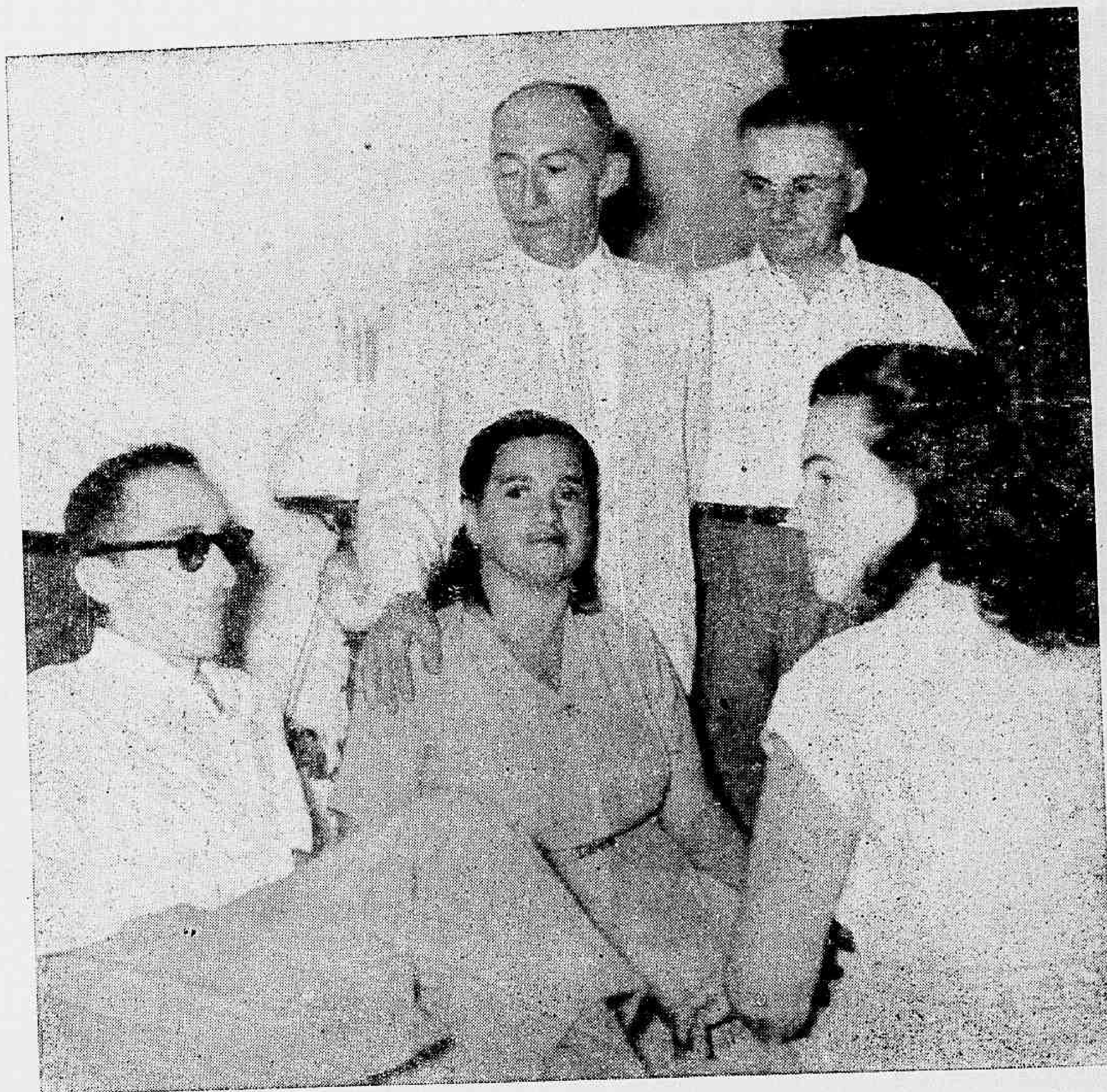


APESAR DE DOENTE o médico-missionário sorri sempre. Êste é outro instantâneo que colhemos quando êle descia as escadas do avião.

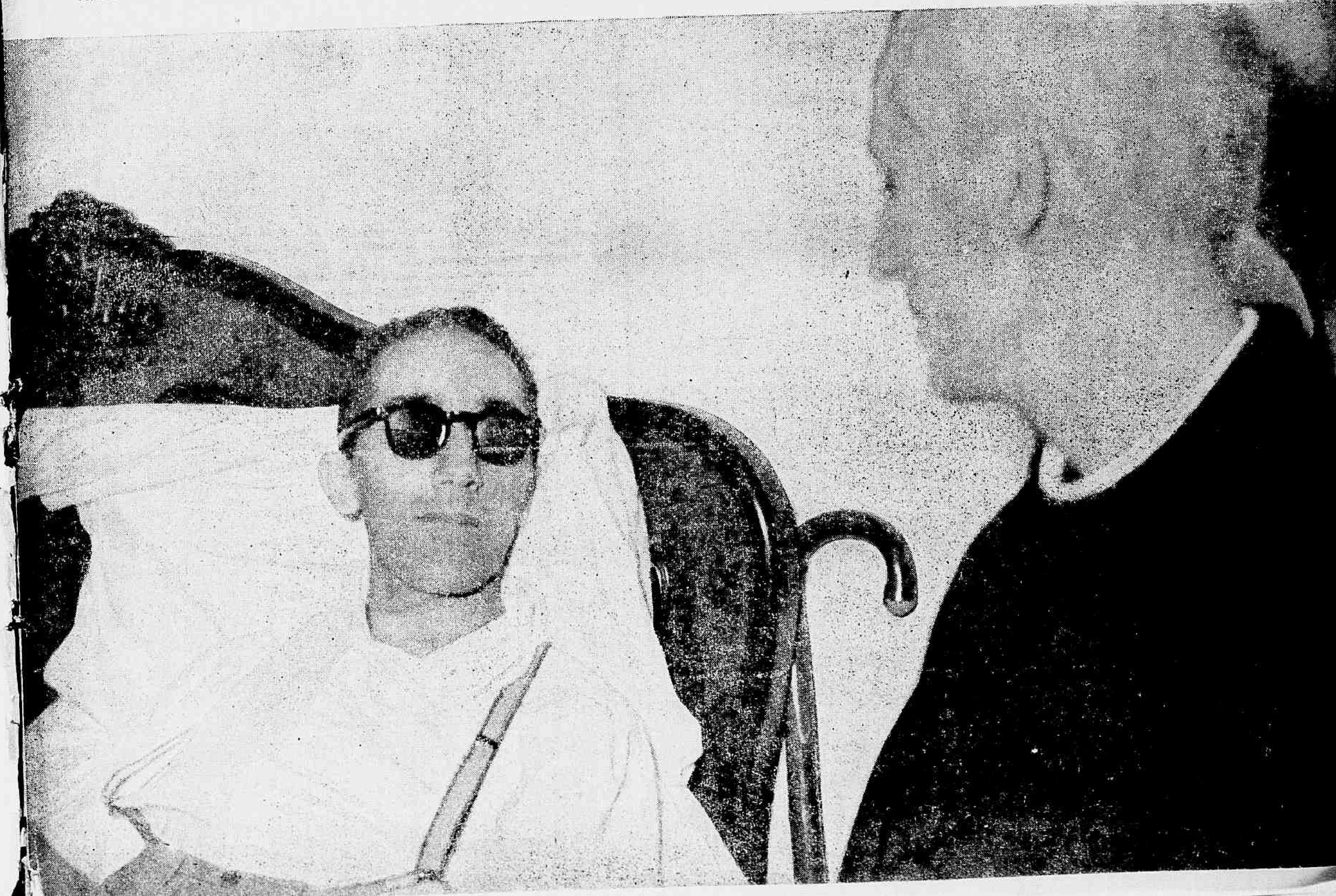
diante dessa grande manifestação de solidariedade às vitimas do câncer, que se vêm observando em todo o pais e que galvaniza o povo da Capital da República. Tenho tido noticias da extraordinária repercussão que imediatamente alcançou o movimento por mim iniciado. Esta recepção confirma a impressão que já trazia do norte. Recebo-a como uma prova emocionante do carinho do povo pela causa dos cancerosos. Tranqüiliza-me a certeza de que os meus últimos dias serão úteis para conseguir os meios de salvar muitas vidas. Vivesse eu uma eternidade, não me sentiria tão feliz como ante essa manifestação de bondade a que se associam o povo, o govêrno e a impresa."

★

Em nome do govêrno, o dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional do Câncer, convidou o dr. Laureano para hospedar-se no apartamento que já lhe estava reservado no hospital da rua Mariz e Barros. Preferiu, no entanto, o médico, hospedar-se no apartamento de seu irmão, sr.



NO APARTAMENTO do seu irmão, sr. Fernando Rodrigues Laureano, situado na Praia do Flamengo, os membros da família posam para a reportagem, junto ao leito do dr. Laureano. Em baixo focalizamos o padre Afonso de Oliveira Lima, vigário em Piedade, conterrâneo e amigo de infância do enfêrmo. Falando à reportagem o reverendo se referiu sôbre o seu convívio com o seu amigo.



AO CREGAR ao quarto o padre Afonso Comprimenta afetuosamente o seu conterrâneo e amigo de infância. Talvez seja esta a última visita.

Fernando Rodrigues Laureano, na Praia do Flamengo, declinando do oferecimento.

NO APARTAMENTO DO FLAMENGO
com a família

— "Assim como há ervas que só esmagadas dão o seu melhor perfume, assim também existem naturezas que precisam passar pelo sofrimento para se revelarem — dissenos o padre Afonso de Oliveira Lima, vigário em Piedade, conterrâneo e amigo de infância do dr. Laureano, às 10 horas do dia 17, no apartamento do Flamengo, enquanto aguardávamos que o médico-mártir acordasse.

"Às vêzes, Deus permite tais casos justamente para despertar a fé.

"Na dificuldade, o homem mostra a sua fôrça e as suas virtudes, muitas vêzes escondidas. Certos homens, aparentemente inúteis e sem resolução, ao enfrentarem uma situação difícil, mostram uma fôrça de caráter que ninguém lhes suspeitava, e, ali onde não havia senão debilidade, encontra-se valor e abnegação. A adversidade forma o caráter e fortifica a alma. Castiga e doma a natureza, ensinando a paciência e a resignação, favorecendo os pensamentos mais profundos e elevados. A dor é, muitas vêzes, bênçãos disfarçadas e só ela nos ensina a sermos fortes. O caráter disciplina-se com as provações e aperfeiçoa-se com os sofrimentos.

"Os nomes dos homens que sofreram pela causa da Religião, da Ciência e da Verdade, são aquêles a quem sôbre todos os outros, a humanidade tem em mais estima e dedica d mais profundo respeito. Morreram, mas o seu pensamento sobreviveu.

"E' o caso do dr. Laureano. Percebe-se, quando se observa o comportamento dêsse homem extraordinário, que êle não considera rôtas as suas relações com a vida. Ao contrário, mais do que nunca, êle se sente uma unidade social a que o destino reservou uma grandiosa missão. E' o ser humano que não quer encerrar-se num conceito egoista da existência e até a própria morte pretende transformar em algo de benefício para os que ficam. Nessa determinação encontra fôrças para superar todos os sofrimentos.

"Êsse moço eu o conheço desde pequenino. Com êle convivi, com êle fiz os primeiros estudos. Conheço o seu pai, sr. Floriano Rodrigues Laureano e a sra. sua mãe D. Teófila Bezerra da Silva. São todos paraibanos. Eu segui o apostolado; êle a medicina — como se costuma dizer: êle cuida do corpo... eu da alma. Pensava na vida... e precisei dêle; êle pensa na morte... e precisa de mim..."

— Sim, reverendo... êle precisa muito de ouvir a sua palavra amiga — disse D. Marciana, anunciando ao mesmo tempo que o dr. Laureano já estava acordado e que dentro de mais alguns minutos nos atenderia.

Aproveitando o intervalo, pedimos à dedicada espôsa que nos fizesse um *"recuerdo"* de como se deu o seu enlace com o dr. Laureano.

— "Muito simples. Não tivemos romance, porque passamos logo à história, isto é, não houve prolongado namôro e sim rápido matrimônio. Casamo-nos no dia 29 de julho de 1944. Esperamos ansiosamente uma filhinha, que não veio. Adotamos então uma recém-nascida que hoje conta 4 anos de idade. Foi precisamente a nossa filhinha adotiva que, recebendo uma boneca, trazida por Laureano dos Estados Unidos, declarou com lágrimas nos olhos:

— "Não queria essa boneca, papaizinho. Eu queria era que o sr. viesse bom lá da América... Todos nós queríamos isso, papaizinho..."

— "Maria do Socorro, — afirma D. Marciana — foi sempre o ponto máximo do ambiente de harmonia e compreensão em que viveu o casal, nesses seis anos de venturas. Recordar tudo isso agora seria impossível..."

D. Marciana Sampaio Laureano, como espôsa dedicada, também não tem uma palavra de revolta sequer para a grande tragédia que se abateu sôbre o seu lar. Resignadamente, acompanha o desenrolar dos dias, na certeza de que, dentro em pouco, estará de volta à casa paterna, com a filhinha que não compreende ainda, em tôda a sua intensidade, o drama que está vivendo. Diz ela:

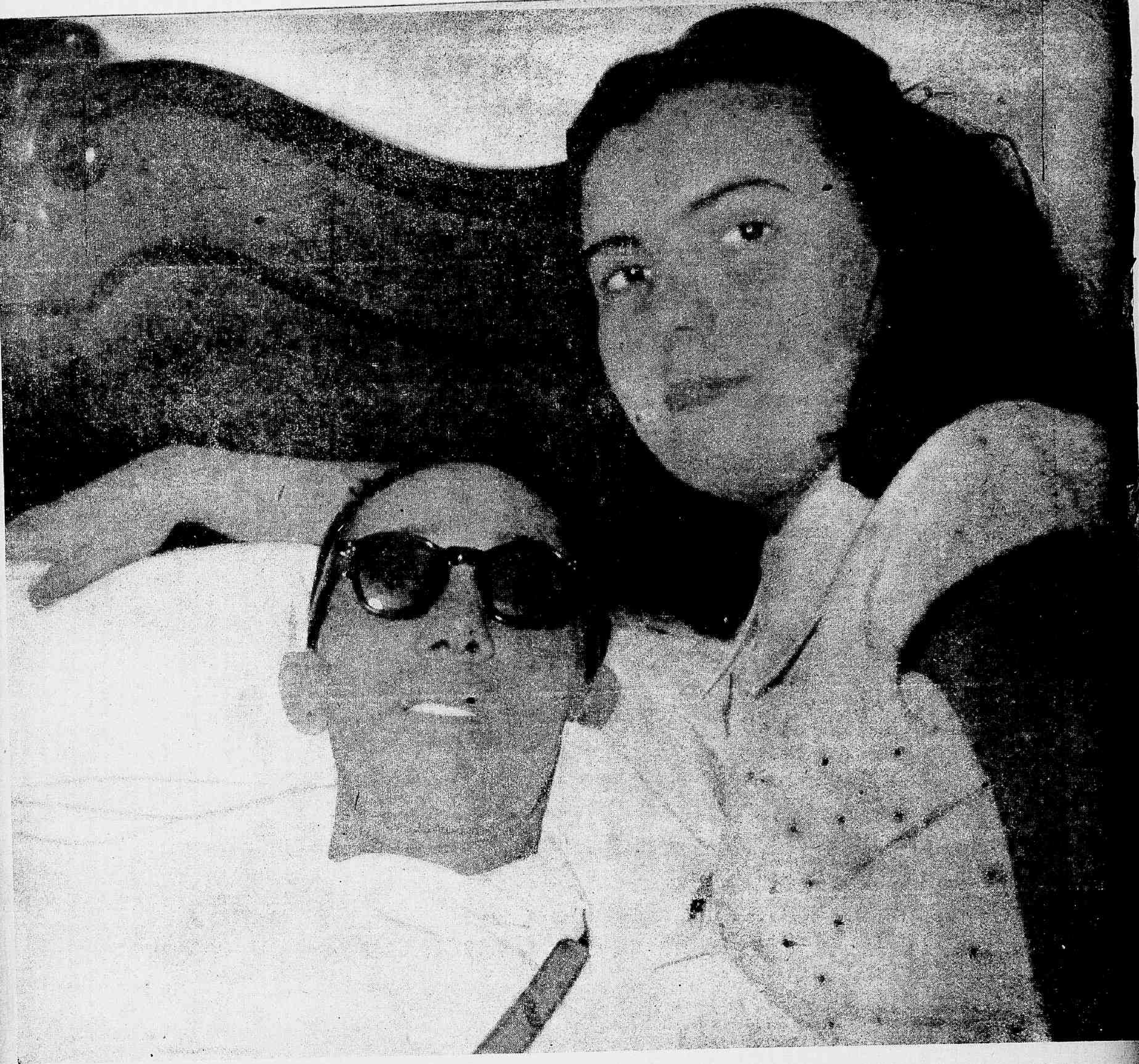
— "Sei que fizemos tudo o que era possível. Agora é tarde de mais. Continuarei a obra de Laureano, trabalhando como enfermeira pelos milhares de cancerosos que, sem assistência, à míngua, vivem os seus últimos dias. Espero contar com o auxílio e a boa-vontade de todos. O grande desejo de meu marido, estou certa, será cumprido. Em qualquer lugar e em qualquer situação, estive e estarei sempre com êle. Com êle ficarei até o último instante de sua vida. Depois, tratarei de continuar a sua obra."

D. Marciana levanta-se para atender ao telefone. Nesse interim chegou o professor Josef Fiedler, que, segundo foi noticiado, tentará prolongar a vida do dr. Laureano com a aplicação da sua *Soroterapia*. Foi o primeiro a penetrar no quarto do enfêrmo. A seguir, fomos introduzidos juntamente com o padre Afonso.

★

Um homem moço, de 36 anos de idade, sabe que vai morrer dentro de breves dias. Deveria sentir-se como um condenado que aguarda a execução da sentença: triste,

O DR. LAUREANO, apesar de seu melindroso estado, nunca recusa a atender aos que o visitam. E nunca lamenta o seu estado.



— «CASAMO-NOS NO DIA 29 de julho de 1944. Esperamos anciosamente uma filhinha. Como essa não veio, adotamos uma recém-nascida, Maria do Socorro, que agora conta 4 anos de idade. Nossa filhinha — disse d. Marcina, foi sempre o ponto máximo do ambiente de harmonia e compreensão em que vivemos durante êsses 6 anos de completa ventura. Recordar tudo agora seria impossível...»



O SR. CAIO MIRANDA mostrou-se sempre atento e atencioso durante o desembarque, protegendo sempre o dr. Laureano de qualquer atropelo.

apreensivo, abatido. No entanto, não está. Pelo contrário... disse êle: "Estou bem disposto... não estou abatido. Sinto renascerem as minhas energias, para iniciar uma campanha em favor dos cancerosos brasileiros. Sinto-me feliz, também, por ver tanta gente moça disposta a comigo colaborar nesta campanha de redenção nacional."

A investidura do dr. Laureano vem provocando debates científicos e filosóficos artigos de grandes jornalistas patrícios. Aqui está, por exemplo, um trecho do artigo intitulado — "Mártir da Ciência e da Fé" — do dr. Danton Jobim:

"Alguém disse que, diante de certos homens, experimentamos um sentimento de frustração de nossas próprias vidas. Em face de um drama como êsse, do dr. Napoleão Rodrigues Laureano, somos levados a meditar sôbre certos desígnios da Providência, que nos distrai subitamente das coisas do mundo para entremostrar-nos os caminhos da fé.

Sem dúvida, a grandeza dêsse homem está em ter ultrapassado o marco das fragilidades humanas, recusando um fim tranqüilo, na confortadora companhia dos seus, para aproveitar os últimos dias da existência no desempenho de uma grande tarefa humanitária. Ao invés de contemplação, *in extremis*, preferiu o médico paraibano reunir suas derradeiras energias para concentrá-las na batalha contra o mal que em breve o levará dêste mundo.

O heroismo dessa atitude vai elevar o seu nome às culminâncias em que, na imaginação dos povos se apresentam



SORRIDENTE o dr. Laureano espera a morte. Mas enquanto ela não vem êle traça planos para incremento de sua campanha de combate ao câncer..



DOMINGO DE RAMOS o dr. Laureano foi receber a bênção de padre Antônio, que ainda se acha em convalescença no Hospital dos Marítimos, nesta Capital. Penetrou no quarto do piedoso sacerdote amparado, mas, ao sair, após a bênção, andou sòzinho, até ao automóvel. Na foto aparecem além do casal o dr. Candeixa Filho, médico que operou o reverendo.



DETALHE da bênção que o Padre Antônio concedeu ao dr. Laureano. O livro de orações usado para o ato que tem aliviado muitas dôres.

os grandes mártires da ciência. Mas que importa isso para um homem que vai morrer? A glória é o sol dos mortos, mas sòmente os vivos podem aquecer-se sob seus raios. E' uma luz de estrêlas mortas que nos chega dia a dia mais tênue e só vive no reflexo de nossa admiração e de nossa saudade.

O que importa na vida, ou melhor, na morte de Laureano é que ela supera a tirania dos instintos e revela no homem a centelha divina, que, esta sim, pode bruxolear ao sôpro da desesperança, mas nunca se apaga."

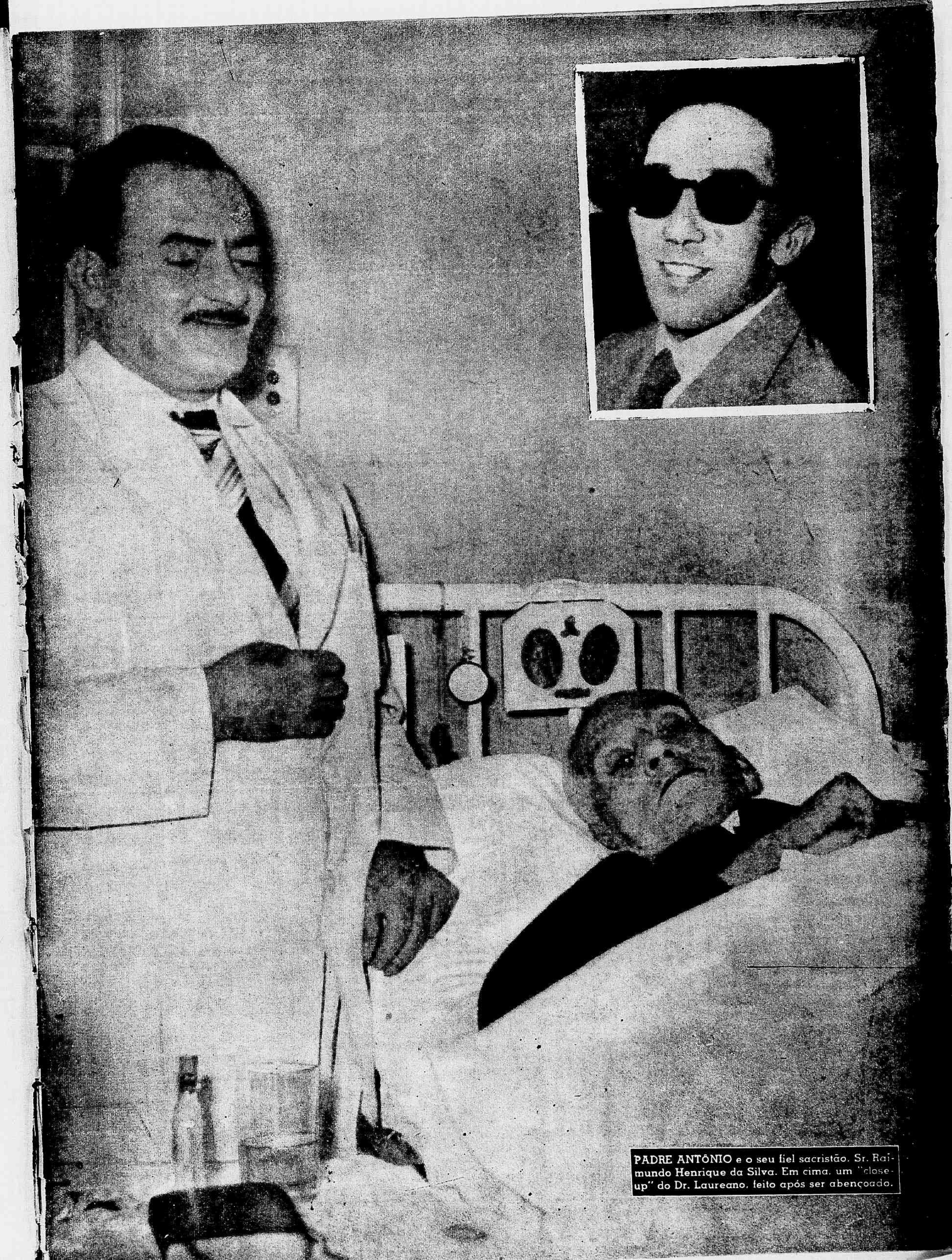
NO "DIÁRIO CARIOCA"
com os cientistas

Às 11 horas precisamente deixamos o dr. Laureano com o seu confessor e amigo de infância. Às 14,30, no entanto, fomos encontrá-lo novamente na *Mesa Redonda*, com cientistas, que o "Diário Carioca" promoveu e na qual tomaram parte o dr. Simões Filho, Ministro da Educação e Saúde; dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional do Câncer; dr. Sérgio de Azevedo, vice-diretor do Serviço Nacional do Câncer; dr. Alberto Coutinho, presidente da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos e chefe do Serviço Clínico do Serviço Nacional do Câncer; dr. Jorge Marsilac, cirurgião do S.N.C.; drs. Ozolando Machado e Antônio Pinto Vieira, radioterapeutas do S.N.C.; drs. Adair Eiras de Araújo e Turibio Braz, cirurgiões do S.N.C.; dr. Fernando Gentil; dr. Danton Jobim, diretor

(Cont. na pág. 46)



NO MOMENTO foi dado ao enfermo, para que êle segurasse, a imagem de Nossa Senhora das Graças. Foi um momento que emocionou a todos.



PADRE ANTÔNIO e o seu fiel sacristão, Sr. Raimundo Henrique da Silva. Em cima, um "close-up" do Dr. Laureano, feito após ser abençoado.

REVISTA DA SEMANA

Ano LI ★ 13 ★ 31-3-51

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 229, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

CONDECORADO



Ainda está bem viva na memória de todos os cariocas a quase tragédia do bondinho do Pão de Açúcar. Embora sem maiores conseqüências, o acidente com o cabo de transmissão ou coisa semelhante proporcionou grandes angústias aos que estavam no veículo e em tôda a população do Rio e dos Estados tal a repercussão que teve o episódio, levado pelas reportagens radiofônicas de nossas emissoras. Segundo testemunhos de repórteres que lá estiveram, houve muitos heróis na luta da salvação dos turistas e visitantes do Pão de Açúcar e Urca. Entretanto, foi o eletricista Augusto Gonçalves aquêle que polarizou tôdas as atenções, pelos seus gestos de coragem e bravura diante do perigo, descendo por uma corda para a escosta da Urca e dali, subindo a pé até à estação do morro, providenciando imediatamente os meios de salvação dos prisioneiros do carrinho suspenso no abismo. Em verdade, o sr. Augusto Gonçalves foi um símbolo; mas, houve muitos outros que mereceram destaque, inclusive um operário que saiu ferido na cabeça ao dar a manivela da roldana para movimentar o carro de emergência. Os braços que puxavam o cabo incessantemente, aquêles homens simples de cuja fôrça muscular dependia a salvação dos acidentados, molhados de suor, exaustos de fadiga, fazendo esforços incríveis, substituindo a muque a fôrça da energia elétrica cortada, também foram dignos de louvores, de prêmios e condecorações. Entretanto, sòmente o sr. Augusto Gonçalves apareceu como o único a merecer tais aplausos e prêmios. Seu feito comoveu e o tornou credor de tôdas as benemerências do povo e do govêrno. Foi bem recompensado e até os filhos foram protegidos pelo govêrno com estudos gratuitos. Recebeu vários prêmios em dinheiro e agora o Chefe da Nação o condecorou com a Medalha de Honra, da Ordem Nacional do Mérito. Tudo muito justo; mas, e os outros que tanto se esfolaram nos trabalhos de salvação? Sem diminuir o feito heróico do eletricista, achamos uma injustiça esquecer tantos outros bravos da noite de 20 de fevereiro. ....

E' DEDO OU NÃO E'?



Aí pelos tempos do Govêrno Hermes, apareceram uns chineses no Rio e causaram estupefação entre cientistas, bem como sensação entre o povo carioca. Segundo afirmavam os amarelos e era confirmado pelos seus admiradores e "clientes", todos nós tínhamos bichos nos olhos. Então começou a teima: — os olhos têm bichos? — "Têm! Não têm!" Os chineses deram espetáculo até em redações de grandes diários do Rio, fiscalizados por médicos, professôres, jornalistas, autoridades civis e militares. Um dia, porém, chegou-se à conclusão de que os bichinhos que os chineses "retiravam" das pálpebras do povo nada mais era do que um embuste: êles, os chins, conservavam os bichos na bôca, e quando mexiam nos olhos do paciente com uns estiletes de madeira, iam transmitindo para o "aparelho cirúrgico", os tais vermes que estavam causando intranqüilidade a todo mundo e intrigando a alta classe médica. Segundo disseram os comentadores, quem desmascarou os chineses foi um estudante de medicina, que nos obrigou a ficar com um sorriso amarelo... Esta lembrança nos veio agora com a história de um dedo de criança dentro de pedaço de linguiça. O assunto foi comentado por todos os jornais do Rio e, depois de quase um mês do acontecimento sensacionalístico, ainda está a população sem saber se se tratava mesmo de uma falange de mão infantis, ou se era conversa prá gato caír do telhado. Um dos médicos, aliás, pertencente a Instituto de Aposentadoria e Pensões, afirma que é dedo de menino. Contra esta opinião, declara o diretor do Instituto Médico-Legal, que absolutamente não é dedo de menino. E agora? O impertinente achado descoberto por acaso como o Brasil, vai (ou já foi) examinado mais detidamente por poderosos aparelhos de precisão histológico-anatômicos, e todo o Rio espera a verdadeira verdade: era mesmo dedo de criança ou há apenas "dente de coelho" nessa história?

O PEIXE SUMIU



Todos os anos, às vésperas da Semana Santa, o Rio sofre a guerra de nervos entre os tabeladores do pescado e os senhores que vivem de esfolar o bôlso do consumidor. As intenções dos poderes públicos são boas. Manter uma tabela durante os dias consagrados à Paixão do Cristo, a fim de que os novos "judeus" não crucificem os comedores de peixe é obra de caridosa benemerência; mas há uma particularidade para a qual os poderes oficiais e a CCP devem lançar suas vistas: qual a tabela a que estão sujeitos os que vendem aos peixeiros? Segundo tem apurado a imprensa, os donos de peixaria não vendem caro pelo simples desejo de elevar preços, e sim porque já adquirem o produto a preço elevado. Um dêsses heróis dos dois mundos chegou a dizer ao repórter: — "Desde madrugadinha estou plantado à beira do cais esperando os barcos pesqueiros. Mas, quando vou fazer minhas compras, desisto. Peixes grandes, de primeira, com cabeça e tudo, se fôsse comprar pela "tabela" dêles, teria fatal prejuízo obedecendo a tabela do govêrno. Que posso fazer?" Resultado: muito antes da Semana Santa já não se encontra peixe no varejo. Há apenas peixinhos pequenos, coisa parecida com sardinhas. Peixe em posta, peixe para filé, só indo pescar lá pelas alturas da Ilha da Trindade. Que poderão fazer as autoridades públicas? O jeito seria aumentar a pescaria e impor tabelas aos vendedores em grosso. E nesta luta intensa quem sai prejudicado é o pobre povo, que fica sem peixe para alternar com carne e galinha morta. Mas, por falar em ilha da Trindade: que fim levou aquêle programa salvador do ministro João Alberto? Será que o programa lhe deu água pela barba? Conformemo-nos, leitor, com a crise de peixe e com a greve do mar. Façamos orações para que surja um novo Messias e faça encher de peixe as redes dos futuros Pedros, novos milagres nestas épocas de tanta falta de crença e fé...

A TRAGÉDIA DAS SECAS



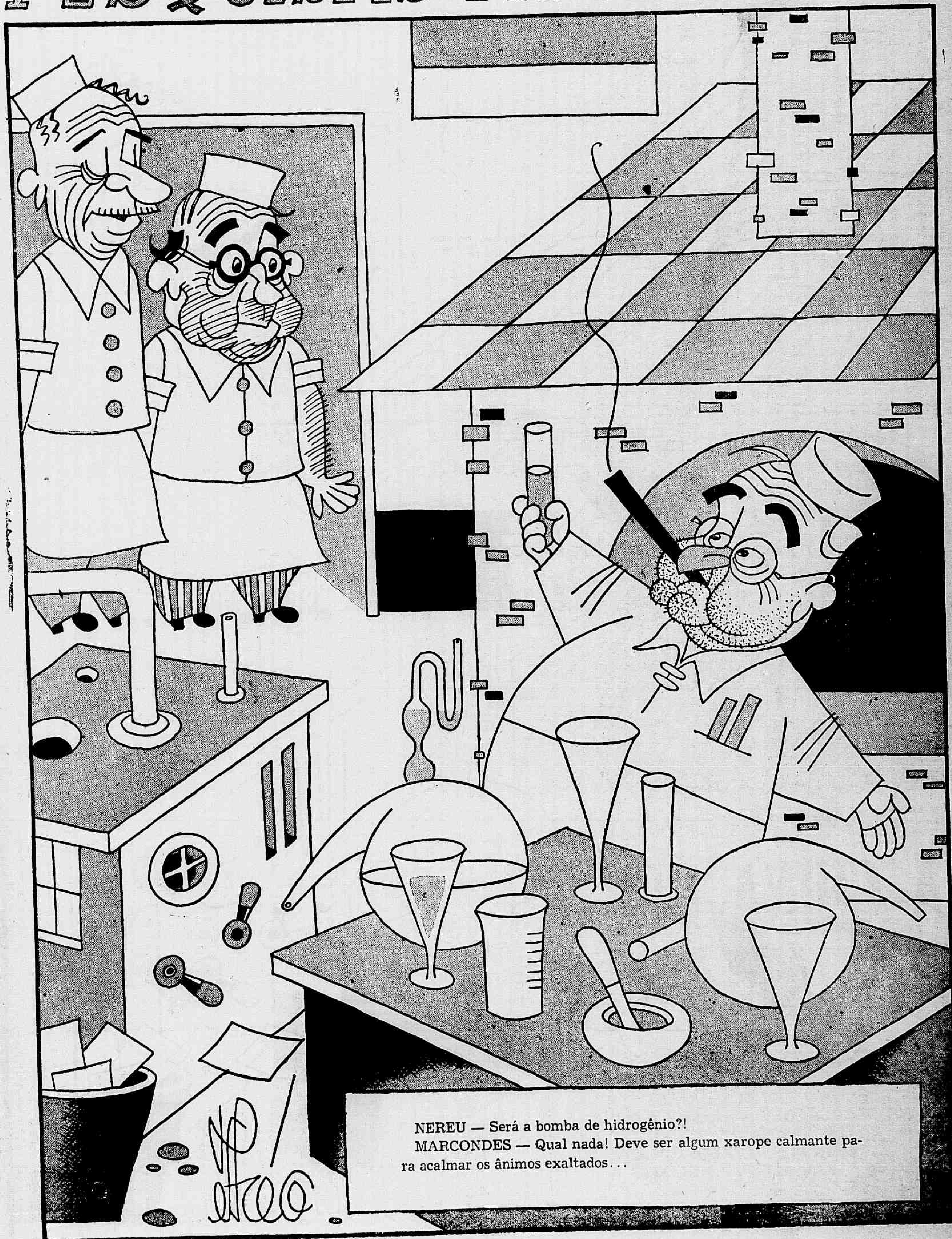
A primeira calamidade de que há notícia neste país, em relação a sêcas, verificou-se no Ceará, em 1608, mais ou menos. Àquele tempo o nordeste brasileiro era apenas povoado pelas tribos selvagens, exceção de pequenas feitorias e povoados no litoral de Pernambuco. O mais era a selva. Mas a história das sêcas no nordeste registra essa calamidade inicial. Depois, foi o ciclo permanente das longas estiagens, culminando com a famosa 77 (1877), que ainda nos deixa com o coração esmagado pelas desgraças que causou em todo o nordeste brasileiro. Foi nessa ocasião que o Imperador Pedro II teve aquela famosa exclamação: "Venderei o último brilhante da Coroa, mas não deixarei um cearense morer de fome". Teve ainda, naquele tempo, a idéia salvadora de ordenar a construção do grande açude de Quixadá, uma das nossas mais belas e úteis barragens, início de um programa de obras contra as sêcas, sempre começado e sempre abandonado por falta de verba... Depois de 77 outras sêcas vieram; mas, houve uma que repetiu a tragédia daquela: a de 15 (1915). Há sôbre essa calamidade farta literatura de ficção e de verdade. No período Epitácio Pessoa o govêrno federal tomou a peito a luta contra a falta de chuvas no nordeste. E foi organizado o mais eficiente e vasto programa. Todo o sertão do nordeste seria salvo das agruras das sêcas pela açudagem em escala de grande magnitude. Estradas de ferro, estradas de rodagem, barragens estupendas como a de Oros, que completa, seria o maior lago artificial do mundo, com um volume d'água maior duas vêzes e meia à da Baía de Guanabara! Mas a falta de verba, etc., etc., e tudo ficou como dantes no quartel de Abrantes. E as sêcas chegaram agora. Maranhão, Piauí, Ceará, já estão com as procissões de retirantes em busca do litoral. E' a tragédia que se repete de quando em quando porque não há verba... Daqui a poucos dias, teremos integrando aquêle exército de famintos, mais os Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Bahia, Sergipe... Até quando?

A PERSONAGEM DA SEMANA

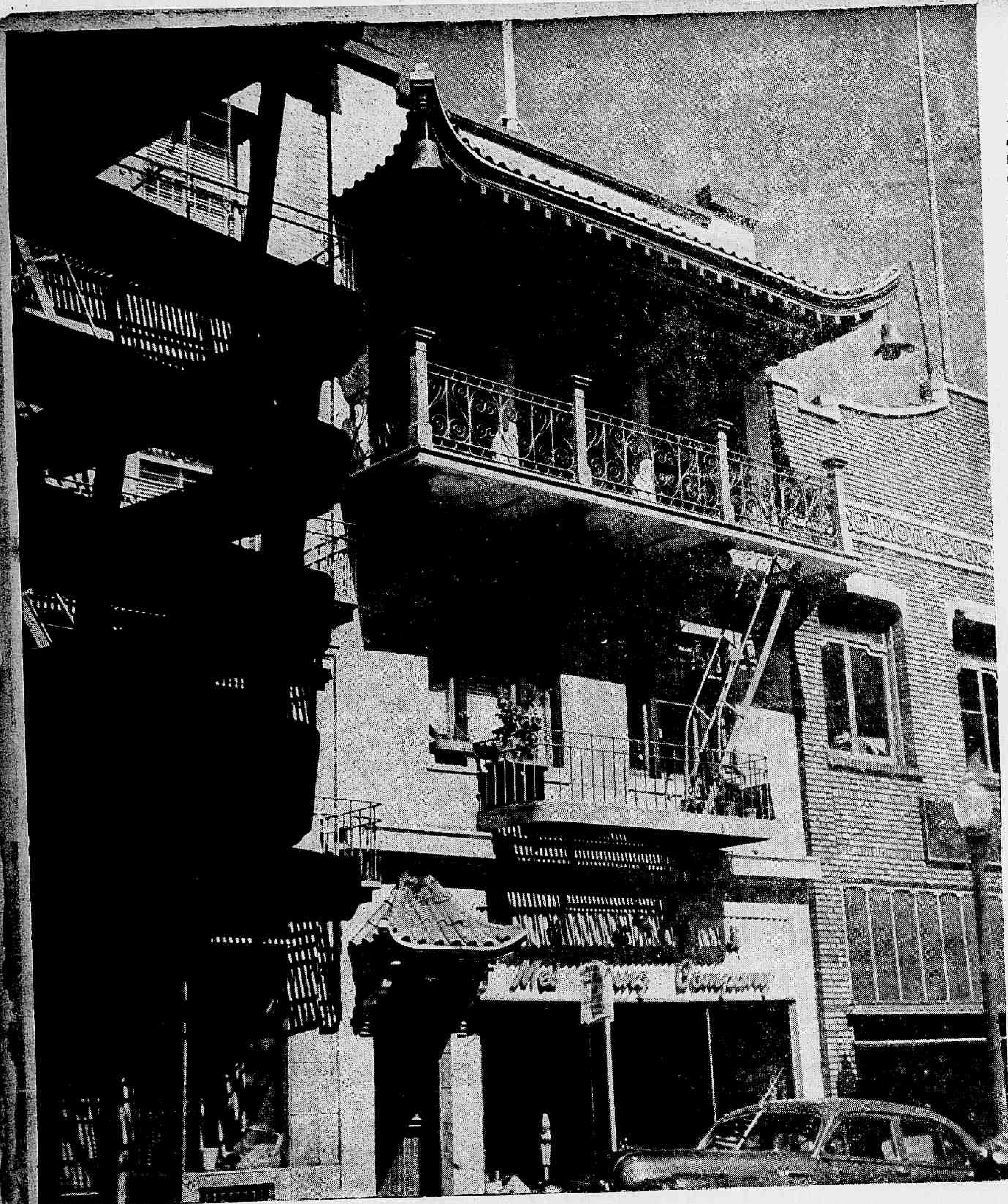
O drama do dr. Napoleão Laureano, médico paraibano que caminha para a morte com o maior estoicismo, continua a impressionar a opinião pública do Brasil. Embora não seja um caso isolado nos anais da clínica de nosso país, pois que o câncer se apresenta em nossas estatísticas demográficas com cinco vítimas em cada dez mil brasileiros, anualmente, o episódio que emociona o Brasil tem um lado absolutamente inédito. E' que o dr. Laureano, ao invés de ficar silencioso numa enfermaria de Casa de Saúde ou de hospital daqui ou do estrangeiro, teve esta decisão dramática e heróica: alertar o govêrno, a sociedade e o povo, para que a nação inteira se aperceba dos perigos do câncer e sejam instalados nosocômios destinados aos que, atingidos pelo mal, ainda podem salvar-se. O dr. Laureano, médico-cirurgião com clínica na Paraíba, surpreendido com o avanço da doença, foi amparado pelos próprios colegas e amigos do seu Estado, reunindo recursos necessários para uma tentativa de cura nos Estados Unidos. Mas, infelizmente, já o "morbus" havia avançado excessivamente e lá o desenganaram. Que fazer? Resolveu então voltar para morrer em sua terra natal, a Paraíba, onde ocupara a presidência da Câmara dos Vereadores na legislatura atual. Sua espôsa, que lhe serve de enfermeira dedicada e constante, concordou com essa atitude do médico e pai de família exemplar, e com êle regressou da América do Norte. Começou então a segunda fase dêsse drama que o cirurgião está vivendo entre as emoções de todo o povo brasileiro. Êle caminha impàvidamente para a morte como os cristãos dos tempos de Nero, para o sacrifício em busca de um ideal. E' um estoico, e o linfossarcoma que o aniquila minuto a minuto, hora a hora, dia a dia, vai-lhe abrindo a sepultura, enquanto êle brada ao govêrno e ao povo, à classe médica e à sociedade brasileira, para que os esforços conjugados livrem a nação de não grande e insidioso perigo. Para isso já obteve do próprio Chefe do Govêrno brasileiro a promessa da instalação de um hospital para cancerosos na Paraíba, que terá o nome de "Fundação Laureano". A morte o encontrará dentro em pouco; mas, com sua morte, muitas vidas serão salvas.


Dr. Napoleão Laureano

PESQUISAS ATOMICAS?!.



NEREU — Será a bomba de hidrogênio?!
MARCONDES — Qual nada! Deve ser algum xarope calmante para acalmar os ânimos exaltados...



ESTA é uma das edificações dos chineses residentes em S. Francisco da California, Estados Unidos da América do Norte. O estilo é heterogêneo, mas o gosto tradicional chinês realça dos detalhes arquiteturais, formando um conjunto bastante curioso e agradável à vista pelo ineditismo.

A CHINA DENTRO DA AMÉRICA

PODERÁ ESSA IMENSA COLÔNIA AMARELA DOS ESTADOS UNIDOS TRAZER DIFICULDADES A WASHINGTON? ★ QUAL O EFEITO DA ATUAL TENSÃO DA CHINA ★ ESTADOS UNIDOS NA ALMA DOS CHINESES?

Texto de JOÃO ALVARENGA   Fotos KEYSTONE

NÃO se pode imaginar o drama que atualmente vivem os quarenta mil chineses residentes da "Cidade Chinesa" de São Francisco da Califórnia, nos Estados Unidos. Como sabemos, os que ali vivem, trabalham e lutam pelo progresso da comunidade, não são, em sua totalidade, cidadãos norte-americanos. Muitos dêles vieram para os Estados Unidos depois que a China de Chiang-Kai-Shek foi dominada pelos comunistas de Mao Tse Tung, e ainda se conservam como filhos daquele imenso e sofredor país asiático.

Com a situação criada pela Coréia, tendo seu país entrado francamente na luta dos coreanos do norte, os chineses de São Francisco se vêem numa situação incômoda e positivamente perigosa. Êles não fazem nenhuma política, especialmente a dos comunistas de sua pátria; mas, como se poderá saber, ao certo, até onde vai essa renúncia à terra natal e aos seus patrícios?

A maioria, porém, é de famílias que datam de mais de um século na árvore genealógica dos seus ancestrais. Já são norte-americanos para todos os efeitos, com direito de voto e tôdas as prerrogativas do cidadão natural do país. Para a Califórnia vieram os primeiros chineses, a fim de trabalhar em minas, em estradas de ferro, etc., contando-se aos milhares os trabalhadores, todos êles pagos a baixo salário e se conformando com pouca coisa para viver e sustentar a família.

Resultou disso tudo que, atualmente, é a "China Town" da Califórnia, a maior comunidade chinesa que há no mundo fora da própria China, excetuando-se apenas a de Hong-Kong. Mas isso se explica, uma vez que Hong-Kong, possessão inglêsa, está encravada às ilhargas da própria China continental, enquanto os Estados Unidos estão separados daquele longínquo país asiático pela imensidão do Pacífico.

No seio dessa considerável massa de amarelos, há centros totalmente chineses, enquanto outros se apresentam um tanto mesclados. Em derredor da Grant Avenue, Sutter Street e Clay Street, lá pelos mais altos da colina, tanto os habitantes, como os estabelecimentos comerciais e de diversões, são inteiramente chineses. Os visitantes da cidade têm esta surpreendente impressão: achar-se, de momento, entre uma cidade ocidental, e, de súbito, entrar numa oriental. O Ocidente e o Oriente a enfrentar-se de maneira curiosa e inédita.

A arquitetura se mantém chinesa, amarelas são as faces dos habitantes da comu-



CRIANÇAS da «China-Town», de S. Francisco, divertem-se num «Jardim de infância» da localidade, disputando partidas de xadrez, jôgo muito popular no mundo inteiro.



QUEM ESTÁ EM S. FRANCISCO DA CALIFORNIA e passa alguns metros além de Sutter Street, fica abismado com um mundo absolutamente novo a impressionar a vista e a perturbar os sentidos. Tudo o que nos cerca dá a impressão de que estamos numa rua de grande cidade chinesa, em plena Ásia. Apenas letreiros em inglês fogem à regra.



FRED TOM um americano de «China-Town», vai ao hospital e apanha o «baby» que deixara ali, como de costume. Para evitar confusão, tudo é feito com documentação pessoal.



CENA NUMA das Agências Postais da «China Town», na qual é permitido o uso bi-lingue de clientes e funcionários, como podemos ver pelos «editais» com a grafia chinesa.

ISSO, LEITOR, é uma discotéca chinesa: música e letra.

A CHINA. . .

nidade e até as lâmpadas da iluminação pública são ao gôsto chinês, ou sejam, aquelas lanterninhas delicadas e poéticas. Apenas os letreiros são em duas línguas: chinesa e inglêsa. O Departamento Federal dos Telégrafos mantém agências postais e telegráficas no estilo chinês, bem como o "Telephone Exchange" também é assim.

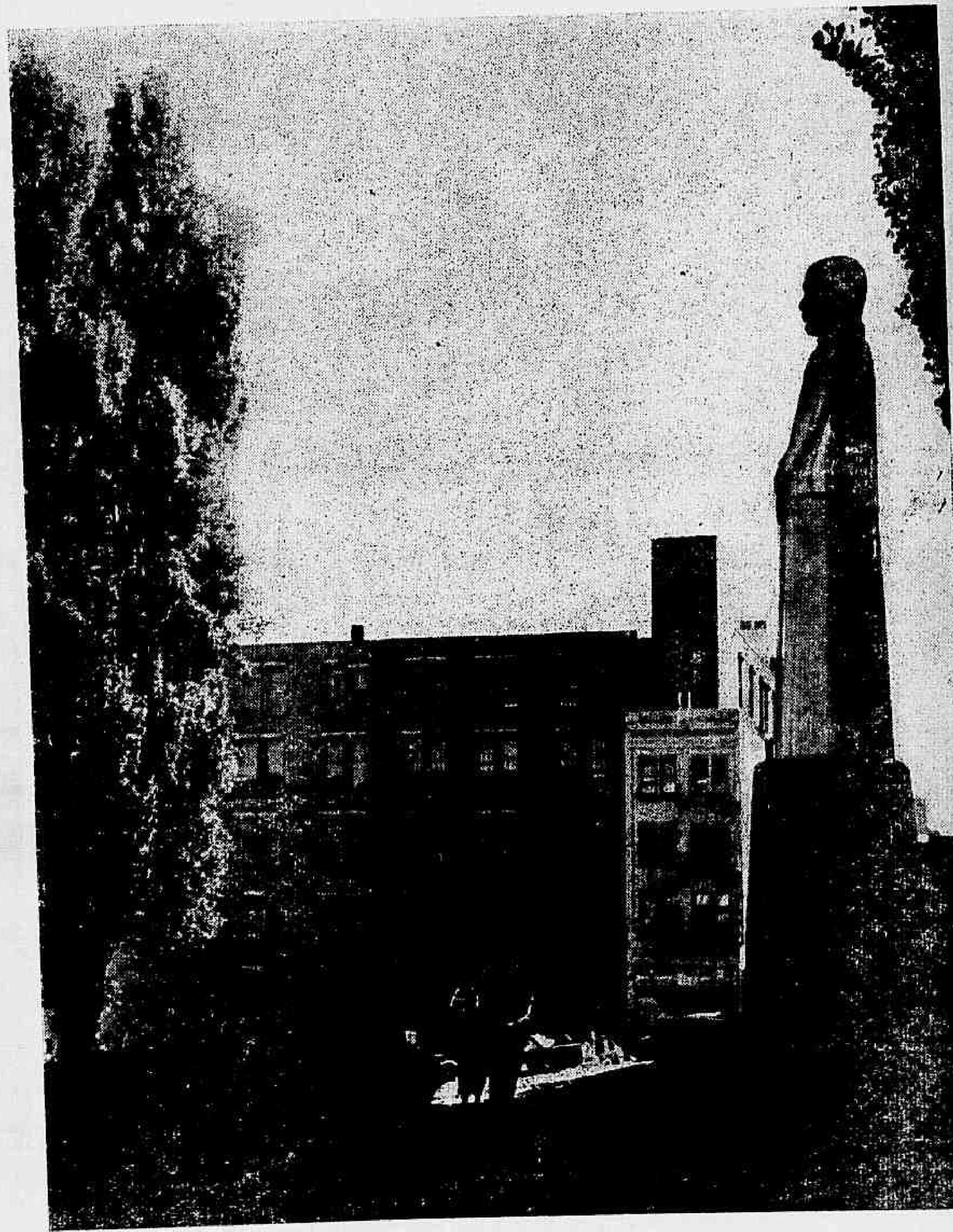
O comércio, em geral, é todo êle ao sistema chinês, e há cinemas que exibem filmes chineses. Mas uma das maiores atrações está no "Night-Clubs" dessa cidade misteriosa e mundialmente conhecida que é São Francisco da Califórnia. Na "China Town" os cabarés apresentam grandes corpos de coristas e bailarinas chinesas, tipos cuidadosamente escolhidos pelos "experts". O público e os turistas muito apreciam as chinesinhas a dançar, a cantar, a saracotear.



NUM ESTABELECIMENTO de ensino na Cidade Chinesa da California, esta irmã, também asiática, presta assistência aos alunos e instrui uma das educandas em leitura inglêsa.

CRIANÇAS CATÓLICAS ajoelham-se diante de uma virgem de semblante chinês e fazem suas orações e pedidos. Certamente para que nunca lhes falte o «arroz de cada dia».





HOMENAGEM dos chineses norte-americanos ao seu herói nacional, Sunt Yat Sen, grande líder do seu povo, imortalizado numa curiosa e característica estátua de metal luzidio.

tam-
lêsa.



PELA PRIMEIRA vez em tôda a história da «China-Town», uma assembléia de líderes chineses da América do Norte foi fotografada em plena sessão. Mas não era nada oculto.



A CIDADE CHINESA de S. Francisco também possui a sua emissora. Aqui vemos a locutora anunciando o programa em chinês para todos os patrícios da América do Norte.

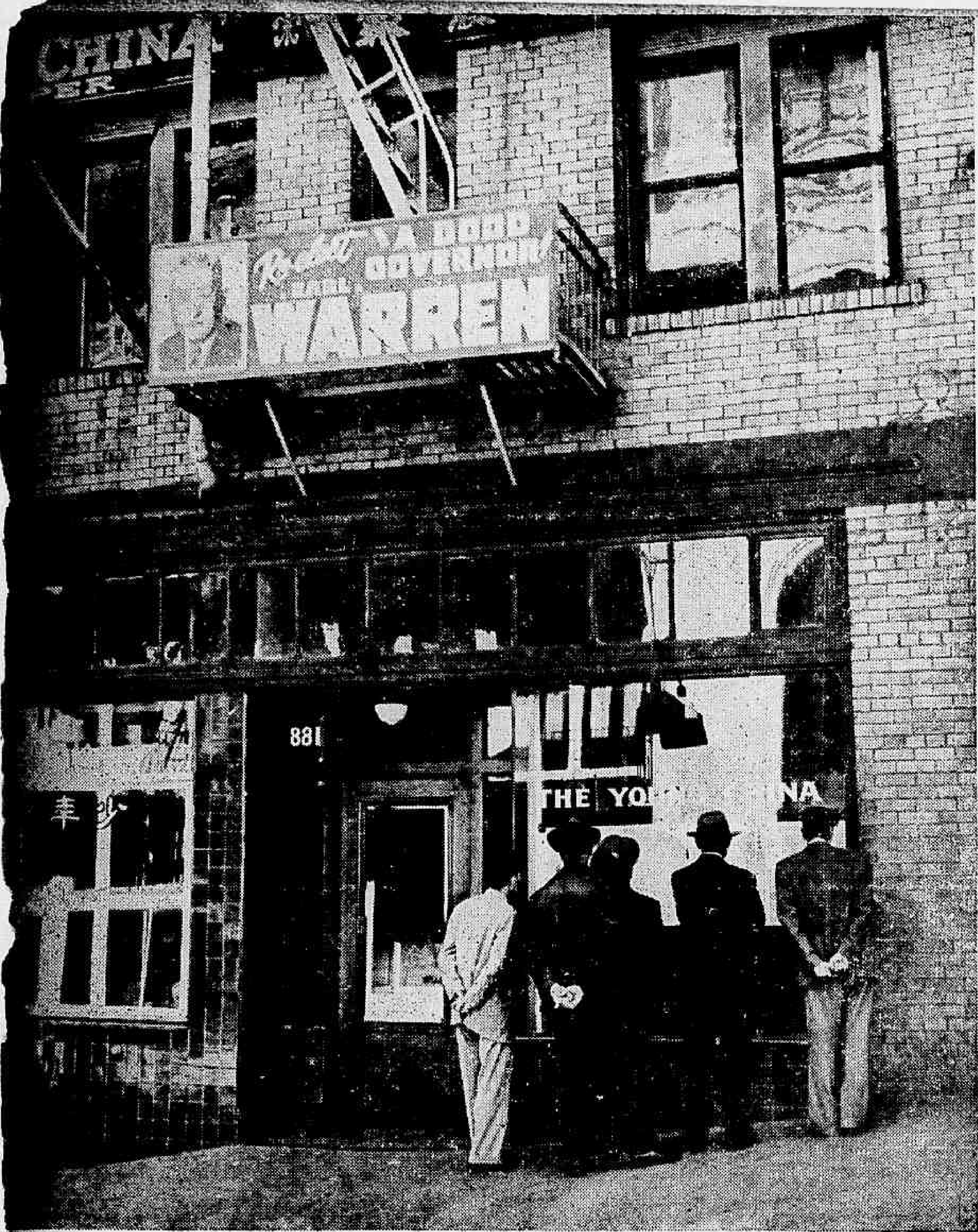


OS CHINESES e seus descendentes nos Estados Unidos já não seguem os hábitos e costumes da terra original tão distante. E fazem compras como qualquer cidadão ianque.



ESTA SENHORA é espôsa de um marujo que serve na Marinha de guerra dos Estados Unidos. Como faz diàriamente, esteve ela no templo chinês a orar pela vida do seu espôso.

n, grande
luzidio.



MESMO QUEM é analfabeto em qualquer língua sabe perfeitamente que aqui se vendem calçados. Ou então se consertam os mesmos, segundo está escrito em chinês e em inglês!

A CHINA DENTRO DA AMÉRICA



OS CHINESES de S. Francisco muito apreciam a leitura de jornais, especialmente agora com a tensão internacional. E procuram tirar uma «casquinha» diante do «A Jovem China».

Tudo contém esta admirável cidade de uma raça florescendo dentro de outra muito diversa. Hospitais, creches, educandários dirigidos por Irmãs de Missões religiosas, escolas de todos os graus, indústria, comércio, diversões, Bancos, etc., de maneira que os chineses na sua comunidade não se vejam atrapalhados para obter o de que precisem.

Nota-se, apenas, uma geral ocidentalização quanto aos vestuários, tanto entre homens, como entre as mulheres. Entretanto, a língua é usada liberalmente, sem qualquer restrição, e muitos dos usos e costumes, especialmente os de caráter religioso são mantidos e respeitados.

Os chineses de "China Town" gozam de liberdade como se fôssem nascidos na América; e milhares dêles já o são, apenas conservando os caracteres chineses por uma questão de hereditariedade. E' êste um dos mais interessantes exemplos de tolerância e desejos de viver em paz com todos os povos da terra.



Como não poderia deixar de ser, a Cidade Chinesa de São Francisco da California tem sua vida noturna bastante animada. Aqui vemos um grupo de «girls» de olhinhos de amendoa em descanso ou a tagarelar, enquanto outras fazem tricô. E' que ainda não chegou a hora do trabalho, o que se estende por tôda a noite... tôdas as noites!

QUEM NINA O NENÊ?



CONTO DE AFONSO CELSO DE OLIVEIRA ★ ILUSTRAÇÃO M. QUEIROZ

NÃO me perguntem como foi que presenciei a tramóia que vou descrever. Se fui indiscreto ao procurar ouvi-la, mais o seria relatasse o meu processo de enfiar o nariz aonde não sou chamado. Iguais a mim, surgiriam aos montões. Pois êsse é o fraco de todo mundo. E o mais engraçado da história, é ser o nariz, o que nada faz, o mais inocente de todos os nossos órgãos nesse negócio, ser justamente êle o bode expiatório. Primeiro o ouvido capta as vibrações audiveis pelo ser humano. Depois a cabeça gira, para que os olhos vejam, enquanto as pernas nos levam até onde ficaremos a ver ou ouvir, ou ver e ouvir. O nariz só entra em cena se estivermos atrás de uma porta, ou espiando pelo buraco da fechadura. Ai do «nazo» se for pressentida a nossa presença! A porta será violentamente aberta para o nosso lado, e... era uma vez um nariz. Mas, se não houver nada anormal o cérebro registrará tudo! Para depois a língua... ah! trapinho ferino! Vão dos vinte aos quinze mil ciclos aproximadamente, as vibrações perceptíveis por nós. Cabe dentro dêsse limite, desde o som gravíssimo de um tubo de órgão, até os agudíssimos apitos e chiados. Mas... isso pouco nos interessa! Sejamos francos! O que mais nos intriga, é o sussurro de dois «pombinhos» estacionados sob nossas janelas, o falatório daquelas mulheres ali na esquina, ou, enfim, mil outras cousas. E nesta história, que já estou custando a desembuchar, tudo começou com uma estrepitosa gargalhada feminina. Eu estava, digamos, «velejando» por uma das principais ruas residenciais da cidade quando ouvi aquêle som tão espontâneo e gostoso. Entrei logo em ação: — Você está louca, Margarida! Que é isso, agora! Gargalhando aí sòzinha, e, assim tão alto!

— Nada disso, Miloquinha: Se você soubesse do que é que estou a rir, aposto que faria o mesmo. Venha cá; não posso dizer muito alto; é cousa daqui bem de perto...

O assunto girava em tôrno de alguém que morava na casa defronte. Olho para aquêle lado, e ràpidamente analiso e comparo as duas residências: a falada, e a de onde falam A primeira, palacete rico, de linhas severas, muito parecida aos palácios mal assombrados de romances inglêses. E a segunda, mesmo sendo a mais humilde construção de tôda a rua, respirava alegria e vida por todos cantos. Mas se não tivesse a circundá-la o jardim bem tratado, e aquelas cortinas verdadeiramente maravilhosas nas duas pequenas janelas, a casita não passaria do que foi: um puxado para despejo, ou residência de empregados, do casarão ao lado. Do palacete, alguém logo por mim identificado, — o «tesourado» pelas duas irmãs, desce os poucos degraus da escada que dá acesso à porta principal, e sai à rua, dirigindo-se para cá. Bate palmas, um tanto hesitante, baixinhas e polidas: o bastante para não serem ouvidas, mesmo repetidas várias vêzes. Abriu, então, delicadamente o portãozinho e atravessou os seis ou sete metros de jardim que medeiam a casa e a rua. Ia bater, mas... não bate. Não disse? Foi só dar-se a oportunidade, e... ali estava mais um colega. E, por sorte, a ouvir duas inocentes e lindas criaturas a se intrometerem na vida dêle, justamente dêle! — E agora, — rematou Miloquinha sorrindo — só quero ver quem vai ninar o nenê.

Juquinha (era êsse o nome do nosso «pimpolho»), volta apressado para a rua. Tenho a impressão de que êle esteja «fulo da vida» e «dê o fora»! Mas, não: vai até à entrada, e, de lá, com a mais deslavada inocência, bate palmas, vigorosamente. Mesmo assim, não é ouvido. Abre então a portinhola, e faz com que ela se feche com estrondo. Nada! Vem novamente, e pigarreando alto, até à porta; bate palmas fortes. Através das cortinas o devem ter reconhecido: pois foi água na fervura. Êle todo meloso, polido, quase maricas: — Bom dia, D. Miloquinha... — Bom dia sr. Juquinha! Como vai o senhor? Já está mais conformado? Não nos esquecemos de sua querida mãe! Tão boa!... Quase todos os dias vinha ver-nos. E sabe de uma cousa? Várias vêzes, aos sábados, quando nos apurávamos com as últimas entregas para os fregueses, ela fazia questão de ajudar. E passava a roupa com tanto capricho... Mas... ninguém pode ficar para semente... Lembra-se de mamãe? Quanto sofreu! Mais de um ano paralítica, ali na cama... E que golpe quando a perdemos!

(Cont. no próximo número)



NO MONROE, SEM DEMAGOGIA

«EU VIM DO SERTÃO DA BAHIA, moça, e o dr. Café vai arranjar lugar para eu dormir esta noite. Depois êle vai fazer minha internação. Meu filho votou nele, sabe?»

CAFÉ FILHO DESCOBRE O BRASIL

A FILA MADRUGADORA E A FILA RETARDATÁRIA ★ RETRATO PSICOLÓGICO DO HOMEM ★ COMO SE FAZ A DISTRIBUIÇÃO DE CARTÕES ★ ENTRE A MISÉRIA E O PITORESCO ★ UM ENCONTRO COMOVENTE, O POETA SERTANEJO E A MÉDICA QUE QUERIA UM EMPRÊGO ★ DRAMA DO INVENTOR ★ A VERVE DE CAFÉ FILHO.

Texto e Fotos de **JORGE LYRA**

— «D. CORINA, vamos ver o que podemos fazer no caso desta senhora!»

A cidade ainda não se entregou totalmente aos braços de Morfeu, os acordes das orquestras dos "cabarets" ainda embalam casais noturnos nesses antros de perdição, carros retardatários ainda passam em demanda de seus lares e já, em tôrno do Palácio Monroe, se vai formando uma extensa fila — é a fileira dos que desejam, a todo transe, uma audiência com o Dr. João Café Filho, vice-presidente da República.

Tôdas as segundas, quartas e sextas-feiras depois de meia-noite, quem passa pelo Monroe vê, sentadas no meio-fio do jardim que circunda o Palácio, centenas de pessoas que ali vão acabar de dormir deitadas na grama, a fim de não perder a oportunidade que Café Filho lhes oferece. E' comum verem-se pessoas, altas horas da manhã, devorando merendas adrede preparadas. Outras, sobraçando caixotes, bancos e até mesmo cadeiras, vão tomando lugar na extensa fila, obedecendo à ordem de chegada.

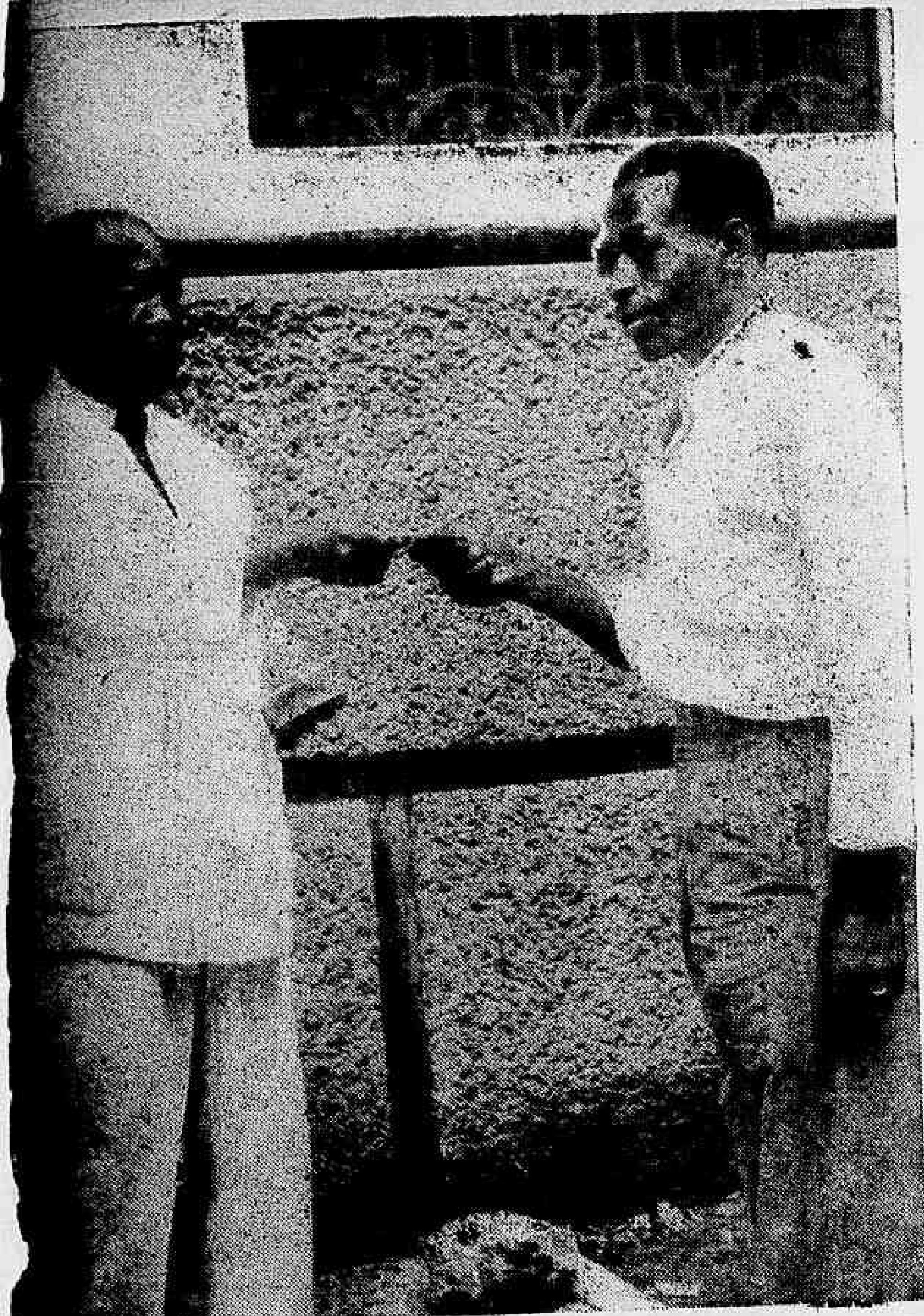
Quando os primeiros alvores do dia vêm anunciar o iní-



— «ESTÁ CHEGANDO A HORA» — parecem dizer êstes cidadãos que, desde madrugada, pacientemente, esperam a hora da distribuição de cartões. Ainda terão que esperar oito dias.



"MEU CASO é um só doutor, preciso de uma casa para morar" — diz esta senhora, dedo em riste.



— «QUANDO eu volto, môço? Dentro de oito dias? E', o «home» está sendo mais procurado do que eu imaginei!»



OS INSISTENTES só saem de frente à porta depois que tiverem esgotado tôda a sua «lábia». Mas os guardas não ouvem...



UMA CARTA de recomendação, caso comum no Monroe. Esta, pelo sorriso da assistência, deve ser muito interessante





— «QUAL é o seu caso?», pergunta Café Filho. A consulente de trás ouve atentamente para ver se é igual ao dela.

cio das atividades nas fábricas, nas repartições, nos escritórios, enfim, em todos os setores da vida da cidade, outra fila, em sentido contrário à dos madrugadores, se vai formando — é a enfiada dos que têm suas entrevistas marcadas para aquêle dia. A procura de cartões para audiências tem excedido tôda e qualquer expectativa, bastando citar, para corroborar a veracidade desta afirmativa, que estão sendo marcadas audiências para dez dias depois.

E' deveras notável o espírito de compreensão que existe entre os componentes das filas. Quando um cego, aleijado ou mesmo uma pessoa de idade avançada procura o guarda de serviço a fim de conseguir prioridade, ouvem-se, ao longo das fileiras, as observações do povo:

— E' justo. Coitado, é cego.

— Deixe êle entrar na frente, "seu" guarda.

Diante dêsse espírito de compreensão por parte dos principais interessados, os guardas não têm outra alternativa senão dar a primazia solicitada. A massa de que se compõem as filas é de uma heterogeneidade impressionante — moças de lânguidos olhares que procuram, debalde, captar a simpatia dos guardas inflexíveis e cumpridores dos seus deveres, rapazes engravatados de aspecto cinematográfico.

ENQUANTO mamãe conta seu drama, os filhos alheios a tudo e a todos, sorriem satisfeitos para o fotógrafo...



— «EU FIZ concurso doutor, fui aprovada e até agora não fui nomeada. Vim apelar para o SENHOR que é tão bom e que tem um bom coração». — «Vamos ver, diz o vice-presidente, o que podemos fazer pelo seu caso». Lê atentamente a carta e depois de abraçar a senhora chama a assistente e recomenda: — Tome nota do caso e providencie...»

mulheres vestidas de chita, graves senhoras trajando sêdas caras, gente tristonha e gente sorridente, policiais das mais variadas corporações, gente de tamancos e gente de sapatos caros, velhos alquebrados pelo pêso dos anos, crianças mal nutridas. Um aspecto, como dissemos, verdadeiramente impressionante e do qual a paleta de um pintor tiraria efeitos notáveis e imortais.

RETRATO PSICOLÓGICO DO HOMEM

Mais ou menos às nove horas e trinta minutos, o vice-presidente Café Filho dá entrada na Câmara Alta, cumprimenta um a um os seus auxiliares, senta-se à mesa e ordena que se dê início aos trabalhos do dia. Dada a ordem, os guardas se movimentam e enquanto um se posta à porta de acesso ao "hall" do Palácio, outro fiscaliza a fila do lado de fora, e outro ainda dispõe o povo em nova fila já dentro do Monroe.

Café Filho olha a extensão da mesma e faz uma observação aos seus assistentes:

— Muito trabalho, hoje.

Sorri para a reportagem e pergunta interessado:

— Que jornal?

— Somos da REVISTA DA SEMANA, retrucamos.

— Ah! muito bem, esteja à vontade. Você vai ter farto material de trabalho.

Agradecemos e ficamos observando o homem. Vai chamando um a um, cumprimentando, abraçando outros, sorrindo e, principalmente, ouvindo com tôda a atenção pos-

(Cont. na pág. 42)

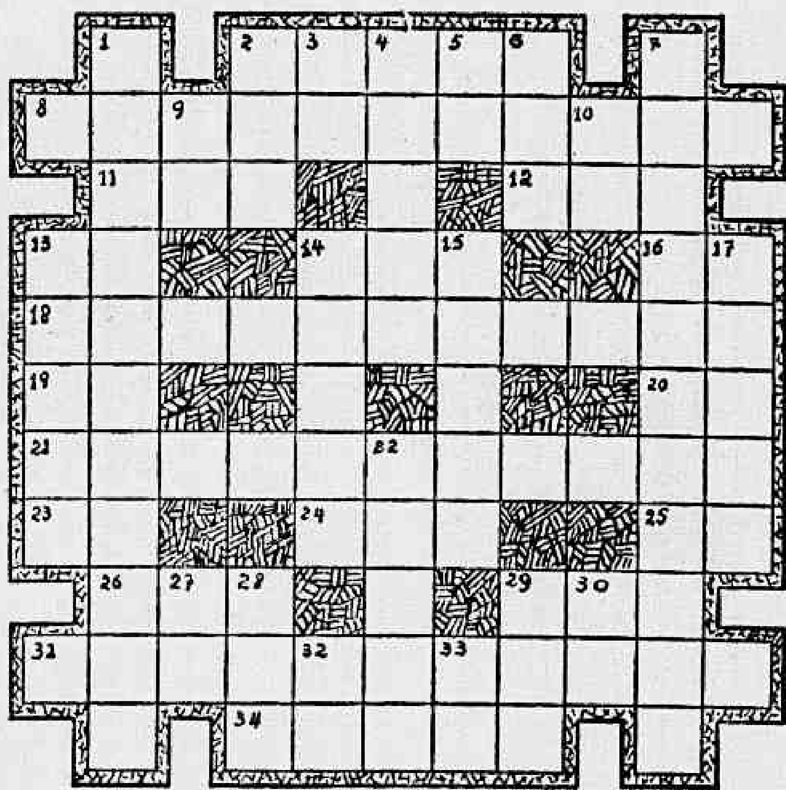


«FILA da esperança», foi batismo que o povo deu à fileira interna do Monroe. — «Será que eu consigo o emprêgo?»

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 45 -- PARA VETERANOS

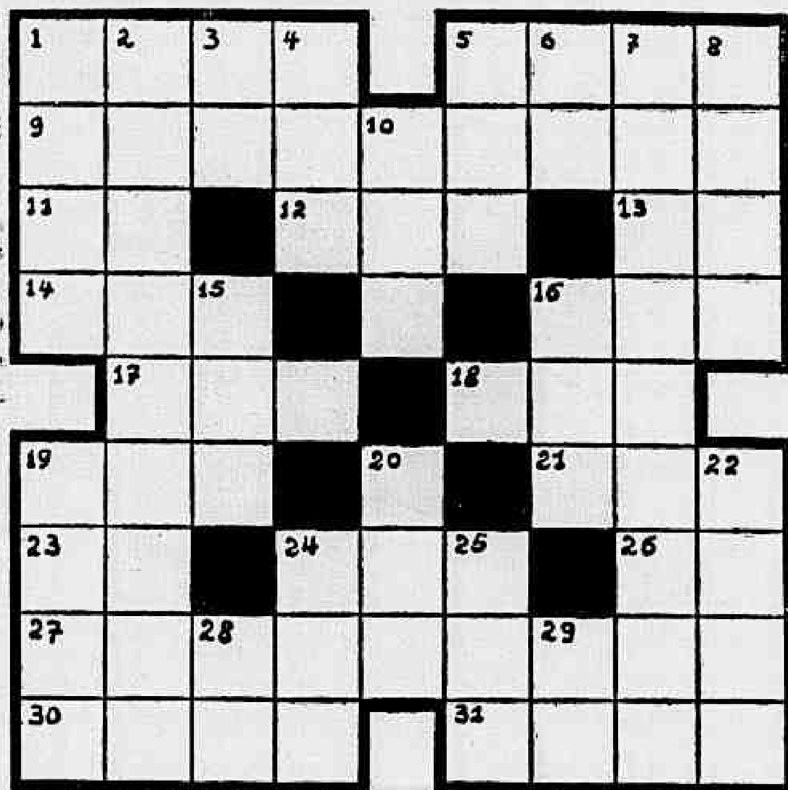
HORIZONTAIS: — 2. Adquirir na infância — 8. Toldo de palha das canoas (pl.) — 11. Fogão — 12. Nome antigo do iris do Egito, que se empregava em perfumes — 13. — Nesse tempo — 14. Camareira — 16. Bebida chinesa — 18. Tornar copioso — 19. Prisão — 20. Coisa sem valor — 21. Mixórdias — 23. Prefixo que traz a idéia de aproximação — 24. Açucena — 25. Medida de capacidade para arroz, usada no Cambodje — 26. Planta da família das Caparidáceas — 29. Tratamento carinhoso dado, na Índia, a meninas e mulheres casadas ainda novas — 31. Barbeiro pouco hábil no seu ofício (pl.) — 34. Espécie de gavião.



VERTICAIS: — 1. Conversas insípidas — 2. Grande lago — 3. Prefixo que traz a idéia de tendência, direção — 4. Fascinação — 5. Aura — 6. Medida japonêsa de peso, equivalente a 37 miligramas — 7. Bazofiar — 9. Contração — 10. Aqui — 13 Jantar — 14. Caudilho — 15. Enscadas, cotovelos — 17. — Irascível — 22. Planta da família das Compostas — 27. Símbolo do cromo — 28. Sobrepeliz — 29. Gênero de ofídios — 30. Outra coisa — 32. Prefixo que traz a idéia de movimento para fora — 33. Símbolo do rutênio.

★

PROBLEMA N.º 45 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Ligar — 5. Som imitativo da voz do corvo — 9. Bandeja — 11. Símbolo do érbio — 12. Adjetivo possessivo — 13. Variação pronominal — 14 Outa — 16. 5º mês do calendário etíope — 17. Lavra — 18. Sistema de montanhas de Marrocos — 19. O mesmo que eiró — 21. Gemidos — 23. Mulo — 24. Pássaro da família dos Tanagrídeos — 26. Símbolo do cobalto — 27. Tratado da vida dos Santos — 30. Cura — 31. Aroma.

VERTICAIS: — 1. Aquêle que não crê na existência de Deus. — 2. Anfíbio caracterizado por dois escudos ósseos que lhe cobrem o corpo — 3. 5º mês dos hebreu — 4. Aguardente proveniente da destilação do melaço — 5. O espaço celéste — 6. Zomba — 7. Produto de arte — 8. Costumar — 10. Norma — 15. Argola — 16. Parenta — 19. Óxido magnético de ferro (pl.) — 20. Um milhar — 22. Produzir som — 24. Reboque — 25. O nascer do sol — 28. Caminhar — 29. Símbolo do glucínio.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 44

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Plesiossauro — Uaraná — Aunar — Em — Si — Ri — Tamati — Corça — Unir — Sr — Raer — Tio — Imã — Ai — Anão — Atolara — Só — Sion — Tapa — Sisar — Tamil — Cocar — Ralaríamos — Cara — Ar — Asas.
VERTICAIS: — Pústulas — La — Eremita — Samário — In — Oasis — Sã — Auroral — Unira — Ra — Ornariam — An — Cear — Ritos — Mônica — Notara — Ai! — Abacos — Sala — Amar — Pila — Soma — Rasa — Rã — Ir.

PARA NOVATOS

VERTICAIS: — Abalar — Lar — Alia — Mn — Içá — Laço — Asno — Gás — Apa — Sarar — Aro — Agiam — Suo — Ave — Aca — Asilar — Réu — Arma — São — Saco — Aiuá! — Iar — Ona — Rã.

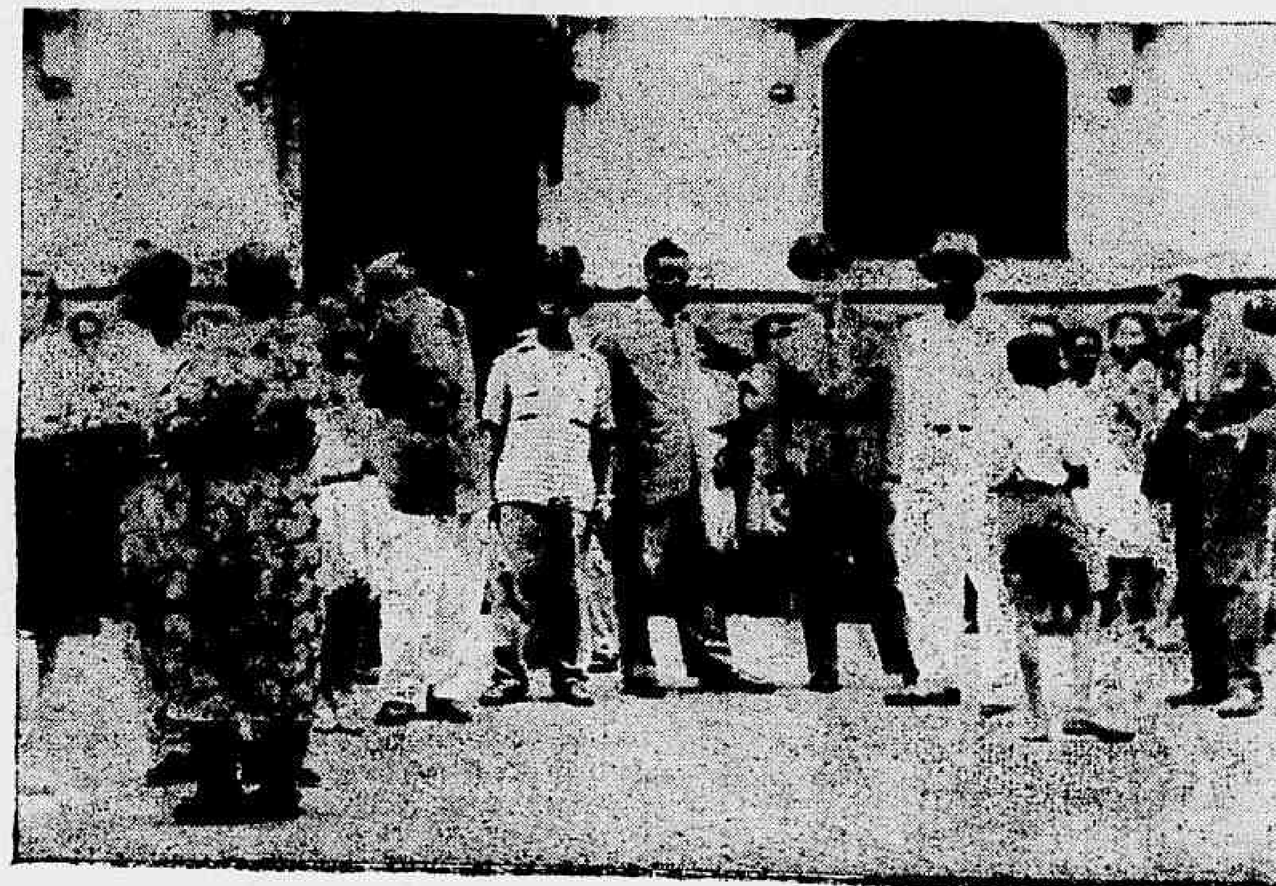
Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



Enquanto uns sentam-se confortàvelmente nas escadarias do Monroe, outros lêem as novidades. Há os que ficam solitários pensando no grande momento...



— «Vou providenciar sôbre o seu caso», diz Café Filho. Enquanto isso, fitando o vice-presidente nos olhos, seu interlocutor parece dizer — «grande voto!».



Em frente ao Monroe, aguardando a hora da distribuição de cartões, os «madrugadores» posam para a posteridade, enquanto um fotógrafo lambe-lambe arranja fregueses.

Um perfume de Myrurgia



EXTRATO
LOÇÃO
PÓ DE ARROZ
MADERAS DE ORIENTE

MYRURGIA



DUAS EXPRESSÕES de Cacilda Becker e, em baixo, ela numa cena de «Seis personagens à procura de um autor», de Pirandelo. As duas crianças que se vêem em segundo



plano, por imposição do Juiz de Menores em São Paulo, foram substituidas por anões.





CACILDA LUTOU BASTANTE antes de encontrar a sua grande oportunidade no Teatro Brasileiro de Comédia. No Rio, com «Os Comediantes», fêz uma temporada de sucesso melancólico, no Ginástico, mas tudo ficou esquecido, agora. Ela é a grande revelação da época.

CACILDA BECKER

UM MONSTRO DE TEATRO

A GRANDE REVELAÇÃO DO TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA TEM DEZ ANOS DE "BATENTE" E SACRIFÍCIOS, TRABALHO E PERSEVERANÇA, NOS PALCOS DO PAÍS ★ MAS SUA GRANDE OPORTUNIDADE SÓ AGORA SURGIU EM S. PAULO

SÃO PAULO anda tinindo de contentamento com a revelação de uma nova e já considerada grande atriz dramática nacional: Cacilda Becker. Neste momento, em "Seis personagens à procura de autor", a discutida peça de Pirandelo, Cacilda arranca explosões de entusiasmo das platéias repletas naquele teatrinho notável que está situado na rua Major Diogo. Para a estréia de Pirandelo, o Teatro Brasileiro de Comédia fêz loucuras, como a de convidar os críticos da Capital da República, todos ou quase todos tendo assistido àquele memorável espetáculo. Já houve quem afirmasse, talvez com um pouco dessa precipitação muito à moda brasileira, ser Cacilda Becker a partir de agora, a maior intérprete em idioma português. Fazemos justiça à própria artista — ela será a primeira a sorrir do exagêro. Mas que tem talento, e que pode hoje nivelar-se às nossas mais distintas comediantes, nisso vai apenas a expressão da verdade.

Acontece, porém, que a suprema revelação do Teatro Brasileiro de Comédia conta com um passado já muito razoável de sacrifícios oferecidos ao nosso teatro. Faz pelo menos dez anos, senão mais, que a acompanhamos em sucessivas e nem sempre bem sucedidas experiências, inclusive uma de "Os Comediantes", no Teatro Ginástico do Rio. Entre outras, nessa ocasião, Cacilda Becker participou do "cast" de "Terras do sem fim", de Jorge Amado.

Curioso é que naquele tempo ninguém adivinhava nessa criaturinha nervosa, um feixe de nervos, muito magra, muito irrequieta, a suprema revelação dêstes dias. E por fôrça que ela era a mesma Cacilda Becker, talvez sem os ensinamentos mais apurados que agora encontrou na Paulicéia, mas com a mesma vontade de vencer e com o sentimento que nem o mais prodigioso diretor poderia improvisar em mulher alguma.



CACILDA TAMBÉM está dirigindo em S. Paulo. Aqui a vemos orientando um ensaio de Eliane Lage, atriz cinematográfica da Vera Cruz, pertencente à mesma organização do T.B.C. em São Paulo

NA NOITE da «première» de «Seis Personagens», Cacilda em companhia do diretor Adolfo Celi recebe os cumprimentos de Raul Lima (Diários de Notícias), Ney Machado (A Noite) e Celestino Silveira (Revista da Semana)

Cacilda representou no Rio, pela última vez, com Os Comediantes, tendo Miroel Silveira a seu lado, nas funções de orientador para a seleção de repertório. A temporada foi má, o elenco por pouco não era dissolvido ali mesmo, no teatro do Clube Ginástico Português. Ainda assim, Os Comediantes seguiram para São Paulo, onde vieram a eclipsar-se. Por algum tempo ninguém mais falou em Cacilda nem em seus companheiros.

Foi quando surgiu o Teatro do Estudante no Fênix, com a temporada famosa de "Hamlet", que serviu para revelar Sérgio Cardoso. E também Sérgio começou a sua "via crucis", organizando por conta própria o Teatro dos Doze. O Ginástico parecia ser o teatro predestinado para o malogro dêsses cometimentos tão bem intencionados. Os Doze nêle encontraram o mesmo e melancólico destino que Os Comediantes, embora Sérgio Cardoso reafirmasse os seus grandes atributos de ator dramático.

E lá foi também Sérgio Cardoso para São Paulo. Por coincidência, eis que se encontram no Teatro Brasileiro de Comédia. E ainda por coincidência, a oportunidade que ambos haviam perdido no Rio, a ambos surgia como por encanto, nesse cometimento que se vincula, hoje, aos estúdios cinematográficos Vera-Cruz.

★

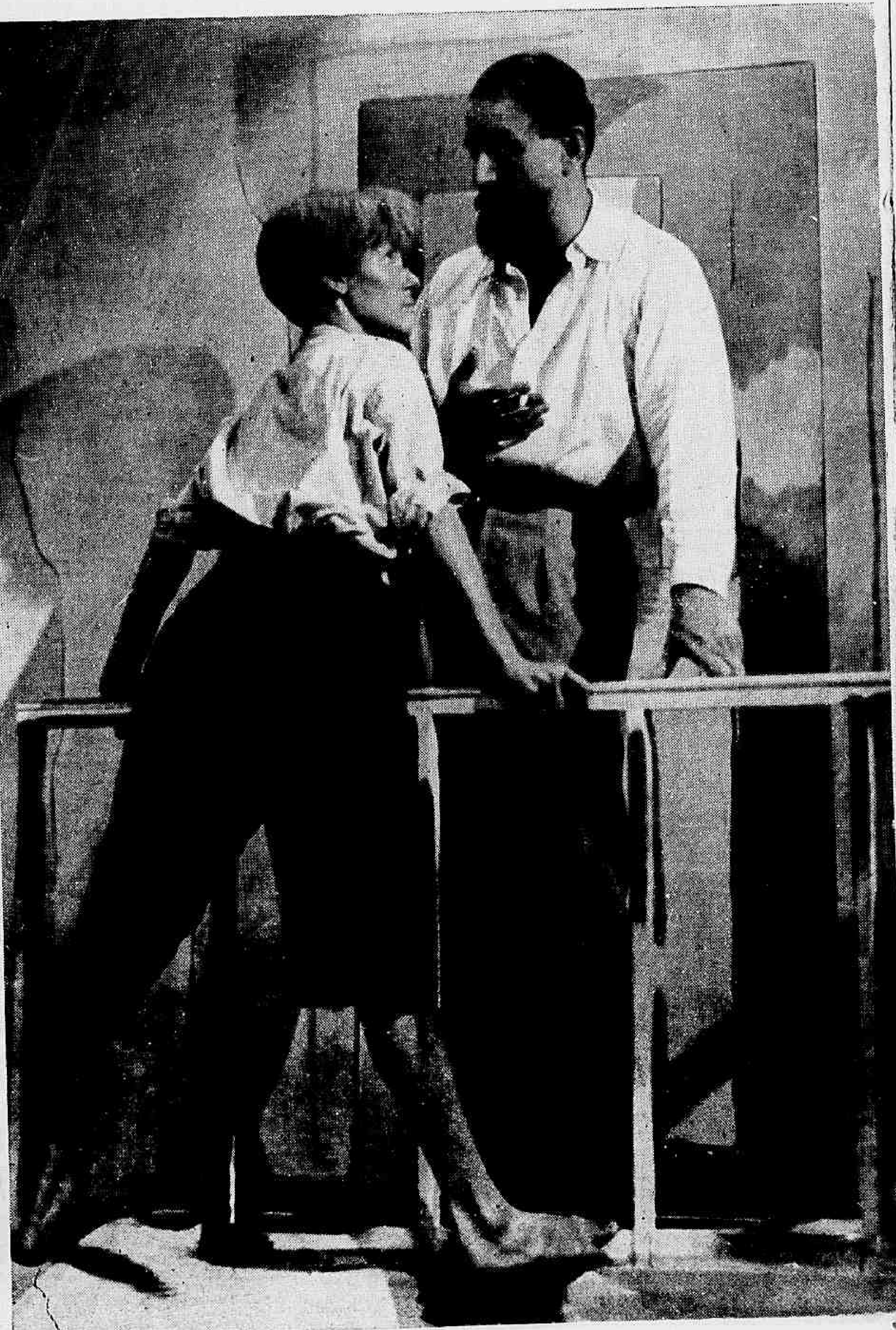
Sérgio Cardoso já saiu do Rio definitivamente consagrado. Não aconteceu o mesmo com Cacilda Becker, embora tendo marcado em sucessivas temporadas, o traço

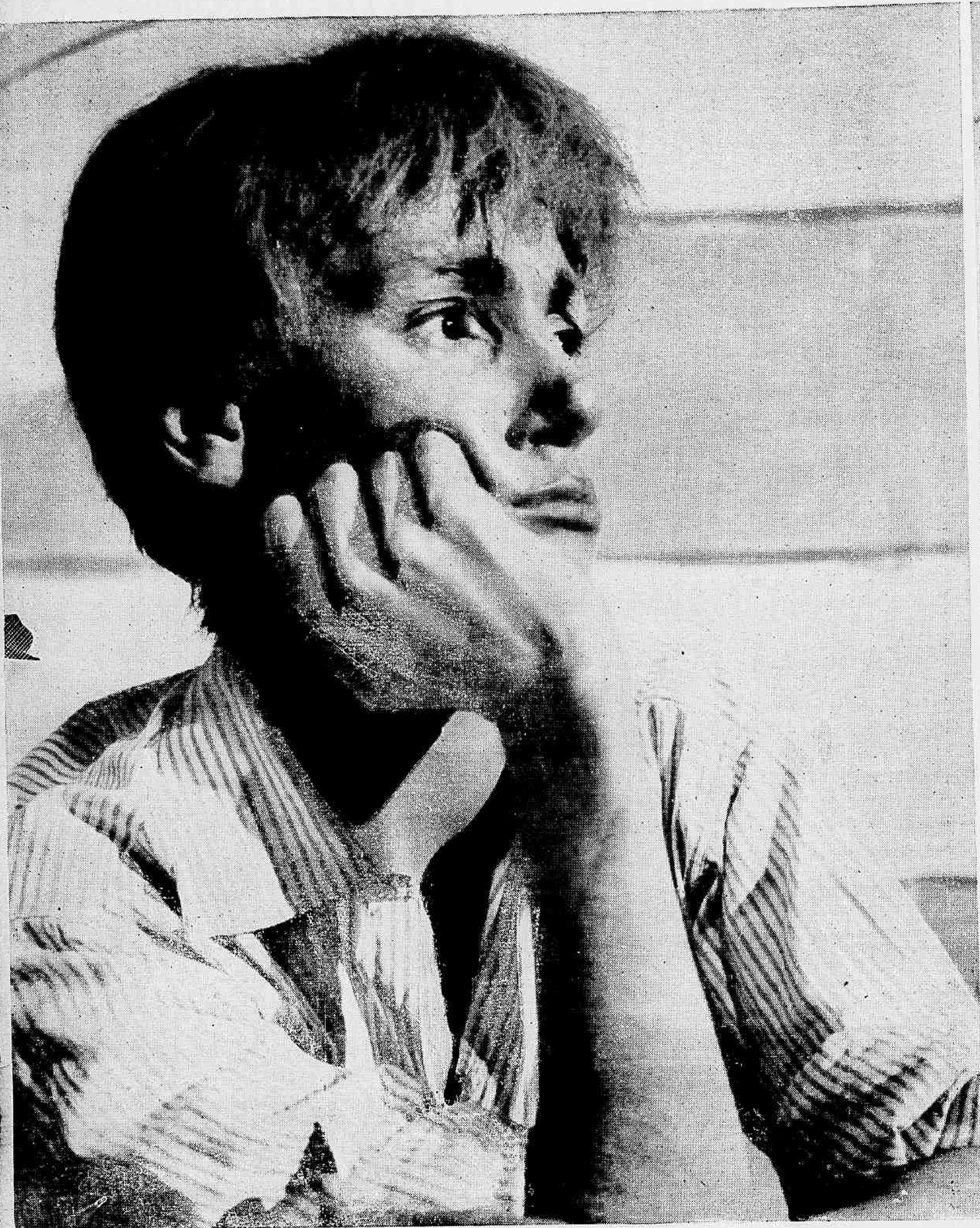
(Cont. na pág. 42)

EM «PAIOL VELHO», de Abílio Pereira de Almeida, cujo argumento foi também adaptado para o cinema, pela Vera Cruz, sob o título «Terra, sempre terra». Mas Cacilda fez apenas a protagonista da versão teatral.



EM «PEGA FOGO», com Abílio Pereira de Almeida, Cacilda é um garôto infeliz e arrogante, de gestos pletóricos e rosto emaciado. Sua arte realiza um milagre, sua figura, no palco, é terrivelmente audaciosa.







Não há nenhum exagero: são assombrosas as expressões fisionômicas de Cacilda Becker em «Pega Fogo», como se pode vêr nestas gravuras. Ela é um legítimo garôto, humilde e recalcado, cheio de complexos e problemas que por si mesmo

não consegue resolver. De cabelos revoltos e olhar expressivo, penetrando o alé
muito limpos, só com essa figura singela, Cacilda reafirmou suas condições de





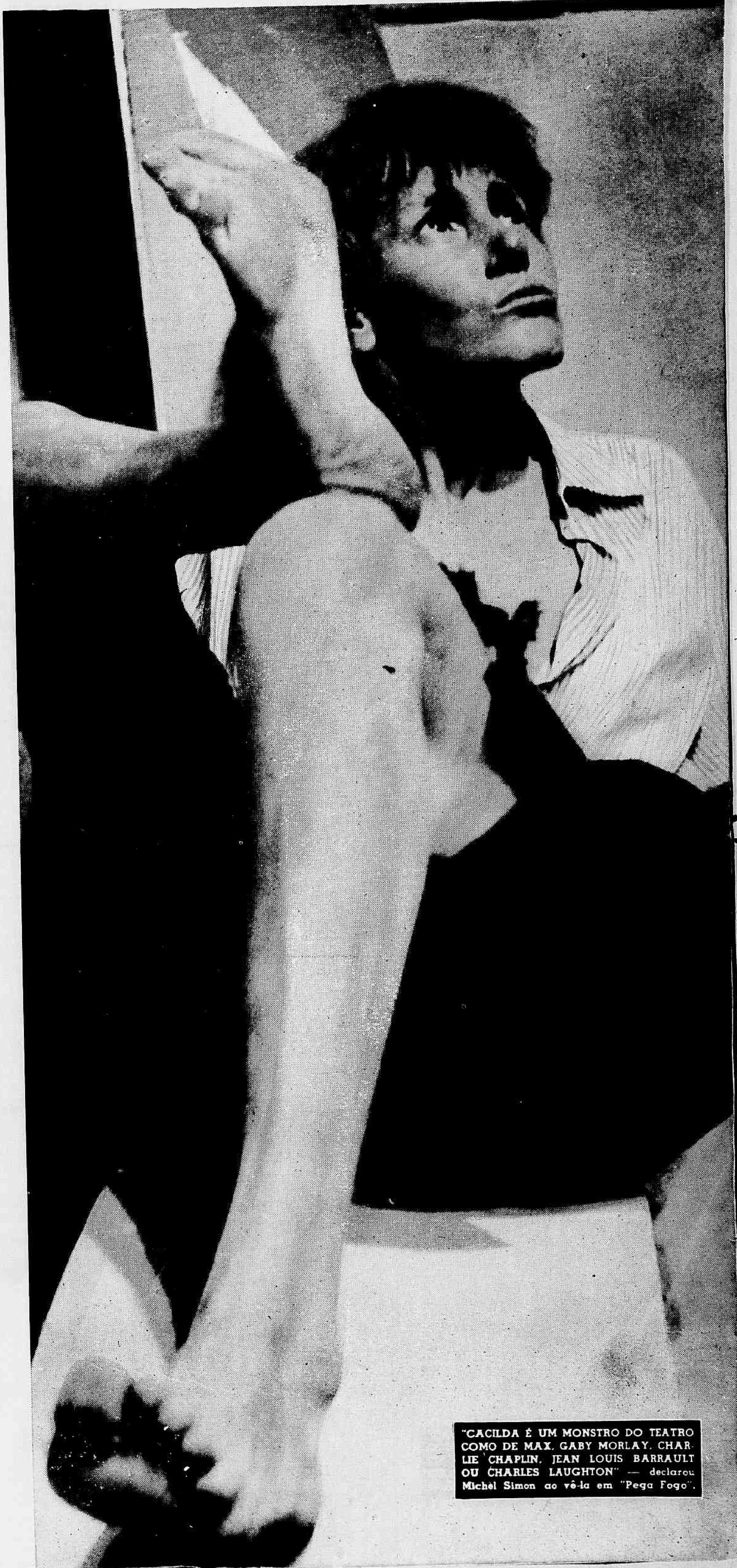






...los revoltos e olhar expressivo, penetrando o além, de roupas humildes e pés descalços, não ...ura singela, Cacilda reafirmou suas condições de grande atriz que ninguém mais lhe recusa.





"CACILDA É UM MONSTRO DO TEATRO COMO DE MAX, GABY MORLAY, CHARLIE CHAPLIN, JEAN LOUIS BARRAULT OU CHARLES LAUGHTON" — declarou Michel Simon ao vê-la em "Pega Fogo".

UM PERSONAGEM FELIZ

MINHAS intenções a respeito de Boaventura eram as melhores possíveis. Com a mão na consciência (apesar da inconsciência de que me acusam alguns imbecis), posso afirmar com serenidade que empreguei os maiores esforços para dêle fazer um homem perfeitamente feliz. Não o consegui — não em virtude de negligência ou má-vontade, e sim porque, como estou agora plenamente convencido, alguma coisa sutil e imponderável, mais forte do que as minhas fôrças de criador, interpôs-se maldosamente entre mim e o meu pobre Boaventura, anulando a minha luta para de êle fazer um cidadão venturoso.

Já vão compreender minhas palavras. Nesta minha incessante mania de armar enredos e movimentar personagens (argumento em que baseiam suas tôlas acusações os imbecis citados acima), publiquei há algum tempo um romance que era, sem favor, uma obra-prima de psicologia. Apesar disso — ou por causa disso — vários críticos atreveram-se a afirmar que no meu livro só circulavam sêres estranha e uniformemente perseguidos por misérias mil, pobres criaturas indefesas a quem eu, sem misericórdia, cumulara de desventuras e tragédias. Pois bem: foi para responder a essa gentinha que resolvi criar Boaventura. E, decidido a fazer dêle um personagem recheado de felicidade, comecei por batizá-lo com êste nome de bom augúrio — Boaventura, — como se lhe desse um passaporte para a felicidade.

Tendo assim garantido inicialmente o meu homem contra a má sorte, isolei-me de tudo e de todos — e comecei a traçar-lhe cuidadosamente a biografia.

A infância é uma idade feliz por si mesma. Achei, portanto, desnecessário deter-me na meninice de Boaventura por mais de meia dúzia de páginas, usando mui legitimamente do agradável direito que têm os romancistas de abolirem o tempo à vontade, reduzindo cômodamente dez longos anos de vida a dez rápidos minutos de leitura. Lancei-o assim em plena adolescência — o primeiro escolho a temer. Mas não me foi difícil fazer com que Boaventura dêle se desviasse airosamente, atravessando em branca nuvem êsse tragi-cômico período fértil em desequilíbrios, desejos, hesitações e dúvidas. E assim lhe foi correndo suavemente a vida, ao embalo da minha mão protetora, sem que nunca viesse a perturbá-la o menor dos dissabores. Dei-lhe, desde a puberdade, amôres fáceis, livres das complicações sentimentais que arruinam a vida de um homem. Preguei-lhe às costas um título de bacharel conquistado sem esforços, por entre a admiração dos colegas e dos mestres, embasbacados pela grande inteligência que lhe insuflei. E livrei-o, ainda mais, dessa vergonha de trabalhar, de ganhar a vida com suor, de correr atrás do dinheiro, que escraviza os homens e torna-os ferozmente brutais. Como o livro poderia cair nas mãos de algum crítico impertinente, dêsses que verrumam tudo o que se escreve, na ânsia malévola de encontrar defeitos e apontar o autor ao escárneo do mundo, tratei de conseguir para Boaventura uma herança providencial, que explicasse em definitivo a sua superior ociosidade. Um velho tio condescendeu em rebentar oportunamente, retirando-se do romance e deixando para o sobrinho algumas centenas de contos acumulados em cinqüenta anos de trabalho cavalar e sórdidas economias. Fiz Boaventura embolsar alegremente o dinheiro, e passei à resolução de outro importante problema de sua vida.

Chegava êle aos vinte-e-cinco anos de idade — e pareceu-me que era tempo de encaminhá-lo para o casamento, pois sempre ouvi pessoas de bom-senso afirmarem que não pode haver felicidade completa fora da santa vida matrimonial.

Não lhes contarei o trabalho extenuante com que me vi a braços para dar boa conta dêsse casamento. Compreenda-se: era preciso encontrar uma espôsa em que nada houvesse capaz de ameaçar fortuitamente a felicidade de Boaventura. Havia de ser uma santa pelas virtudes — mas que fôsse também uma Vênus pela beleza. E, convenhamos em que não há coisa mais difícil, hoje em dia, do que encontrar nos caminhos do mundo uma doce e linda criatura, com predicados que valham por uma garantia de paz e tranqüilidade infalíveis. Essas pequenas modernas... — bem, passemos adiante. Guardarei para mais tarde minha opinião a seu respeito. Basta dizer que delas afastei Boaventura com energia, desde que fiz nascer em seu espírito as primeiras aspirações conjugais. Afinal, depois de buscas escrupulosas, promovi certo dia o encontro decisivo entre êle e Laurinha — uma pérola que surgiu de uma de minhas mais fatigantes maquinações. Laurinha era realmente a última palavra em matéria de beleza e de virtude. Num rosto angelical, reuni os traços de várias heroínas ideais de romances próprios para moças, que me dei ao trabalho consciencioso de ler, à procura de inspiração para a minha donzela — isto é, para a donzela de Boaventura. Fiz o mesmo quanto à parte moral e mental da minha nova personagem, recolhendo traços em Delly, Ardel e outros autores especialistas no gênero, e acrescentando-lhes os aperfeiçoamentos que julguei necessários para fazer de Laurinha a heroína perfeita.

Criei-a órfã de pai desde os quinze anos, vivendo modestamente em companhia da mãe, Dona Leonor, numa pequena e encantadora casinha de arrabalde. Passarei por alto o lírico namôro de Boaventura, o noivado pontilhado de beijos e versos, o casamento e as íntimas venturas que lhe proporcionei por meio de encantos de Laurinha.

Ei-los casados e mais do que felizes, instalados numa linda casa do Jardim Botânico, por entre flores e árvores que o sol doirava, e onde os pássaros da montanha próxima vinham saudá-los tôdas as manhãs. Ali viviam num idílio constante, longe do mundo exterior, isolados dos seus ruídos brutais e de suas maldades, que eu cuidadosamente detinha com mão firme no portão pintado de verde, por sôbre o qual trepadeiras florescentes se arqueavam graciosamente.

Até aí, como se pode ver, tudo no meu romance ia correndo muito bem. Boaventura vivia num mar de rosas. Mais alguns capítulos hàbilmente trabalhados, e poderia eu afinal exibir aos olhos do mundo o meu homem feliz. Já estava planejando encerrar o livro por meio de um quadro de felicidade enternecedora: Boaventura e Laurinha sentados no jardim aberto em flores, numa tarde luminosa, de mãos carinhosamente enlaçadas, contemplando, num êxtase de orgulho e amor satisfeito, a cabeça loira do primeiro filho. Cheguei mesmo a traçar mentalmente a cena da discussão feliz em que se empenhariam para a escolha do nome da criança... Deixei-me de tal modo cativar por essa encantadora visão que afrouxei, lamentàvelmente, a rígida vigilância que vinha exercendo sôbre todos os meus personagens. Foi um momento de descuido fatal. Dessa negligência, origem de todos os meus dissabores de artista, surgiu a primeira nuvem ameaçadora, a primeira que conseguiu burlar a minha cautela e manchar com sua presença o céu puro e azul que era a vida de Boaventura.

A mãe de Laurinha, senhora que eu procurava afastar discretamente do cenário depois do casamento, entrou a manifestar desejos ardentes de visitar a filha. Desejos lógicos e naturais — dirão todos — desejos comuns a tôdas as mães extremosas. Eu sabia, porém, que perigo tais desejos representavam para mim... Se eu fôsse um romancista incauto e inexperiente, nada veria de anormal nos acontecimentos. Para mim, entretanto, dado o fim especial que decidira alcançar, havia sérias considerações relativas ao execrável caráter de Dona Leonor, particularidade que sempre me causou fundos temores. Desde as primeiras linhas que escrevi sôbre o namôro de Laurinha e Boaventura, não fôsse a energia que empreguei para curvar Dona Leonor à minha vontade, tôda a carpintaria laboriosamente levantada ter-se-ia esboroado ao sôpro do seu gênio caprichoso. Deu-me a mulher um trabalho dos diabos, e nunca cheguei a dominá-la completamente. Pelo visto, pertencia ela ao número dos personagens que

(Cont. na pág. 42)

NOVELA DE JORGE MOREIRA NUNES



ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CREAÇÃO DE DARCY

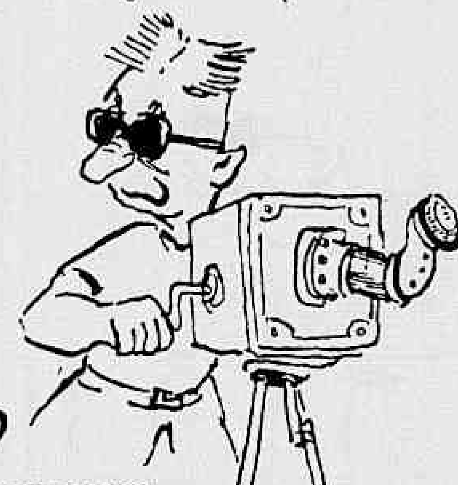
Vamos fazer cinema nacional?



O Diretor



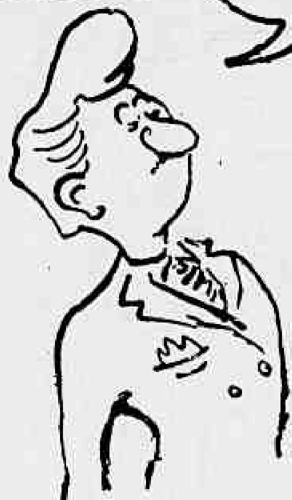
Assistente do diretor, assistente do assistente do diretor, assistente do assistente do assistente do diretor, assistente do assistente do assistente do assistente do diretor, eletricista...



O "camera-man"



Técnico de som



O mocinho



A mocinha



A mãe da mocinha



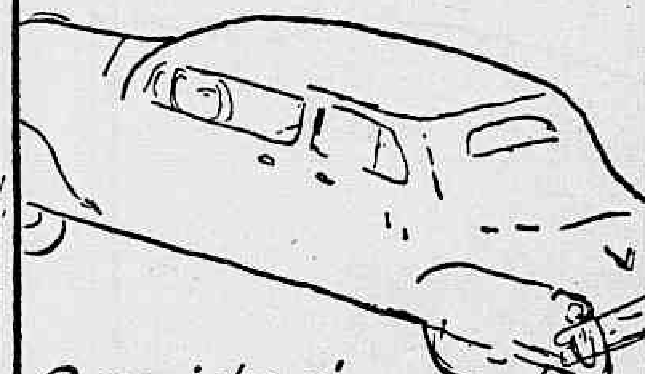
O mocinho tem um amigo íntimo meio acafagestado mas muito comico.



A empregadinha uniformizada que só aparece para que o amigo engraçado assobie "FI-FIU..."



Cachorrinho de estimação da mocinha.



O mocinho é pobre mas tem um Cadilac-rabo-de-peixe



A cantora de samba que de repente aparece cantando num "show" sem que ninguem saiba porque...



O cantor vestido de "summer-jacket" que também aparece.

BOA QUALIDADE

Certificado da censura.

Em tempo: Esquecemos de apresentar o argumentista

Ainda em tempo: Houve engano Não existe mesmo o argumentista



NO LIDO, principalmente à tarde, as ama-sêcas descem com as crianças, quando as próprias mães não se encarregam da nobre função. Copacaba é um bairro muito encantador à esta hora: são crianças bem tratadas e bem vestidas, entregues a tôda sorte de brincadeiras, o que agrada aos olhos e ouvidos.



O NÚMERO de edifícios em construção sobe a centenas. Os operários chegam a milhares. Êste é um vigia no pôsto.

COPACABANA DE ESGUELHA

QUANDO O BAIRRO É UM LUGAR COMO OUTRO QUALQUER ★ OS MORROS E SEUS MORADORES ★ NA FEIRA, DISCUTINDO O PREÇO DA CEBOLA, AS AFLIÇÕES SE CONFUNDEM ★ OS MATUTOS TRABALHANDO NA CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS ★ O PASSEIO AO LONGO DA PRAIA.

Texto de DANIEL CAETANO ★ **Fotos de WALTER MORGADO**

O dia vai nascer daqui a pouco — a ligeira claridade por detrás do morro, no Leme, está mostrando (O Leme compreende os postos 0 e 1; é uma ponta de Copacabana com nome próprio). Nos bancos da praia, ao longo de bem dez quilômetros, os casais se contam pelos dedos. Combinaram ver o sol afastar a noite de repente. Quase não falam; Naturalmente de tão cansados e bebidos, murmuram apenas restos de carinhos e promessas. Os carros de luxo passam de vez em quando, num deslise suave e os primeiros ônibus já começam também a passar. A uma hora dessas tôdas as coisas, em qualquer parte do mundo, talvez, aconteçam sem entusiasmo. E' quando Copacabana começa a se levantar para o trabalho. Não vem agora ao caso dizer que, na mesma ocasião, muitos elevadores dos seus muitos edifícios sobem levando gente para a cama. O fato é que outros elevadores descem trazendo o pessoal da cozinha. Ao mesmo tempo, o leiteiro deixa a carroça em certo ponto e vai pondo nas portas dos apartamentos suas garrafas; o padeiro cruza com êle; as bancas de jornais começam a ser arrumadas com êsse bom gôsto que de algum tempo para cá vem se notando; os bares que alimentam a parte mais pobre do bairro erguem as portas; os bondes trazem do centro os operários das muitas construções em andamento; e nessa altura Copacabana é um lugar qualquer.

Hoje é dia de feira numa das suas ruas. Os caminhões carregando as barracas, muito antes de aquela tímida claridade surgir atrás do morro do Leme, já estavam chegando. A feira, nesta época de tudo bastante caro, adianta pouco. Ainda assim, grande número de donas de casa, principalmente as mais antigas, crêem nas suas vantagens. Era, no tempo de se amarrar cachorro com linguiça, lugar para gente pobre fazer compras — mas isso já faz muitos anos. Agora é defesa para todo o mundo, e quase não vale o incômodo. Na feira, essa idéia errada que se faz de Copacabana, quando apontam a localidade como um bairro de ricos, vai por água abaixo. As favelas, como as de tôda parte, sobem pelos morros e nêles se fixam definitivamente, levando seu moradores, sem querer, a participar da vida do bairro. E' na feira, discutindo o preço da cebola, que a senhora do apartamento fica igualzinha, em matéria de aflição, à moradora de um barraco de sapê. As duas sofrem quando aumenta o preço do quilo de qualquer coisa, ainda na semana passada — no dizer delas — bem menor.



NO BANCO da praia, quando eles começam a história: ambos são do interior mas logo aprendem as coisas da cidade...



A CONVERSA na porta de serviço, depois do jantar é comum e pitoresca. O pedreiro do lado chega mais tarde.

UMA CIDADE

Depois que o sol passa por cima do morro, Copacabana toma, possìvelmente, para uma pessoa de fora, um ar assim meio confuso. Os ônibus avançam com a conhecida pressa, um querendo a frente do outro, para ganhar logo o túnel do Leme, por assim dizer, a porta do bairro. No meio dêles se atiram os lotações, êstes ainda mais apressados, apressados a um ponto que se confunde com o desatino, e, o mais curioso, é que ninguém sabe devidamente a razão de tanta vontade de chegar logo a qualquer parte. Não era característica do povo desta cidade, garantem os velhos. Para aturdir mais, há o comportamento dos carros de luxo, máquinas efetivamente belas e custosas, por sua vez engrossando também a corrida desenfreada, sem receio de arranhões nem esbarros. Isto se dá, já se vê, na rua.

Nas calçadas, porém, uma pequena multidão, desde cedo, se põe a andar de um lado para outro, mas de modo tão contínuo que ninguém, à primeira vista, julgaria tratar-se de um bairro, mas da capital de um Estado. Copacabana é auto-suficiente, como diria o anúncio de uma emprêsa de lotes, tem de tudo. O senhor ou a senhora não precisará ir ao centro para adquirir um pente ou um aparelho de tevisão, uma navalha ou um motor Diesel. Trata-se de uma cidade dentro de outra cidade. E, na busca de tôdas as coisas necessárias à existência, anda o rico e o pobre, o pobre principalmente, que em Copacabana êle é em maior número. O censo deu para o bairro um desenvolvimento espantoso nos últimos dez anos. Como se explica? Sem falar na sublocação, maneira de habitar de qualquer jeito,. dentro das possibilidades de cada um, o apartamento que poucos agüentam sòzinho, há o caso da compra de apartamentos financiados a longo prazo, com a conseqüente delapidação do comprador por parte da tabela Price. O bairro cresceu dêste modo. Mas não é só. Resta ainda a considerar o tempo em que Copacabana não era ainda a febre, quando morar na Tijuca era mais chic. O número de residências antigas, de vilas, de casas de cômodos mesmo, é apreciável e guarda milhares e



A CERIMÔNIA acaba e o matuto já desenvolto se espalha! A pequena também está como quer. Decididamente êstes dois amanhã ou depois vão levantar um barraco no morro do Leme e do bairro nunca êles hão de sair!



O BARRACO, depois de feito, gera problemas de várias ordens. O mais sério de todos vem com os filhos. Copacabana está se enchendo de crioulinhos que de oito horas da noite até de madrugada vendem amendoim e perdem saúde.

É NA FEIRA que todos se confundem no mesmo nível social. O preço de tôdas as coisas é discutido com a mesma veemência, tanto pela dama do apartamento como pela senhora da casa de cômodo. As empregadas não fazem mais compras.



A MENINA que só pode sair de casa acompanhada está desaparecendo aos poucos em Copacabana, mas ainda existe.



ÊSTES dois matutos acabaram encostando-se em certa porta de serviço e já podem anunciar que estão arrumados!



milhares de pessoas para suas praias, seus cinemas, seus bares, e suas conduções. E' gente que se arruma como pode no meio de uma vida que ameaça passar por cima de todo o mundo, sem maiores delongas. Quando não é por meio da picareta de certa incorporação é pelo aumento do custo de vida, que o lugar expulsa os antigos moradores, pobres. Um dia Copacabana será realmente um bairro para merecer comentários. Anda a caminho disso. Por enquanto, tudo corre por conta da imaginação. Essas coisinhas que se dizem de seus apartamentos de má fama, de suas "boites" escuras e de seus "cadillacs" suspeitos não chegam a alterar os costumes bem modestos da nossa gente. A pretendida dissolução corre por conta de meia dúzia de braços nus, postos assim, porque, na verdade, o calor às vêzes é demais. A mentalidade que domina ainda é essa que **acha tudo muito feio, que não fica bem**... Certamente pensa dêsse modo aquela moça que atravessa a rua, levando um cãozinho pela coleira, apesar de seu ar desempenado, é pretendidamente fina. E' fácil concluir tratar-se de moça pobre, que trabalha para comer, mas finge outra coisa. Às vêzes um carro pàra na porta de um edifício e dêle salta uma jovem absolutamente bonita. Ela pode ser uma das duas: rica de verdade ou rica de mentira; no primeiro caso, será dona ou filha do dono de um dêsses doze andares, pois

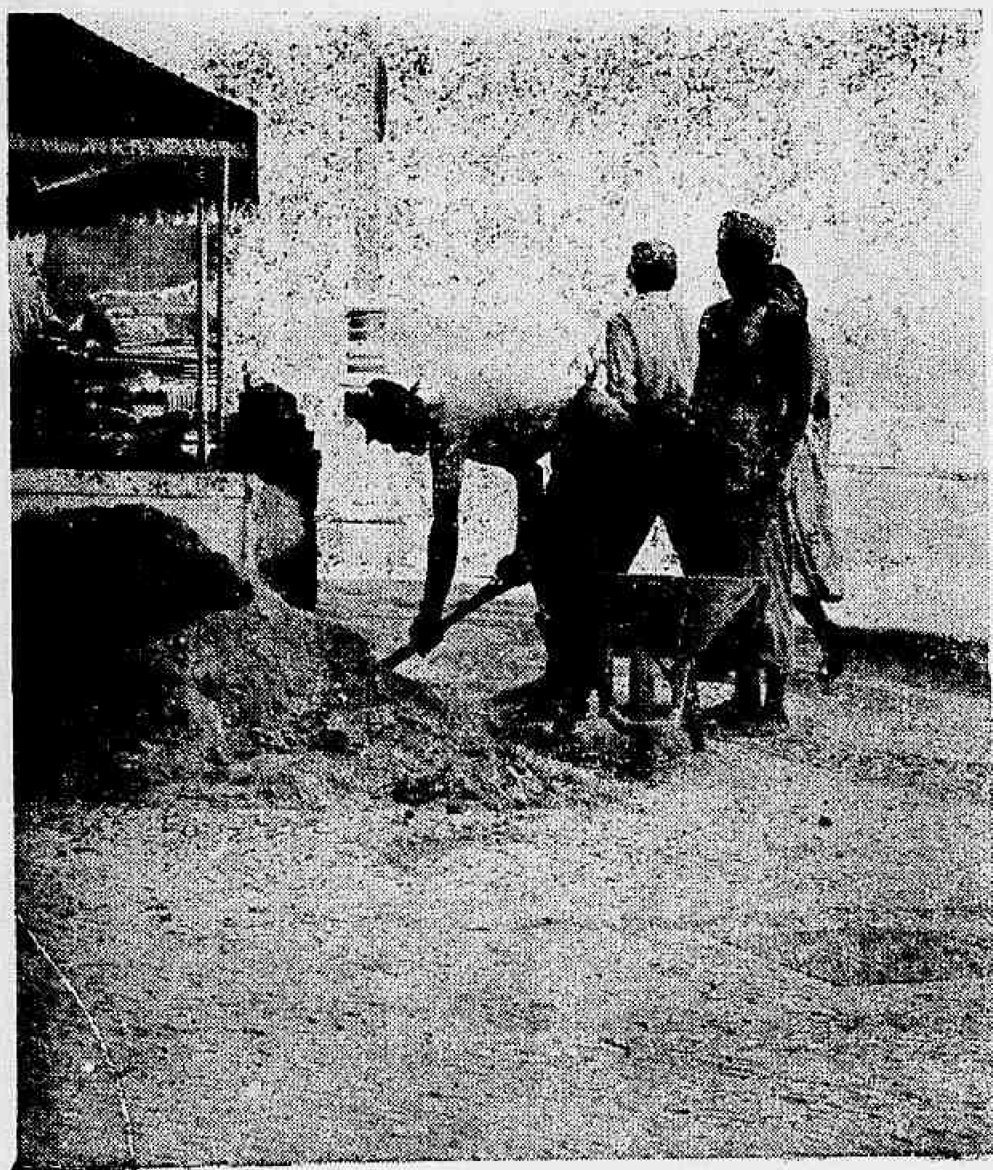
A DOCEIRA, como na Bahia, enfeita as ruas do bairro. Ela aumenta com seu traje a confusão reinante no lugar, em matéria de trajes.



O TRABALHO nas obras tem início às sete horas. Geralmente os operários dormem no local e mais tarde na favela.



AS EMPREGADAS tomam conta da praia sempre à tarde de todos os dias. São bonitinhas e alegres e muitas podem tomar o namorado da filha da patroa se a filha da patroa se distrair. Quase sempre essas pequenas estão no Rio sòzinhas.



COPACABANA anda há muitos anos em constante remodelação. Cheia de casas velhas e terrenos à espera de alicérces

Afinal de contas êles têm que ser de alguém — mas sempre é mais certo tratar-se de uma pequena que no momento anda com muita sorte... São raras, no entanto, as pequenas de sorte. Pessoas experimentadas afirmam que o brasileiro rico não dá muito para homen generoso...

OS MATUTOS

Vale a pena ver o bairro esquecido de tôdas essas invenções a respeito dêle, quero dizer, de tôdas essas histórias que mostram Copacabana como um lugar de maus costumes. O que de fato domina suas ruas, depois do anoitecer, é a leva de matutos que durante o dia trabalha nas obras.

Rapazes do interior, decididamente tontos com a cidade, são empregados nas construções, e moram no local. Está visto que à noite essa gente sai a passear, se reune na porta da obra, e se põe a lembrar a vida que ficou longe. Êles remexem o baú e lá apanham o cavaquinho, o violão, a sanfona, e, na porta da rua, tocam as modinhas da terra. Êles se vestem, andam e falam da maneira que o faziam, está claro, na cidadezinha atrasada e calma, onde nasceram. São muitos, pelo menos em número suficiente para se notar. Dominam a paisagem. Isso vem prejudicando bastante o pretendido internacionalismo de Copacabana, ou então, vem tornando o bairro mais complicado, porque ao

(Cont. na pág. 42)



UMA FAMÍLIA já constituida. Moram em Copacabana: enchem a praia, os cinemas, os bondes, e são milhares.



POESIA E MISTÉRIO DE CHIANG SING

O nome exótico de Chiang Sing que ùltimamente vem destacando-se em nossas letras, através de artigos e poemas onde encontramos todo o encanto e todo o sortilégio da China legendária, despertou-nos o desejo de saber quem era êsse poeta de doce e sugestivo nome chinês que nos lembra, desde logo, as paisagens irreais do Rio Amarelo. Fomos procurá-lo para uma entrevista e ficamos então sabendo do mais inacreditável: êsse poeta é uma jovem brasileira, cuja alma asiática veio exilar-se nos trópicos... porque ela sente, pensa, vive — e ama — como uma oriental. A artista patrícia, na sua simpatia e gentileza, recebe-nos como a mais perfeita das anfitriãs.. E Chiang Sing conta-nos, numa linguagem singela, o início de sua carreira literária:

— Comecei a escrever aos nove anos de idade, por causa de um castigo...

— Um castigo?

— Desde criança que tenho uma imoderada tendência para a leitura dos contos de fadas. Não havia livro de histórias que chegasse. Quase diàriamente meus pais presenteavam-me com um novo volume. Mas, um dia, como castigo de uma travessura, fui obrigada a ficar um mês inteiro sem ganhar nem um livro. Tive então uma idéia: escrevi vários contos de fadas e escondi-os numa árvore ôca que havia no jardim de minha casa. Passado algum tempo, quando já não me lembrava do que escrevera, deleitava-me com as aventuras das minhas personagens...

— Guarda ainda algumas destas histórias?

— Apenas uma: "A História de Lin-Tsu", a cinderela chinesa. Aliás, Lin-Tsu é também a personagem do meu primeiro livro de versos "A Flauta de Lin-Tsu", publicado em 1947, sob os auspícios da Embaixada da China.

— Por que sua predileção pelos temas chineses?

— Eu nasci na China há mais de quatro mil anos, num pagode florido à margem direita do Lago Oeste, em plena floração dos crisântemos. E como, segundo as velhas escrituras do Celeste Império "quem nasceu chinês, será sempre chinês, não importa a raça em que reincarne mais tarde, pois a tendência oriental se manifestará em suas futuras vidas", minha predileção pela China data de todos os tempos. Todavia, a China atual não me interessa, pois todo o Oriente está agora no período da Idade Negra, previsto nos velhos textos budistas. A China, que eu amo e onde vivo, é a China antiga, dos letrados e dos poetas.

— Que acha da poesia e do amor?

— A poesia é a minha vida. Creio que é a essência divina filtrada através da sensibilidade de cada poeta. Quanto ao amor, eu tenho um coração de porcelana, como não quero arriscar-me a quebrá-lo, há muitas luas encerrei-o num cofre de jade, longe das mãos irrequietas do deus do arco florido...

— Qual é o seu poeta preferido?

— Embora tenhamos grandes poetas, a minha sensibilidade artística só desperta e vibra ao toque mágico das vozes do Oriente. E entre êles, ninguém como Li-Tai-Po, eu sinto e compreendo.

— Poderia contar-nos algo sôbre êste poeta?

— Com muito prazer. Li-Tai-Po foi uma das glórias da poesia T'ang, a Idade de Ouro da literatura chinesa. Nasceu no ano 701 da nossa era na aldeia do Lótus Azul, Província de Soê Tcha'an. Escreveu poemas admiráveis, foi um dos vates favoritos do Imperador Ming Huang e fundou a primeira academia poética do mundo: a dos "Sete Preguiçosos do Bosque de Bambus". Morreu em 762, quando, segundo a lenda, se afogou num rio ao tentar abraçar um reflexo da lua no espelho das águas...

Chiang Sing mostra-nos os originais de seu próximo livro "Pavilhão das Peônias", que sairá em princípios de 1951 numa luxuosa edição ilustrada de Bruno Buccini. São versos cheios de uma harmonia comovente. De suas páginas flui uma poesia encantada, poesia de miniaturas breves, de leves pinceladas, poesia de aquarela e de sonho. Eis aqui alguns dos poemetos:

SUSPIRO NA TÔRRE DO PAGODE VERDE

Como saber
se o verdadeiro amor é eterno?
Esta tarde,
tenho os pensamentos entrançados
como o meu penteado de nuvens...

NO PAVILHÃO DO DESALENTO

Mas... a nova espôsa não é bela
nem tem um corpo de jade, Mãe!
Que importa? Onde já se viu um
bule com menos de quatro xícaras?

CANÇÃO DA PRINCESA JADE VERMELHO

No anzol do meu destino
pendurei a isca de um sonho.
Pesquei um suspiro de amor.

Chiang Sing escreve também teatro infantil, tendo já pronta uma linda peça intitulada "Sonho no Pavilhão Encantado", baseado numa obra clássica do teatro chinês "Crônicas das Viagens Ocidentais", escrita no século XVI, por Wu-Cheng. Chiang Sing, que foi condecorada com a "Ordem das Nuvens Propícias" e que por vários anos trabalhou no Departamento Cultural da Embaixada da China como criadora e redatora dos Boletins Culturais, possui uma bela coleção de bibelôs e trajes típicos do Celeste Império. O mais interessante é que cada traje de Chiang Sing possui um evocativo nome poético, tais como "túnica flor de pêssego orvalhada", túnica pétala de orquídea, túnica raio de luar perfumado, túnica côr de pulmão de passarinho e túnica jade florido".

E diante de Chiang Sing — figurinha de porcelana recortada talvez de algum biombo encantado — somos levados a pensar sèriamente no ciclo das reincarnações, que, sem dúvida, concorreu para que ela, uma filha dos trópicos, conseguisse absorver todo o encanto da poesia mais longínqua no tempo e no espaço. Pois, não terá a jovem poetisa, que tão bem interpreta a alma da China exótica, aí vivido, há milênios, num pagode florido à margem dos Três Lagos que Refletem a Mesma Lua?

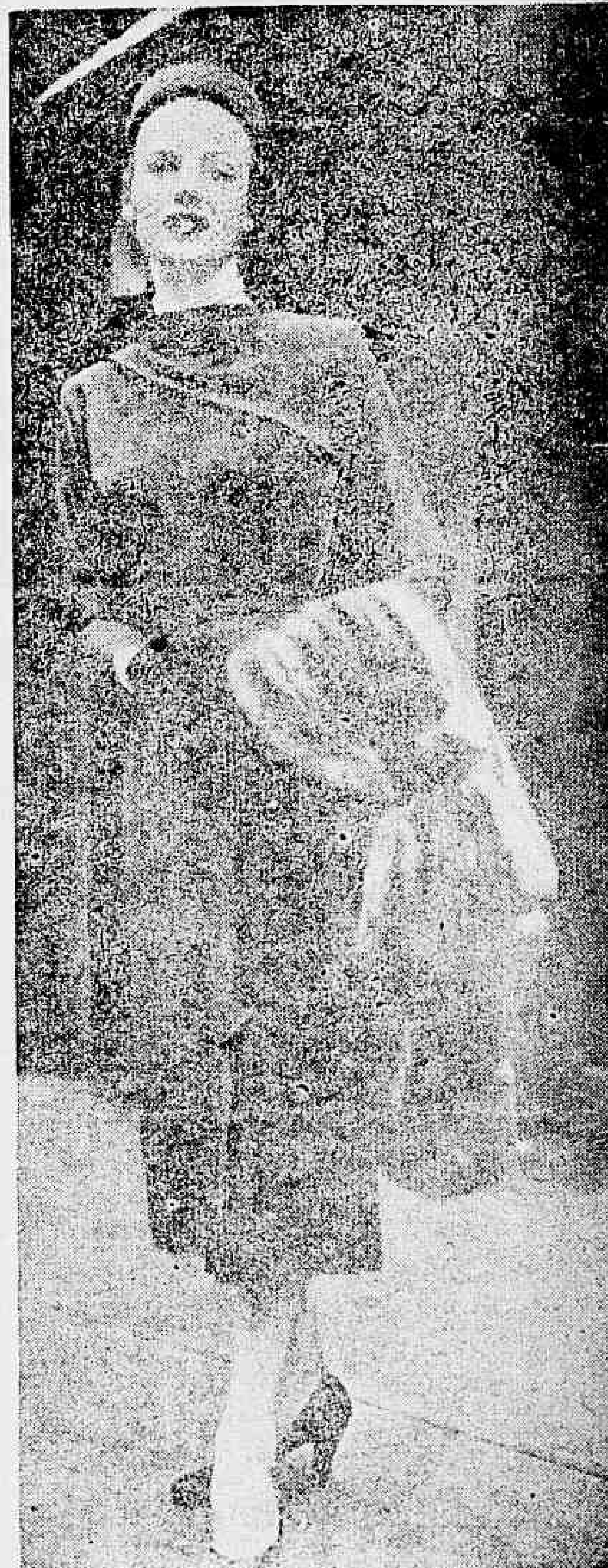
L Y S E











AQUI estão alguns sugestivos e variados modelos que você poderá incluir entre os seus modelos favoritos, pela elegância e simplicidade das suas linhas. A maioria dos modelos apresentados, são especialmente indicados para o outono.

Variados





Blusas

ALGUMAS lindas blusas para complemento de suas «toilettes», apresentamos aqui para que sejam apreciadas pelas nossas leitoras. São modelos agradáveis de grande efeito. Sêda cambraia, renda, laise, jersey são os materiais empregados na confecção dêstes modelos. No canto esquerdo da página, um modêlo em renda branca, apresentado por Lucille Ball, da **Columbia**.















Chapéus Modernos





PARA a tarde são os interessantes modelos de chapéus que aqui apresentamos, são sugestões agradáveis tôdas elas creações de grandes nomes da chapelaria francesa. Palha, véus, frutas, veludo, feltro, penas flores dos mais variados tipos, são os materiais empregados na confecção de todos os modelos exibidos nesta página.

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

Contendo entre mil e uma atrações:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANÊTA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano.
CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.

*

E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".

*

A VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL
PREÇO: — Cr$ 20,00

*

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.



ALLUMETTES DE PARMEZÃO

Junte, sem amassar, restos de massa folhada, abra da grossura de 1 cm. Faça um môlho branco espêsso. Tempere com duas colheres de parmezão (ou qualquer queijo forte) ralado e um nada de noz-moscada. Deixe esfriar, estenda uma camada de 1 cm sôbre a massa; polvilhe com parmezão; alise ligeiramente com uma faca e parta em pedaços de 5 cm por 2 cm. Deite em tabuleiros e leve a ssar no forno.

TORTA DE AMÊNDOAS

6 ovos inteiros, 300 gr de açúcar, tâmaras, 100 gr de amêndoas, 5 colheres de farinha de biscoito. Batem-se bem os ovos, misturam-se depois com o açúcar. Moem-se as amêndoas, que se misturam com as claras. Quando estiver bem batido, adiciona-se a farinha de biscoito. Faz-se um doce com 12 ovos e 5 xícaras de açúcar. Recheia-se a torta com uma camada dêste doce e com tâmaras. Por cima, arruma-se o resto do doce e as tâmaras, enfeitando com geléia e amêndoas inteiras.

FRICANDÓ

Toma-se aquela gordura que envolve o buxo (peritônio); depois de bem lavada, estende-se sôbre a mesa. Faz-se um refogado com 1 fígado, rins, língua de porco, engrossa-se com o sangue, estende-se na gordura, aos montinhos, e se vai atando dos dois lados. Fica como uma enfiada, que se vai cortando e aferventando. Põe-se em lugar fresco para secar. Quem quiser que dure algum tempo, pode guardar em vidros, esterilizados, durante 25 minutos. Pode-se guardar também em latas com banha, que se mandam soldar e que se esterilizam, fervendo durante 20 minutos.

PIZZA NAPOLITANA

Faz-se uma massa com 2 xícaras de farinha de trigo, 2 colheres de queijo ralado, uma colher de banha e outra de manteiga, 1 colher de leite, uma colherinha de sal e uma colher de fermento Royal. Forra-se uma fôrma com esta massa e despeja-se dentro um bom recheio de camarão bem temperado. Cobre-se com outra camada de massa e rega-se com azeite. Enfeita-se com rodelas de tomate, picles e azeitonas.



SONHOS DE ESPINAFRE

Cozinham-se dois molhos de espinafres, depois de bem batidos refogam-se em azeite com todos os temperos, acrescenta-se uma colher de farinha de trigo para dar consistência. Faz-se à parte uma massa de sonhos com 1 ôvo, 1 xícara de farinha de trigo, algumas colheres de leite e ½ colherinha de fermento. Toma-se uma colher da massa de verdura, que se passa na de sonhos e frita-se na banha quente.

TALOS DE ACELGA À MILANESA

Cortam-se as fôlhas, que se empregam em outro prato qualquer. Temperam-se os talos, depois de aferventados com sal, vinagre e um pouco de temperos verdes. Passam-se no ôvo mal batido, e na farinha de pão torrado. Fritam-se ligeiramente na banha ou na manteiga quente.
Serve-se simples ou com môlho.

SARDINHA DE LATA PREPARADA EM CASA:

Limpe as sardinhas em filets. Retire as espinhas, conservando-as inteiras; deixar de môlho durante algumas horas com limão, água e sal. Na hora de preparar, escorrer as sardinhas, colocar no fundo da panela, uma camada de tomate cru em rodelas, com as sementes, uma camada de sardinhas fechadas, ramo de salsa e cebolinha, outra camada de tomate, assim até ao fim dos ingredientes. Regar cada camada com bastante azeite, abafar, cozinhar em fogo brando. Colocar bastante azeite para não precisar destampar a panela constantemente.

PÃO COBERTO

Meio quilo de farinha de trigo e 50 centavos de fermento para fazer pão. Adquire-se em qualquer padaria. Dissolva o fermento num pouco de água e sal. Junte a farinha e amasse bastante, deixando em ponto de massa de pastel. Deixar descansar pelo menos duas horas, a fim de crescer. Cobrir a massa com um guardanapa e por cima com um pano de lã.

A massa deve repousar num lugar quente, mas não deve receber calor direto como o sol ou calor do fôrno.

Pode ficar perto do fogão ou do motor da geladeira. Quando a massa estiver bem crescida abrir em fôlhas um pouco mais grossas do que a massa para pastel. Untar a assadeira com azeite e forrar a massa. Regar a massa com azeite. Pulverizar mangerona sêca sôbre a massa. Esparramar queijo parmezão ralado. Colocar rodelas de tomate e rodelas de mussarela (um queijinho especial) espalhadas sôbre a massa. Se gostar de anchovas, coloque também alguns filets. Uma pitada de sal sôbre a mussarela e o tomate.

Esse pão coberto, geralmente é feito em duas metades no próprio pedaço de massa de uma só assadeira. A metade da massa fica recoberta de tomate e a outra metade fica tôda recoberta de anchova.

Tudo novamente regado de azeite vai ao forno até crescer e dourar.

TORRADA DE ESPINAFRE

Limpar espinafre, cozinhar, bater com o auxílio do corte da faca e da tábua de carne. Levar ao fogo com uma colherada de manteiga. Juntar uma xícara-de-chá de leite e uma colher-de-chá bem cheia de maizena. Mexer sempre, até formar um creme. A maizena deve ser pouca para ficar bem cozida. Pondo muita faz-se logo creme, fica a maizena mal cozida. Colocar êsse creme às colheradas sôbre as torradas de fatias de pão de 40 centavos. Sôbre o creme uma fatia de ôvo cozido.

NA COZINHA

TORTA DE ESTALOS

100 gr de avelãs, 100 gr de amêndias, 200 gr de açúcar, 4 a 5 ovos, casca ralada de meio limão, 1 colher-de-sopa de laranja e cidra cristalizada, 1 colher-de-sopa de rum. Bate-se como creme o açúcar, a casca de limão e as gemas, juntam-se as avelãs e as amêndoas raladas e a cidra e laranja picadinhas, o rum e as claras batidas. Enche-se com esta massa uma fôrma untada e polvilhada com farinha de trigo e leva-se ao forno regular. Depois de fria, corta-se esta torta em duas partes e recheia-se com um creme feito com 1/4 de kg de creme Chantilly, misturado com 60 gr de avelãs raladas e 30 gr de açúcar de baunilha.



BOLINHOS EM FORMA DE NOZES

4 a 5 ovos, 500 gr de açúcar, 100 gr de cidra bem picada, casca ralada de 1 limão, ½ colher das de café de cravo em pó, pimenta do reino branca, noz-moscada (uma ponta-de-faca de cada), ½ colherinha de potassa diluída em arrak, 500 gr de farinha de trigo. Batem-se durante ½ hora os ovos, o açúcar e os temperos e amassa-se tudo muito bem com a farinha peneirada em cima de uma tábua bem polvilhada. Fazem-se bolinhas do tamanho de nozes, põem-se em assadeira untada e assam-se em forno moderado. Deixa-se descansar na assadeira durante a noite e guardam-se em latas fechadas.

SOPA DE SAGU

100 gr de sagu, ½ litro de vinho verde, não muito forte, casca ralada de meio limão, o caldo de um limão inteiro, um pedacinho de canela.

Põe-se o sagu em uma caçarola com bastante água e deixa-se cozinhar até que fique bem claro e gelatinoso. Coloca-se então em uma peneira bem fina, despeja-se água por cima e deixa-se escorrer bem, antes de pôr na terrina.

Ferve-se a água com o açúcar, o limão e a canela, junta-se o vinho e deixa-se esfriar bem.

Antes de servir, retira-se a canela e despeja-se o líquido sôbre o sagu. Pode servir esta sopa com bolinhos preparados com pão.

ROAST BEEF

Tome um pêso de filet de alcatra, mande serrar as costelas, tendo o cuidado de não serrar completamente. Esfregue na carne um dente de alho, salgue com cuidado sem furar. Forno quente. Quando a carne estiver quase pronta juntar ao suco no forno uma colher-de-sopa de açúcar em ponto de caramelo. Banhar a carne várias vêzes nesse molho. Menos de vinte minutos de forno para cada quilo. Servir com môlho inglês.

ARROZ À VALENCIANA

Levar ao fogo uma panela com bastante azeite e ir fritando nesse cara mal cheia de ervilhas, ½ xícara malcehia de ervilhas, ½ xícara mal cheia de ervilhas, ½ xí- mariscos, lavar os mariscos, pô-los a ferver, depois de 10 minutos de fervura, êles se abrem e aí retirar com uma faca os mariscos da casca (coar esta água e guardá-la), 2 pimentões em pedaços, cebolas em rodelas, mexer, deixando que todos os ingredientes se fritem e só colocar um quando o outro já estiver dourado. Juntar 2 xícaras de arroz, refogar bem e colocar a água dos mariscos até ao ponto necessário e o sal.

Quando estiver quase pronto, juntar 1 colher-de-café de açafrão e 2 colheres-de-sopa chata de pimentão em pó.

Não mexer o arroz, sacudir a panela às vêzes.

FEIJÃO BRANCO PAULISTA

Cozinhe o feijão branco na água e sal. Junte um bom pedaço de linguiça e cheiro verde. Quando estiver cozido colocar numa frigideira 1 colher-de-sopa de banha, cortar ½ cebola em rodelas bem fininhas, fritar bem nessa gordura. Juntar 2 tomates em pedaços, deixar que se desmanchem, juntar meia concha de água e sal suficiente. 2 ovos cozidos em rodelas, pedacinhos de torradas. Nesse môlho refogar o feijão e deixá-lo mais uns 4 minutos ao fogo, apenas para abrir fervura, juntar 1 xícara-de-chá de azeitonas e servir imediatamente.

MÔLHO SIMPLES

O sal deve ser dissolvido no vinagre e só depois disso é que se deve adicionar o azeite. Pode-se variar o gôsto dêsse môlho juntando-se um dos ingredientes que se seguem, sempre bem picados.

Salsa, cebola, cebola verde, sepu-reiro, alfavaca, mangerona, hortelã sêca (nesse caso bastará frissionar o maço de hortelã sôbre a salada para que se desprendam as partículas). A hortelã é particularmente indicada para as saladas de tomate. O vinagre pode ser substituído com vantagem pelo limão.

Pode pulverizar-se a salada com pimenta vermelha, pimenta do reino, dependendo da preferência de cada um. Usa-se também o pimentão em pó.

CREME ÀS CLARAS

22 gemas, leite de 1 côco, 670 gr de açúcar, 2 colheres de manteiga fresca.

Coam-se as gemas, que se desmancham no leite de côco. Faz-se uma calda em ponto de pasta com o açúcar. Na calda, desmancha-se a manteiga, deixa-se esfriar um pouco antes de pôr as gemas. Mistura-se tudo com muito cuidado, para não talhar as gemas. Vai ao forno em fôrma untada, com açúcar queimado e cozinha-se em banho-maria.



MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientìficamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos.



A CASA CRISTALINO

APRESENTA O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO DE

CRISTAIS DA BOHEMIA

Louças, Porcelanas finíssimas, Faqueiros de prata e rica variedade de artigos para presente e objetos de arte

CASA CRISTALINO

A RAINHA DOS PRESENTES

-- URUGUAIANA, 35 E 37 --

"As crianças são as vítimas"...

...porque apanham piolhos de seus próprios companheiros.



Nêste caso, fricclone logo NEOCID em pó e os piolhos morrerão em pouco tempo... Aplique o pó, que não irrita a pele e é absolutamente inofensivo.

Contra qualquer espécie de piolhos - use a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso

CAFÉ FILHO DESCOBRE...

(Cont. da pág. 42)

Mais tarde, encontramos o inventor no escritório do PSP, que auxilia o vice-presidente da República na sua estafante tarefa e êle nos perguntou com uma ingenuidade que nos deixou perplexo:

— Que é que êle vai fazer comigo?

Explicamos ao bom homem o por quê da sua presença ali e as providências que Café Filho poderia haver tomado, suas possibilidades de vencer na vida e êle pareceu-nos meio incrédulo. Insistimos no nosso ponto de vista e êle terminou nossa palestra.

— Deus ajude o dr. Café.

Essa frase, cremos, não é sòmente daquele homem simples e incrédulo — é também de todos aquêles que têm oportunidade de falar e ouvir e, principalmente, receber o amparo daquele sertanejo excepcional que, a uma conclusão, certamente, já chegou — a de que a assistência social no Brasil é meramente mitológica.

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do Óleo de Peroba.

OS HOMENS PASSAM

(Cont. da pág. 46)

Quanto ao seu plano original, pensara na sua Paraíba, desprovida de todos os recursos para o combate a doença e entende que não será difícil conseguir o de que ela necessita: equipamento material indispensável, assistência de especialistas e um centro de pesquisas.

Sôbre a aplicação dos recursos que o povo lhe oferecesse, provàvelmente não terá tempo de cuidar. Palestrara, no entanto, com o dr. Mário Kroeff e se convencera de que o diretor do Serviço Nacional do Câncer e quem está perfeitamente indicado para conduzir a questão.

Insistiu ainda em que, dos recursos arrecadados, fôsse destinado o necessário para a organização de um hospital para cancerosos, no seu Estado, indicando o Hospital de São Cristóvão como capaz de criar um serviço especializado, em João Pessoa.

O dr. Mário Kroeff fêz uma breve dissertação sôbre o problema, encarando os seus diversos aspectos e fazendo o panegírico do dr. Laureano, cuja assombrosa dedicação à causa dos cancerosos enaltecеu com palavras do maior entusiasmo.

Seguiu-se com a palavra o dr. Sérgio de Azevedo, que respondeu à consulta sôbre contágio e hereditariedade do câncer. Disse que o câncer humano nem é contagioso, nem hereditário, ou, pelo menos, é êsse o conceito de acôrdo com o adiantamento atual da ciência. Existem, sim, certos casos de famílias em que surgem casos vários de doença, mas, nada autoriza a concluir-se em favor da tese da hereditariedade, por êsse indício. Apenas existem constituições propensas ao câncer e, como essa propensão por vêzes se acentua em uma determinada família, é lícito falar-se em uma propensão hereditária, mas, não, em hereditariedade.

Expos a seguir o dr. Mário Kroeff a diversidade de tipos de câncer, salientando que não só existem diversas espécies como, em cada uma, varia o seu perigo segundo a localização. Um câncer curável, localizado em determinado órgão, torna-se de cura impossível, ou improvável. Por outro lado, há cânceres clinicamente incuráveis, mas, isto não deve causar o terror do câncer, pois o estágio atual dos conhecimentos científicos é suficientemente adiantado para salvar grande número de doentes, se tomadas as precauções no tempo devido.

A RADIOTERAPIA

Com a palavra, os drs. Ozolando Machado e Antônio Pinto Vieira dissertaram sôbre o tratamento radioterápico, salientando que, feito o diagnóstico precoce, é possível a cura do *linfosarcoma* (tipo de câncer de que sofre o dr. Laureano). Como provas apresentou o relatório de três casos tratados no S.N.C., sendo uma menina, que havia sido operada de um caso inicial nas amígdalas e dois outros localizados na rino-faringe. Dois casos, salientou o sr. Ozolando Machado, como passíveis de aplicação da radioterapia: o doente já tratado por irradiações e o ainda não tratado. No primeiro caso, cabe apenas combater as lesões, uma a uma, na ordem em que apareçam. O inconveniente está em que o tratamento destrói a lesão mas, também, as reservas sanguíneas. No caso dos doentes ainda não tratados, deve-se considerar a aplicação de duas técnicas: a da irradiação generalizada e a que os modernos chamam de "*rôlo compressor*". A primeira consiste em irradiação de tôda uma parte do corpo, buscando atingir a maior área possível, todo o tórax, por exemplo. A segunda, moderna e mais audaciosa, consiste na irradiação de todos os gânglios do corpo, desde a base do crânio até os joelhos. Haverá necessidade, então de hospitalizar-se o paciente, submetendo-o a cuidados médicos especiais. Apesar disso, não pode ser considerada senão um paliativo.

OS CIRURGIÕES

Dada a palavra aos cirurgiões, os drs. Jorge Marsillac Adair de Araújo, Turíbio Braz e Fernando Gentil declararam que, embora sendo uma doença progressiva, há um momento em que o câncer se localiza e então se torna possível a extirpação total da região afetada. Nos últimos dez anos fêz a cirurgia grandes progressos, graças a três fatôres: os processos modernos de anestesia, a técnica aperfeiçoada de transfusão de sangue e os antibióticos (penicilina, estreptomicina, etc.).

Será, no entanto, um êrro consirerar-se que a radioterapia e a cirurgia se coloquem em posições antagônicas, ou de inteira autonomia, pois que sòmente uma aplicação harmônica de todos os recursos pode tornar o tratamento eficiente. Lembrou o dr. Fernando Gentil o recurso à mostarda nitrogenada, descoberta durante a guerra e que não havia sido ainda lembrada como valioso elemento na luta contra o câncer.

O dr. Sérgio de Azevedo, falando a seguir, do ponto-de-vista clínico, declarou que via com admiração os esforços dos cirurgiões e radioterapeutas no combate ao câncer, mas que sòmente a pesquisa, feita em Institutos próprios, apresentaria solução final para o problema. Todos os tratamentos estão sujeitos a falhas e se restar um só ponto de refúgio, voltará o câncer, anos depois para completar a sua obra. Antes que se haja descoberto um produto quimioterápico específico, serão falíveis todos os recursos. Na sua opinião, é no sentido da pesquisa que se devem orientar os principais esforços dos cientistas. Muitas armas têm-se descoberto nos últimos tempos: o *gás de mostarda* (mostarda nitrogenada), a *uretana*, a *aminopterina*, etc. Dentro de poucos anos ter-se-á — espera — chegado a uma conclusão definitiva. Assim, o seu apêlo é no sentido de que se concluam quanto antes as obras do Instituto do Câncer, cujo edifício já foi iniciado e é o esqueleto de cimento armado existente na Praça da Cruz Vermelha, inacabado por falta de recursos.

A essa exposição, acrescentou o dr. Mário Kroeff que, na realidade, o instituto é necessidade básica de uma organização de combate ao câncer, mas não se deve esquecer que a radioterapia e a cirurgia curam, hoje, de um têrço à metade dos casos que lhes são submetidos, o que é um índice altamente animador.

PROFILAXIA

Abordado o assunto da profilaxia, disseram os cientistas participantes da "mesa redonda" que não há senão trabalho de profilaxia profissional. Pessoas que se empregam em determinadas atividades estão mais sujeitas ao câncer e por isso devem submeter-se a regime especial de trabalho. Citou, por exemplo, o dr. Sérgio de Azevedo o caso das fábricas em que o excesso de fuligem coloca em risco os operários, podendo causar-lhes afecções cancerosas. Uma das providências é, então, contratar de preferência indivíduos de côr, pois a pigmentação da pele cria resistência contra o câncer. Especial cuidado devem tomar as criaturas muito claras, o tipo louro de olhos azuis, sujeito ao câncer por simples excesso de sol, tostando a pele.

Lembrou o dr. Ozolando Machado a recente lei, votada no govêrno passado e sancionada pelo atual, criando regime especial para os servidores que trabalham em radioterapia. Acrescentou o dr. Alberto Coutinho que profilaxia existe, além da profissional, estabelecendo um sistema severo de contrôle das afecções pré-cancerosas. Uma vez tratadas essas lesões, inúmeros casos seriam evitados.

SEXO PREFERIDO

Sôbre as preferências do câncer quanto à idade e ao sexo de suas vítimas, declarou o dr. Mário Kroeff que, depois dos 35 anos, surge o perigo real do câncer. Seria, portanto, conveniente uma inspeção de saúde periódica, de seis em seis meses. No tocante à diferença de sexo, o câncer é mais comum para os homens, na bôca e no estômago; e nas mulheres nos seios e órgãos genitais. Cita, então, o diretor do Serviço Nacional do Câncer, a grande relação existente entre a maternidade e o surgimento de afecções cancerosas. Para exemplificar, lembra o caso de uma cliente do Serviço que, tendo 4 filhos, na época de gestação de cada um, sofreu de um câncer. A situação tornou-se de tal ordem que, da última vez, ao consultar-se — passados três anos sem parto e sem câncer — declarou ao médico: "Doutor, acho que estou grávida outra vez, porque o meu câncer apareceu."

Salientaram ainda os cientistas reunidos que o câncer é tìpicamente uma doença da civilização. Revelam as estatísticas que na Suíça, por exemplo, país super-civilizado, a incidência do câncer dá-se na proporção de 100 a 120 por 100.000 habitantes.

No Brasil, atinge a apenas 50 a 55 por 100.000. Nos Estados Unidos, ocupa segundo lugar, seguindo as moléstias do coração.

CAUSAS

Três causas podem ser apresentadas para êsse registro. Em primeiro lugar, as estatísticas nos países de civilização inferior são mais falhas. Em segundo nos países mais civilizados já desapareceram muitas doenças que ainda existem com alto índice de mortalidade, entre nós. Essas doenças roubam ao câncer muitas oportunidades. Finalmente, o câncer é doença que surge, via de regra, depois dos 35 anos e a média de vida no Brasil pode ser contada em menos de 40 anos. Nos Estados Unidos, onde a média de vida é de 64 anos, o câncer conta com pelo menos 24 anos mais de tempo para surgir em cada pessoa. Daí o alarmante comentário de que dentre os 170 milhões de norte-americanos vivos, 17 milhões morrerão de câncer.

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do Óleo de Peroba.

Os móveis representam a vida do seu lar, e o Óleo de Peroba a vida de seus móveis.



A MODA DE PARIS $5

uma publicação da revista do globo s.a.

À VENDA
em tôdas as Bancas

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com Óleo de Peroba.

ASSISTÊNCIA

Finalizando a parte dos debates, pròpriamente dito, salientou o dr. Mário Kroeff a necessidade de mobilização de todos os recursos no combate ao terrível mal. Cada pessoa deve lembrar-se de que um entre oito indivíduos está sujeito a sofrer de câncer e nesse caso é de seu próprio interêsse agir em benefício do seu grupo.

Não há Tesouro Nacional que suporte uma despesa com um aparelhamento nacional de combate à doença, em país algum do mundo e, sem a cooperação do povo, todo esfôrço estará incompleto.

★

Após os comentários técnicos a respeito das declarações do dr. Mário Kroeff, pela dr. Ozolando Machado, o jornalista Pompeu de Souza sugeriu, simultâneamente com o dr. Mário Kroeff e o dr. Sérgio de Azevedo, que, nesse caso a solução estaria em constituir-se uma fundação. A idéia foi saudada entusiàsticamente pelos presentes.

EM PETRÓPOLIS
com o Presidente Vargas

A mesa redonda do "Diário Carioca" resultou na criação de uma entidade que passou a chamar-se — "Fundação Laureano". O médico-missionário, entretanto, só tomou conhecimento disso mais tarde, pois, antes que terminasse os debates, partiu para Petrópolis, onde se avistaria com o Presidente da República. Nesse memorável encontro, que se deu às 17,20, pela primeira vez o dr. Laureano não soube conter as lágrimas...

Tomado de intensa emoção, dirigiu-se ao Presidente Vargas, contando em rápidas palavras o drama que está vivendo:

— "Presidente, aqui estou, como um canceroso, para pedir a V. Excia. que proteja os brasileiros que, como eu, estão sendo devorados pelo câncer. A moléstia não é incurável. O que é preciso e indispensável é diagnosticá-la precocemente. E isso sòmente é possível fazer se dispusermos de hospitais bem equipados e de técnicos competentes, que dêles se possam encarregar. Nada peço para mim; peço para meus patrícios; peço para milhares de brasileiros que, por êsse interior, são vítimas do mal que me vai matando aos poucos."

O Presidente Vargas reafirmou a sua intenção de amparar o dr. Laureano, dizendo textualmente:

— "Desde hoje o dr. Napoleão e a sua família estão sob a proteção do Estado."

NO HOSPITAL DOS MARÍTIMOS
com Padre Antônio

No dia seguinte, isto é, Domingo de Ramos, o dr. Laureano foi receber a bênção do Padre Antônio, que ainda se acha em convalescença no Hospital dos Marítimos.

Eram exatamente 14,50 horas quando o médico enfêrmo chegou ao hospital, acompanhado de sua espôsa, do senador Adalberto Ribeiro e sua espôsa D. Maria Dolores da Rocha Ribeiro, além de outras pessoas amigas. Dez minutos depois, amparado pelo dr. Condeixa Filho — cirurgião que operou o Padre Antônio — e pelo senador Adalberto Ribeiro, o dr. Laureano foi apresentado ao piedoso pároco de Urucânia. Nós já estávamos dentro do quarto e já havíamos, mesmo, feito várias fotos do santo sacerdote e seu fiel sacristão — sr. Raymundo Henrique da Silva, hoje prefeito da cidade de Rio Casca.

Ao transpor a porta do quarto o médico olhou firmemente para o reverendo que se achava deitado e teve esta expressão, que saiu de dentro do coração: Ah!... E' justamente esta a exclamação que traduz a emoção. E a figura simpática de Padre Antônio provoca em todos os que dêle se aproximam esta expressão, que é, como um fio, por onde se irradia a simpatia e a fé.

— Venha cá, meu caro doutor... Onde está a sua espôsa? — perguntou Padre Antônio.

D. Marciana — a espôsa que é um modêlo de dedicação — aproximou-se, enquanto seu marido beijava a dextra do reverendo.

Auxiliado sempre pelo sr. Raymundo, Padre Antônio lançou a sua bênção ao enfêrmo e entregou-lhe uma medalha de Nossa Senhora das Graças, dizendo:

— "Vá, meu irmão, com as graças de Nossa Senhora. Se a sua vida tiver de ser útil à coletividade, Deus, por certo, a poupará; mas se Deus o chamar, vá, meu irmão, porque tôdas as nossas almas pertencem a Deus."

...E o médico saiu... mas, já andando sòzinho, desde o quarto do Padre Antônio até ao seu automóvel, que se achava estacionado no pátio do hospital.

Um murmúrio correu pelos corredores do nosocômio: Milagre! Milagre!... O próprio médico dizia: ""estou melhor... já posso andar... já não sinto tantas dores..."

Ao ouvir estas declarações que saíam dos lábios do seu querido espôso, D. Marciana caiu em prantos e o abraçou comovida. As pessoas presentes também não se contiveram... E o pranto foi geral. Procuramos registrar o momento, ou melhor, *procuramos fazer a foto do milagre*... Mas, que nada!... A êsse tempo o repórter também já se achava emocionado... E com razão. Havia já três dias, desde a sua chegada no aeroporto Santos Dumont, que acompanhávamos o dr. Laureano. Êle desceu do avião com a sua muleta e a sua bengala. À tôda parte foi sempre amparado pela espôsa e amigos. Finalmente, penetrou no quarto do Padre Antônio, como dissemos, amparado. E, depois de abençoado... vimo-lo andar sòzinho... sem muleta... sem bengala... e sem amparo.

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com Óleo de Peroba.

Quanto mais velhos forem os seus móveis, mais bonitos se tornarão, conservando-os com Óleo de Peroba.

A SAÚDE DO BEBÊ

DENTIÇÃO - O FANTASMA DAS MÃES

Dr. SABOIA RIBEIRO

AO 6º ou 8º mês costuma iniciar-se a dentição, que prossegue normalmente, até ao 24º ou 30º mês. E' a chamada *primeira dentição*. Nesse longo período de dois anos, são bastante freqüentes muitas perturbações que salteiam a criança — aqui do intestino, como a diarréia e o vômito, aqui da árvore respiratória, como as rinofaringites, as bronquites. Desde então de tudo que ocorre no organismo da criança incrimina-se à dentição, mesmo porque, durante aquêle período, de dois em dois meses há sempre um par de dentes que acabou de surgir e um par que está por nascer, ou já está nascendo.

E' comum, por exemplo, que suceda o seguinte: uma criança vem sendo alimentada ao seio nas condições mais satisfatórias e, de repente, perde o apetite, não quer mamar direito, ou repele a mamadeira; ou chora quando mama. O pêso logo pára ou decai. A temperatura está muitas vêzes alterada, e só isto, que devia logo fazer desconfiar de uma infecção, como a gripe, é, porém, esquecido, atribuindo-se a perda do apetite à dentição!

Examinadas, no entanto, a garganta e as amígdalas, lá estão ambas congestionadas, vermelhas, cobertas de pontos brancos, o que, em grande parte explica a dificuldade com que o bebê mama ou deglute à mamadeira, e baba em excesso.

Chiaffarelli, grande mestre da pediatria, recomenda a êsse propósito:

"Tôdas as vêzes que o teu filhinho babar em excesso, podes estar certa que êle está com dor de garganta; êle tem mêdo de engolir a saliva, "gargareja" com ela, produzindo um barulho esquisito e típico; o cuspo junta-se e reflui pelos cantos laterais da bôca."

Nós, médicos, apenas admitimos que durante a erupção dos primeiros dentes se passem algumas modificações no humor natural da criancinha, sobretudo naquelas que possuem um temporamento nervoso. O chôro torna-se mais fácil; algumas dormem menos bem, o apetite se torna caprichoso, etc. Nessa ocasião, mesmo, devem-se evitar as mudanças do regime; ou pelo menos não se devem impor com mão forte essas mudanças.

Nada há que fazer com relação às gengivas, parte da bôca com que as mães se preocupam muito, porém que não devem ser tocadas. Pensam elas que as gengivas se opõem à saída dos dentes, e tentam com esfregações facilitar. Ora, não é isso o que se passa entre as gengivas e os dentes. O dente vem de dentro para fora e as gengivas vão ao seu contato se reabsorvendo a si mesmas, como que a lhes abrir passagem.

Inflamações das gengivas com sangramento e fungosidades devem-se atribuir ao escorbuto (avitaminose C) ou às cáries, e seu tratamento é também geral e não sòmente local como poderá parecer.

Xarope Delabarre, mel rosado, etc., muito usados no passado, hoje são totalmente condenados, pois antes favorecem as estomatites (inflamação da mucosa da bôca), como o sapinho, etc.

A aparição dos dentes da criança deve ser acompanhada, mas só no sentido de garantir-lhe pela alimentação um regime normal a que não falte inclusive o cálcio e o fósforo, que são os elementos minerais básicos dos dentes.

A fixação dêsses sais dependendo de um pouco de sol sempre, cumpre não faltar com o concurso dêsse elemento para o bom desenvolvimento dos dentes.

E' esta a ordem de aparição dos dentes, mas não há um rigor absoluto nessa ordem nem no tempo de aparição:

1º — 2 incisivos medianos de cima
2º — 2 incisivos medianos de baixo
3º — 2 incisivos laterais de cima
4º — 2 incisivos laterais de baixo

(Isto de 2 em 2 meses, de forma que vai do 6º ao 14º mês)

5º — 4 premolares (mesmo agrupamento e ordem: do 14º ao 18º mês)
6º — 4 caninos (idem, idem; do 18º ao 24º mês)
7º — 4 segundos molares (idem, do 24º ao 30º mês).

Assim, se completa a *primeira dentição* entre 24 a 30 meses, constando de 20 dentes.

Na *segunda dentição* surgem mais os seguintes:

1º — terceiros molares (aos 6 anos)
2º — quartos molares (aos 13 anos)

A dentição se ultima com o aparecimento de 4 dentes de sizo, aos 18 ou 20 anos (terceira dentição).

E' um fato conhecido que, pelos 7 anos, os dentes da primeira dentição vão sendo substituídos por outros, chamados *dentes permanentes*. Por êsse motivo muitas mães não dão a devida importância aos dentes da criança até aos 7 anos, deixando por isso de cuidar de sua higiene e desprezando as cáries que acaso surgem. Dentes cariados numa criança se constituem focos de infecção e devem ser assistidos, os da primeira dentição, ou tratados, como outros quaisquer.

As mães devem observar as *anomalias de forma* da dentição da criança, pois algumas possuem caráter específico, indicando ora o raquitismo, ora a sífilis, etc.

O retardamento dos dentes, às mais das vêzes, deve fazer pensar numa avitaminose ou mesmo defeito de glândula (nanismo tirógeno), porém mais comumente é devido à falta de cálcio e fósforo.

O uso da escôva o mais cedo possível e a boa higiene geral e da alimentação representam os meios mais profícuos de conservar uma boa dentição da criança, sem dispensar a assistência do dentista em face da menor anormalidade.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

R. T. (Nesta) — Quando a sífilis existe na genitora a criança nasce necessàriamente também sifilítica. Para evitar êsse mal convém fazer sempre, no início da gravidez, um tratamento intenso daquela.

E. S. (Santos) — Criança com pele como que infiltrada e uma côr acinzentada, fendas palpebrais acanhadas, cara de lua cheia, nariz largo e chato com os dois orifícios bem expostos, pouco cabelo (quebradiço, sêco), *fisionomia parada* — é, como pintam os médicos, a criança com *Mixedema*. Se a sua tem essa *fisionomia* deve ser isto. E' doença séria.

V. F. (Três Corações) — Os vômitos em esguicho são os únicos que, na criança pequena, fazem supor o chamado piloro-espasmo. Nesse caso a criança mostra um grau elevado de desnutrição. Os vômitos com progresso do pêso são antes outra coisa, e não têm importância; pode, contudo, no meio da mamada, colocar a criança em posição vertical, fazendo-a arrotar. E' processo que dá bom resultado.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

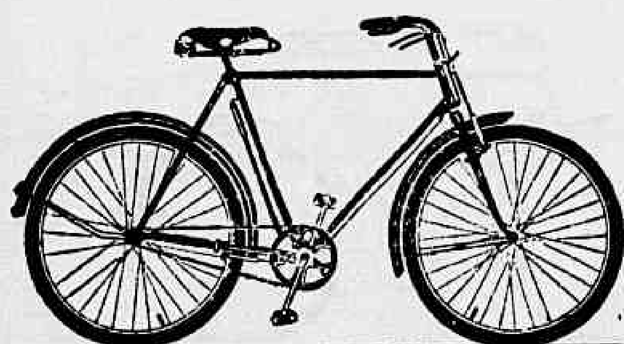
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

QUALIDADE... PERFEIÇÃO...

BICICLETAS **BSA** INGLESAS



A VENDA NAS CASAS DO RAMO

PEÇAM CATÁLOGOS

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

MESBLA

Rua do Passeio, 42 a 56

HEMORRÓIDAS

E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das **hemorróidas** (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram, Usando a pomada no local e tomando juntamente o líquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. **Para varizes** (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., **Caixa Postal 1874 São Paulo.**



H-10-2 Ag. Pettinati

CACILDA BECKER

(Cont. da pág. 25)

invejavel de seu talento. Mas foi agora, em São Paulo, que a descobriram para essa consagração maior. São Paulo, tem por que ufanar-se, embora o motivo do seu orgulho seja uma atriz que não é nova no palco, nem está, como tantos pensam, ensaiando seus primeiros passos. Pelo contrário, Cacilda sabe por experiência própria o que são os prós e os contras da vida de teatro, conheceu emergências dramáticas fora de cena, travou relações com as decepções que a montagem de uma peça, carinhosamente estudada e mal compreendida pelo público, oferecem àqueles que se dedicam, de alma e coração, à ribalta.

De qualquer modo, o Rio não conhece, é bem verdade, a nova Cacilda Becker, a definitiva Cacilda Becker a quem Michel Simon, com muita propriedade, denominou "um monstro de teatro". E não é outra coisa senão um perfeito monstro de salas, um monstro de talento e nervos, de pertinácia e vibração, de sacrifício e agora também de triunfos, o que encontramos em Cacilda Becker, fazendo a "Filha", em "Seis Personagens".

Fala-se que o Teatro Brasileiro de Comédia virá ao Rio, tão logo apareça uma casa de espetáculos disponivel. Mas se não aparecer, um recurso existe para os interessados, a fundo, em coisas de teatro: tomar um avião e ir ver, quanto antes, a "performance" notável dessa revelação com dez anos de batente. — C.

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com Óleo de Peroba.

COPACABANA. . .

(Cont. da pág. 33)

lado de gente rica, pobre e muito pobre, sem falar na presença dos estrangeiros está agora o homem do interior, do mais longínquo interior, se misturando afoitamente com aquêle mundo já cheio de "nós pelas costas". Vai o matuto à praia e lá então é que estraga essa côr local tão procurada pelos que desejam ver, ou procuram ver, ou esperam ver, em Copacabana, um lugar diferente de todos os lugares do Rio.

O servente de pedreiro, com um mês de obra, perde o mêdo e passa a freqüentar as ondas. Êles se juntam e formam naturalmente o meio dêles. Expandem-se. Não leva muito para que o banhista da praia de Ramos acabe concluindo que a de Copacabana é igual à sua.

Mas o melhor não é na praia, quando os matutos se atiram às águas, atrás ou seguidos das empregadas domésticas — é de noite, quando êles e elas começam a namorar. Certamente, depois de servir a mesa, as empregadas baixam dos apartamentos aos montes, tôdas de banho tomado, e se põem a passear na calçada da praia, assim como as patroas, ambas disputando os bancos e a vez de comprar sorvete na carrocinha. O passeio ao longo da Avenida Atlântica é o mesmo que se faz em tôrno do jardim do Méier ou da praça da Penha. E não é só no Rio, sabe-se, mas em todo o Brasil, até na mais pequena cidade do interior. Os matutos identificam logo aquêle vai-e-vem. Formam alas, como os rapazes pròpriamente do lugar, por onde passam as empregadas, as patroas e suas filhas, cada qual olhando o que está a seu alcance. Assim começam os namoros. E' comum o grupo de empregadas aparecer desfalcado, assim como o de serventes de pedreireiros, mas na calçada da praia surgir mais um casal. A fase é outra. Começam êles sentando no banco e nisso ficam durante algum tempo, quando passam a deitar na areia, e de lá acabam no morro. Êle conhece a profissão de fazer casa, tem amigos, o que é meio caminho andado para o nascimento de outra casinha de sapê nas encostas que circundam o bairro.

O LADO FEIO

Coisas piores, entretanto, podem suceder. O matuto nem sempre toma o caminho do morro com a sua empregadinha apaixonada e lá se põe a amar e a pôr negrinhos na praia vendendo amendoim. Êle pode muito bem virar freguês dos botequins, assim que termine a primeira obra para a qual foi contratado. Os lugares para essa malandragem muito encontrada no centro, principalmente em certos pontos mais ou menos conhecidos, como o Estácio, a Lapa, o Cais do Pôrto, também cresceram em Copacabana com o bairro. A praça Serzedelo Correia, por assim dizer, o coração do bairro, é uma espécie de Lapa — começa pelo menos a ser isso com muita fôrça. Por outro lado, a empregadinha vem a descobrir que é bonita, e que mulher bonita não deve se matar assim na cozinha. Para ela, em Copacabana mesmo já vem nascendo outro ramo importado da Lapa. O meretrício, na sua forma bem despudorada, se espalha. As mulheres fazem pôses tradicionais, chamam os homens, brigam em muitas ocasiões. São mocinhas que vieram do interior, sem experiência.

Copacabana, como se vê, tem de tudo. Até mendigos que vão de pessoa a pessoa de chapéu estendido, o que na verdade pode ser apontado como característica das cidades, o bairro já conta. São caras marcadas pela vida nos grandes centros. Mas não é só. Os menores abandonados, em grupos, andam de um lado para outro. Apanham sobras na feira, pedem um níquel na porta dos cinemas, e roubam naturalmente.

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do Óleo de Peroba.

Os seus móveis velhos poderão ficar novos se aplicar em sua limpeza Óleo de Peroba.

UM PERSONAGEM FELIZ

(Cont. da pág. 28)

não se conformam em assistir de braços cruzados à felicidade alheia, encontrando especial prazer em introduzir sombras onde só existe luz pura, e fazer surgir espinhos onde rosas apenas devem florir. Sua própria falta de originalidade, explorado como tem sido o seu tipo por tantos humoristas baratos e lamentáveis, indispos-se contra ela desde o momento em que a fiz pronunciar as primeiras palavras. Rebelde, voluntariosa, intransigente, impenetrável à voz da razão e do bom-senso, o único recurso que encontrei para impedir que me estragasse os planos foi despachá-la para Poços de Caldas, logo que o casamento se consumou — à custa da herança de Boaventura, naturalmente. Foi-se a buliçosa senhora, e todos respiramos aliviados.

CAFÉ FILHO DESCOBRE . . .

(Cont. da pág. 21)

sível. A cada caso mais interessante chama o repórter e relata-o:

— Êste senhor tem setenta e oito anos e veio do sertão da Bahia para falar comigo. Está desamparado, não tem ninguém por êle.

— Qual a solução que o senhor vai dar ao caso? — arriscamos.

Café Filho sorri e responde com tôda a modéstia que lhe é peculiar:

— Isto é conosco.

Mais tarde soubemos que o velhinho foi internado em uma casa de caridade.

Eis o homem mais combatido atualmente pela imprensa oposicionista. Amigo dos jornalistas, amigo do povo e, o que é mais importante, não é demagogo, com o sentido que se atribui à palavra nos dias que correm. Sempre solícito com todos, não cerceando o trabalho do repórter, pelo contrário, facilitando-o, êsse é o homem de quem a imprensa dizia que estava fadado a abrir e fechar sessões do Congresso e, muito ao contrário disso, dá uma movimentação nunca dantes conseguida ao cargo de vice-presidente da República.

Café Filho cumpre fielmente a sua promessa de 27 de janeiro, por ocasião da sua diplomação: "tenho nítida compreensão da honra que me conferiu o povo e do dever de fazer-me digno dela, correspondendo à confiança em mim depositada. Para isso, empenharei, com o espírito público, que me orienta a vida, todos os esforços possíveis para continuar sendo um servidor das instituições republicanas, agora numa esfera mais alta e mais larga".

OS INSISTENTES — COMO O POVO TRATA O VICE

Enquanto dentro do Palácio o vice-presidente vai ouvindo as queixas do povo, na parte externa, um funcionário faz distribuição de cartões para as próximas audiências. Feita e encerrada a distribuição, os os retardatários se aglomeram em frente à porta de acesso às audiências públicas, fazendo os mais angustiantes apelos:

— Moço, eu venho de Nova Iguaçu, preciso falar com o dr. Café.

— "Seu" guarda, pelo amor de Deus, tenho seis filhos e estou desempregado.

Os guardas são obrigados, embora a contragosto e para cumprir fielmente seus deveres, a fazer "ouvidos de mercador", enquanto os apelos continuam:

— "Seu" guarda, por favor. Eu preciso falar ao homem.

Muitos tentam meios ilícitos, sendo imediatamente advertidos de que, se continuam serão punidos severamente. Outros lançam mão de todos os recursos possíveis, insistem, gesticulam, gritam, mas tudo em vão. Ainda há outros tipos que apelam para nós:

— "Seu" repórter, dá um jeitinho.

Somos forçados a fazer o mesmo que os guardas e ir saindo de fininho, deixando aquela massa entregue ao seu próprio destino e ir observar o "homem".

Já de pé, recebendo e abraçando o povo, Café Filho estende a mão a uma senhora de idade bastante avançada, depois que ela fêz entrega da ficha ao guarda de serviço na recepção das mesmas.

A senhora contou seu caso e Café ouviu atentamente. De repente, abaixou-se e observou a perna da senhora envolta em gaze e se mostrou interessado em saber o porquê daquele ferimento. Ela explicou:

— "Seu" Café, eu saí do Realengo à meia-noite e caí do trem. Fui parar no Pronto Socorro e de lá vim para falar com o senhor.

— Mas a senhora não pode voltar assim nestas condições para casa.

Ato contínuo à observação, chamou o chefe da guarda, deu-lhe algumas ordens, chamou um dos seus assistentes e sussurrou alguma coisa ao seu ouvido. Desejávamos saber o que se passava, mas perguntar a êle seria inútil. Resolvemos agir de outra maneira. Pela atitude do guarda, soubemos que Café lhe ordenara que conduzisse a velhinha até à porta de saída. Faltava-nos descobrir qual seria a missão do assistente. Não nos foi difícil pois que, acompanhando-a, vimos quando meteu a mão no bôlso, tirou uma nota de Cr$ 50,00, deu à velhinha, e transmitiu ordens ao motorista do vice-presidente. Dentro em pouco o carro de Café Filho demandava o Realengo, levando uma mulher do povo. Estávamos abismados. Aquilo era uma coisa extraordinária!

"Seu" Café, "doutor" Café, é como o povo, na sua simplicidade, trata o vice-presidente, sem protocolos. O vice parece satisfeito com o tratamento já que, simples que é, dispensa de bom grado o "excelência", de praxe.

Ao chegar frente a frente com um dos homens mais eminentes dos dias atuais, o povo tem as mais diferentes reações. Uns ficam ruborizados, outros põem as mãos nos bolsos nervosamente, outros passam o chapéu de uma para outra mão, há os que dizem seu "caso" gaguejando, os que falam quase em segredo, mas, como não podia deixar de acontecer, há também os expeditos que chegam e vão logo entrando no assunto:

— Dr. Café, tenho oito filhos, estou desempregado e vim apelar para o "senhor". Preciso de um emprêgo.

— Só se você prometer arranjar mais oito, responde o vice, brincando com o consulente.

Os pedidos de emprêgo, muito numerosos aliás, são enviados à seção de colocação de trabalhadores do Ministério do Trabalho, que encaminhará os profissionais a indústrias particulares. Pedir emprêgo público a Café Filho é perder tempo.

UM ENCONTRO COMOVENTE E A VERVE DO VICE

A fila prossegue a sua caminhada em direção ao vice-presidente. Agora é a vez de um menino que tem uma úlcera na perna e que os hospitais não querem receber sendo, além disso, cego de um ôlho em conseqüência de uma febre altíssima produzida pelo tifo. Quase louco, o menino se jogou a um rio que há perto da casa onde morava, ficando com um ôlho inutilizado. Café Filho ouviu atentamente o menino e, em seguida, deu ordens ao chefe dos guardas para que o encaminhasse ao SAM, a fim de que êsse providenciasse, imediatamente, a internação do garôto.

E os casos se sucedem. Uma médica, anel no dedo, ótima situação financeira, queria um emprêgo e explicava ao vice-presidente que balançava a cabeça negativamente, entre cético e abismado:

— Sou formada, tenho boa situação financeira, mas preciso de um emprêgo. E' só para constar, doutor.

Um dos casos que despertou sensação no Monroe foi o de um poeta nordestino que nada queria, além de recitar seus versos para Café Filho ouvir. Êste convocou todos os seus auxiliares, a reportagem e deu-se início ao recital. Maravilhado Café ouvia e comentava:

— Nem tudo está perdido. Ainda existe quem saiba fazer belos versos.

E' assim o vice-presidente. Sem afetação, simplório e de uma presença de espírito digna de nota, a todos vai atendendo, abraçando, resolvendo seus casos na medida do possível.

Enquanto pensávamos na redação do trecho que ficou escrito atrás, tivemos nossa atenção despertada para o dr. Café Filho que observava a um rapaz alto e forte que sorria diante dêle:

— Rapaz, meus parabens, dê-me um abraço, você é o sujeito de melhor vida e com menores problemas de todos os que já ouvi hoje.

E virando-se para o repórter, diz, brincando:

— Imagine você que êste cidadão ganha Cr$ 30,00 por dia e ainda se queixa da vida.

Logo atrás, talvez para confirmar as palavras de Café, veio um cidadão exibindo 10 certidões de nascimento de seus filhos e desempregado. O vice-presidente não perdeu a ocasião:

— E aquêle cidadão, solteiro, ainda se queixava da vida... E ganhando Cr$ 30,00!!!

Lá atrás, de terno azul-marinho, suando em bicas, um cidadão abanava-se com um jornal. Café Filho estende o olhar pela fila, consulta o relógio e observa:

— A fila está esticando. — Sorri para o homem de azul-marinho.

Quando chegou a vez dêste, Café levantou-se, sacudiu-lhe os ombros e rememorando fatos antigos, disse-lhe:

— Você não é Fulano, que estudou comigo no Liceu?

O homem, que já suava por todos os poros, parecia transpirar ainda mais. A voz não lhe saía, seu rosto ruborizado mais parecia uma grelha de fogão de cozinha, suas mãos procuraram as de Café e o homem caíu-lhe nos braços, num grande e comovente abraço.

Sempre abraçando o homem, Café chamou o repórter e explicou:

— Fizemos muitas gazetas juntos, estudamos no mesmo banco. Hoje, eu sou vice-presidente da República e êle é condutor da Light...

O DRAMA DO INVENTOR

Dentre todos os dramas que Café Filho ouve quase diàriamente, há um que merece destaque especial. E' o drama de um homem simples que inventou um aparelho que o Brasil importa em larga escala da Alemanha. Trata-se de uma peça para pautar papel e que êle constrói manualmente.

Quando o homem contou a sua história e disse das dificuldades que está passando, Café Filho, não conteve sua natural revolta:

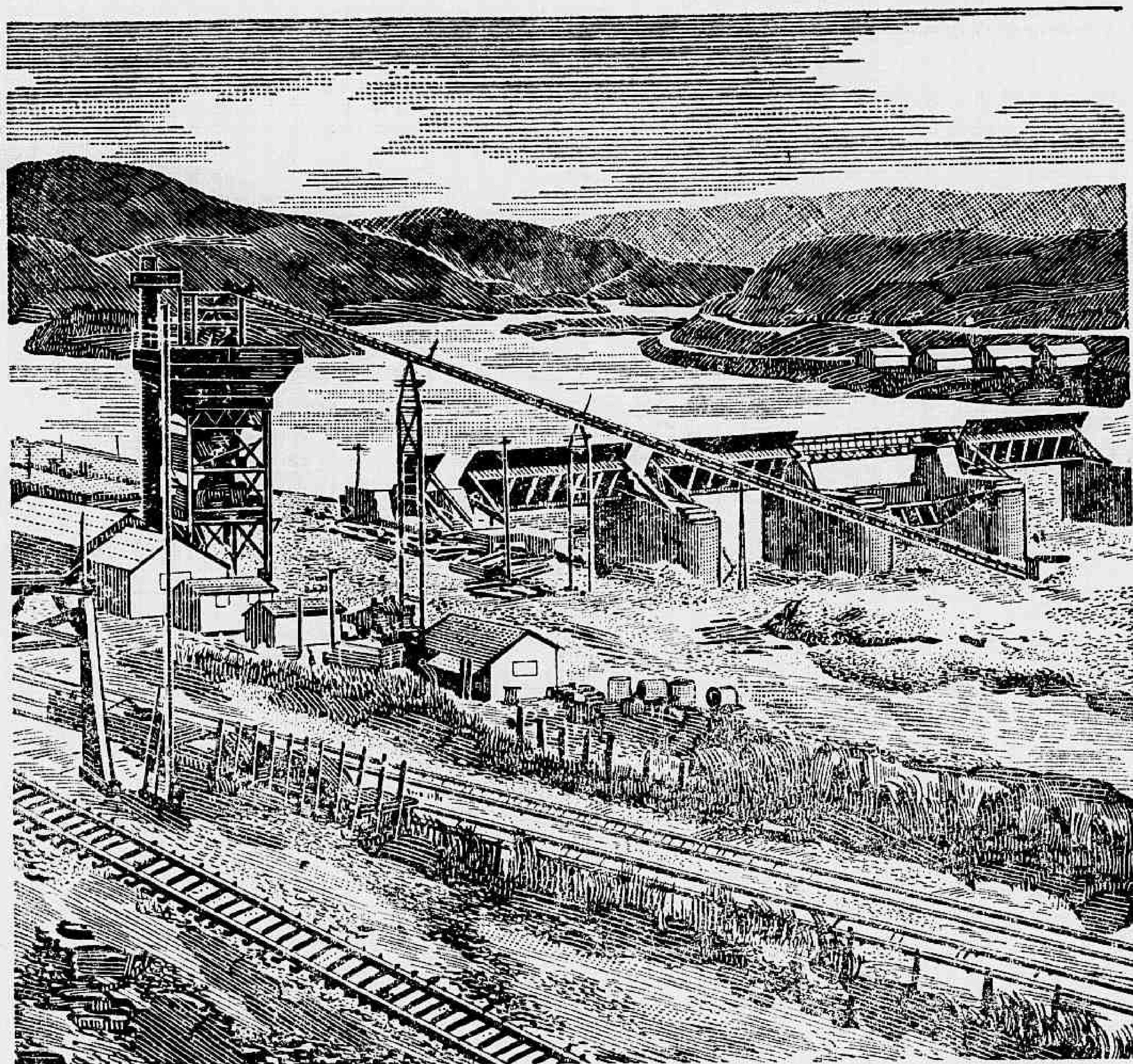
— Êsse é o drama do inventor, de um homem excepcional que merece ser amparado pelo Estado. Dizendo isto, chamou-nos e apresentou o homem. Depois de nos explicar de que se tratava, arriscamos uma observação:

— E' isso mesmo, dr. Café, êste é o mesmo drama que Santos Dumont já viveu tempos atrás, é um drama universal, o homem nunca tem valor em sua própria terra.

Café Filho abanou a cabeça afirmativamente e tomou providências junto a seus auxiliares a fim de encaminhar o inventor aos canais competentes.

(Cont. na pág. 40)

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando com uma flanela Óleo de Peroba.



GIGANTESCAS OBRAS EM RÁPIDA EXECUÇÃO

A BARRAGEM DO RIO PARAÍBA, NUMA EXTENSÃO DE 200 METROS

Esta barragem, uma das partes mais importantes do grandioso conjunto de obras que a Light está realizando, é destinada ao desvio das águas do rio Paraíba, na primeira etapa da sua utilização, para aumentar a produção de eletricidade da Usina de Fontes. As águas do rio, assim desviadas, serão elevadas numa poderosa usina de recalque a uma altura de 10 metros, lançadas em um túnel de 3.311 metros de extensão e daí ao canal de Santa Cecília e, por meio de outro reservatório, de outra usina de recalque e de mais um canal, atingirão a Usina, sendo aí aproveitadas para movimentar as unidades geradoras. Além da construção dessas barragens, túneis, canais e usinas de recalque, está sendo construida em Fontes a primeira de duas grandes usinas subterrâneas denominadas "Forçacava".

Todos os esforços estão sendo desenvolvidos para a rápida conclusão dêsse empreendimento. No momento, porém, é necessário que os srs. consumidores colaborem, restringindo ao mínimo os seus gastos de eletricidade, pois o volume d'água do Reservatório de Lajes continua ainda em desfalque.



ECONOMIZEM ELETRICIDADE!

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUE OCORRÊNCIA ESTILÍSTICA HÁ NESTE VERSO DE CRUZ E SOUZA: «VOZES VELADAS, VELUDOSAS VOZES»:

Aliteração?
Onomatopéia?
Polissindenton?

2 — QUE NOME TÊM AS POESIAS CUJA LETRA INICIAL DE CADA VERSO FORMA UM NOME DE PESSOA:

Solecismo?
Acróstico?
Sibaritismo?

3 — QUEM ESCREVEU O POEMA ÉPICO «O CARAMURU»:

Basílio da Gama?
Santa Rita Durão?
Camões?

4 — QUE PAÍS, ANTIGAMENTE TINHA O NOME DE HÉLADE:

A Itália?
A Turquia?
A Grécia?

5 — A QUEM DEVEMOS HOJE O CONHECIMENTO DA ILÍADA E DA ODISSÉIA:

A Solon?
Ao tirano Pisístrato?
A Nero?

6 — DE ONDE VEM O NOME DE ILÍADA:

De Ilios?
De Loanda?
De Santa Ilia?

7 — QUAL A OBRA POÉTICA MAIS ANTIGA DA GRÉCIA:

Ilíada e Odisséia?
A Etiópide?
A Pequena Ilíada?

8 — A QUEM SE DEVE A CRIAÇÃO DA POESIA DIDÁTICA:

A Pestalozzi?
A Froebel?
A Hesíodo?

9 — DE ONDE SE ORIGINOU A PALAVRA «LÍRICO»:

De lírio?
De lira?
De pira?

10 — SÓFOCLES FOI:

Trágico grego?
Poeta peripatético?
Cônsul romano?

11 — QUAL O ESCRITOR CONSIDERADO «PAI DA HISTÓRIA»:

Menandro?
Ésquilo?
Heródoto?

12 — QUAL O PAÍS QUE PRODUZ MAIS AÇÚCAR DE CANA NO MUNDO:

Índia?
Brasil?
Cuba?

13 — QUE NOME TEM O PEIXE BRASILEIRO QUE RESPIRA PELO TUBO DIGESTIVO:

Tamoatá?
Piranha?
Muçu?

14 — QUE QUER DIZER: «BLEFAROPLAGIA»:

Doença do pulmão?
Paralisia das pálpebras?
Cegueira precoce?

15 — QUAL DÊSTES ESTADOS PRODUZ MAIS AÇÚCAR:

Minas Gerais?
Alagoas?
Rio de Janeiro?

16 — COMO SE CHAMAVA O HOMEM CONSIDERADO O MAIOR ORADOR DE TODOS OS TEMPOS:

Péricles?
Demóstenes?
Aristóteles?

17 — ACADEMIA ERA O NOME DE:

Uma escola filosófica?
Um estabelecimento de ensino?
Um templo da Grécia?

18 — POR QUE SE DÁ A CERTOS ESTABELECIMENTOS DE ESTUDOS O NOME DE LICEU:

Por vir de lição?
Por sua origem em Apolo Lício?
Ou na de Ulisses?

19 — QUE SIGNIFICA «ESPÍRITO MAQUIAVÉLICO»:

Pessoa caridosa?
Indivíduo honesto?
Ou hipócrita e intrigante?

20 — DURANTE QUANTOS ANOS REINOU NA INGLATERRA A RAINHA VITÓRIA:

Sessenta e quatro?
Quarenta e nove?
Cinqüenta?

(Respostas na página 58)

BIDÚ SAYÃO COM SAUDADES DO BRASIL

EDGAR PROENÇA

CHEGUEI a Nova York e logo no mesmo dia, à noite, enchi-me de espontâneo orgulho de brasilidade vendo a tremeluzir, no rico edifício de Radio-City, o nome de Bidu Sayão. O "neon" era vivo, colorido e brilhava como as jóias faiscantes. Vi-me mais brasileiro naquele instante...

Outro dia fui ao Metropolitan Opera House e no seu "foyer" lá estava, entre as mais altas figuras mundiais da arte lírica, o retrato da nossa insigne patrícia.

Pus-me a campo para falar-lhe, matar saudades do Brasil. Um telefonema ao nosso Consulado Geral deu-me gentilmente o seu endereço.

— Hotel Ansonia.

— Por obséquio, apartamento 818, senhora Bidu Sayão.

— Alô, pronto. Bidu Sayão.

— Não se deve mais lembrar do jornalista Paraense que a saudou no Rádio Clube...

— Lembro-me sim, doutor Proença.



Senhora Bidu Sayão

Acertamos logo uma entrevista e, no dia seguinte, às 17 horas, eu chegava em companhia do meu amigo dr. Carlos Serfaty até ao seu luxuoso apartamento. Com amabilidade verdadeiramente sensibilizadora, a nossa patricia e a senhora Maria José, sua digna genitora, recebem-nos sem a menor etiquêta. Eu ia entrevistá-la, mas, primeiramente, fui o entrevistado, porque Bidu Sayão queria conhecer as mais recentes notícias de sua pátria. Senti desvanecedoramente que os quatorze anos de residência nos Estados Unidos não tiveram a mais leve influência no seu espírito, capaz de fazê-la esquecer o berço natal ou pelo menos se tornar indiferente pelos seus destinos. Para isso, acentua com simplicidade:

— Faz quatorze anos que vivo por aqui, bem recebida por êste grande povo, colhendo sucessivos triunfos, mas ainda não me naturalizei...

Começo a fazer-lhe perguntas.

CANTANDO, SEMPRE CANTANDO

— Quais são presentemente as suas atividades artísticas?

— As mesmas de sempre, de uns tempos para cá aumentadas com a televisão, pois tenho feito no Radio-City programas televisionados. Continuo, portanto, cantando. Vou agora iniciar uma "tournée" até a Califórnia e depois cumprirei um contrato duma temporada no Metropolitan Opera.

Passa então Bidu a dizer quanto os americanos têm evoluido no seu amor à Arte. A platéia que enche tôdas as noites o famoso Teatro de ópera, sabe distingüir os que cantam bem. Qualquer espectador possui educação musical muito aperfeiçoada. Apenas o americano não é muito espansivo, — adianta-nos o soprano internacional — embora eu não possa disso me queixar, pois sou sempre generosamente aplaudida. A própria crítica dos jornais e rádio empresta-me atributos artísticos dos quais me envaideço, sobretudo quando traçados por Olin de Own, crítico severo e competente do "Times".

Mostra-me Bidu Sayão as críticas sôbre a sua interpretação em "La Bohême". E eu leio então, em uma delas o seguinte trecho: "O temperamento artístico impecável de Miss Sayão encontrou perfeita e completa expressão em muitas outras grandes personagens que tem representado, tanto no Brasil como em Nova York. Como Melisande, Violeta, Julieta, Manon, Zerlina, a cantora brasileira tem encantado aos públicos de ambas as Américas, com suas interpretações características. Cada papel é perfeito em si, desde a brilhante Zerlina do "Dom Giovanni", de Mozart, até às românticas e tristes heroinas de Puccini."

EMOÇÕES...

Bidu Sayão, na sua ascensional carreira, já deve ter experimentado tôda série de emoções. Em cada um de nós, porém, vive uma sensibilidade mais forte em certos momentos de glórias. Qual teria sido, na brasileira Bidu, a mais forte emoção em terra americana?

Ela responde ainda... emocionada:

— Isto aconteceu numa tarde de concêrto, quando cantei "Mademoiselle Elue", um trabalho sinfônico em coros, dirigido por Toscanini, e ainda recordo outro momento venturoso na minha vida: a noite de minha estréia no Metropolitan Opera, cantando "Manon". Era a primeira artista sul-americana que ali se exibia e continuei a ser durante 14 anos a única, surgindo agora a maviosa cantora argentina Delia Rigal.

IR AO BRASIL, QUE BOM!

Enquanto eu conversava com Bidu Sayão, admirava o bom-gôsto que preside o seu salão de recepções. Tudo bem disposto, diplomas de honra e condecorações conferidas pelo govêrno norte-americano pela sua atuação artística, cantando para os soldados e instituições durante a grande guerra. Retratos de Vilas-Lôbos e Toscanini com amáveis dedicatórias e, ainda, como símbolo da confraternização entre o Brasil e os Estados Unidos, os retratos de Franklin Roosevelt, como homenagem do saudoso "Cidadão da América", oferecido na noite em que ela cantou na Casa Branca, e de Getúlio Vargas, com a seguinte dedicatória: "Para Bidu Sayão, a mensageira canora do Brasil". E' ocioso dizer que êsse retrato nunca foi apeado do seu lugar, que é fácil acreditar ante a discreta mas positiva afirmação de admiração pelo estadista que novamente governa o nosso país.

Ao despedir-me, ofereci meus préstimos. Bidu Sayão e sua ilustre genitora manifestaram a sua ansiedade em visitar a terra distante. E então ouvi aquêle "ir ao Brasil, que bom!", que saiu dos lábios do rouxinol brasileiro, como se fôssem gôtas harmoniosas fugidas de sua garganta de ouro.

Bidu Sayão pretende ir ao Rio de Janeiro em julho, demorando-se dois meses, que não são bastantes para matar as saudades de quatro anos de ausência.

Foi uma tarde esplêndida para o meu espírito. O nome de Bidu Sayão é vitorioso nos Estados Unidos, quer nos programas de televisão, quer nos seus concertos. E ainda. agora, ouve-se em tôda parte o disco que maior sucesso tem conquistado na América, que é "Bachianas Brasileiras" n. 5, gravado com o nosso ilustre maêstro Vilas-Lôbos.

Tudo isso é Bidu Sayão fazendo crescer o nome do Brasil.

AS IRMÃS ATRAPALHAVAM

Verdadeiramente eu não percebi que estava criando complicações entre Brett e Perry.

Se sua família estivesse aqui, em lugar de estar em Nebraska, poderíamos festejar em sua casa.

Vamos para o "Dragão Chinês"!

Sim. Eu mentira a Perry. Mas achei que era êste o melhor caminho para evitar que também êle me fôsse roubado por minhas irmãs. Nada de aproximá-lo delas antes de nossa união legal.

Durante a semana seguinte Perry e Brett se viram uma porção de vêzes. Perry estava entusiasmado porque Brett ia dar-lhe bom contrato. Mas eu sentia que uma bomba estava a explodir!

Um dia veio Brett até minha secretária e a coisa estourou!

Sinto muito, meu anjo. Sua irmã Claire estava a sair do meu escritório quando Perry entrava. Tive então que apresentá-lo. Desta forma Perry sabe de tôda a verdade!

Oh! Brett! Como você agiu mal! Você fêz isso de propósito!

Pois foi isso mesmo! Você sofre de complexo entre você e suas irmãs! Cedo ou tarde êle saberia!

Claire o tomou de mim no instante em que botou os olhos em você. Alan caiu de amores por Frau, no dia em que eu o levei a nossa casa. Por isso eu não queria apresentar-lhes Perry. Não queria!

No "Dragão Chinês"...

Logo que eu estiver firmemente consolidado, querida, casar-nos-emos!

Oh! Perry, querido!

Num dado momento, quando eu olhava para determinado ponto, vi Brett Corey a rir para mim.

O que faz aqui? Está me seguindo?

Como é amável para êste seu convidado, querida! Apresente-me ao seu amiguinho!

Mas eu sabia que Brett tinha razão. Era preciso ver como Perry reagiria ao apresentar-lhe minhas irmãs. Naquela tarde...

Querida! Brett me disse que você é da fabulosa família Harper! Querida! Por que me ocultou? Envergonha-se de mim?

Mas que idéia, Perry! Claro que não!

Pois prove isso levando-me esta noite para jantar com os seus!

Pois sim, Perry telefonarei a minha mãe.

Lembrei-me então que eu ainda não lhe havia dito o nome do meu noivo...

Aqui é Perry Rand, o musicista. Creio que já se correspondeu com êle, como um dos seus clientes. Perry, êle é Brett Corey!

Brett Corey! Muito prazer em encontrar-me com você! Trocamos muita correspondência, já!

Eu previa que estava a criar complicações. Brett era insubordinado e estava certa de que fôra êle quem armara todo aquêle encontro.

Perry não sabe que pertenço à famosa família Harper, lembra-se! Eu lhe disse que meu povo estava em Nebraska!

3

Minha mãe era hábil e grande artista.

Não haveria inconveniência em levar um amigo para jantar em casa?

Ao contrário, querida! Já era tempo de apresentar-nos seu futuro espôso! Não tenha receios, pois você também possui uma carreira como os outros meus filhos!

4

COMO SERÁ RECEBIDO BRETT, PELA FUTURA SOGRA?

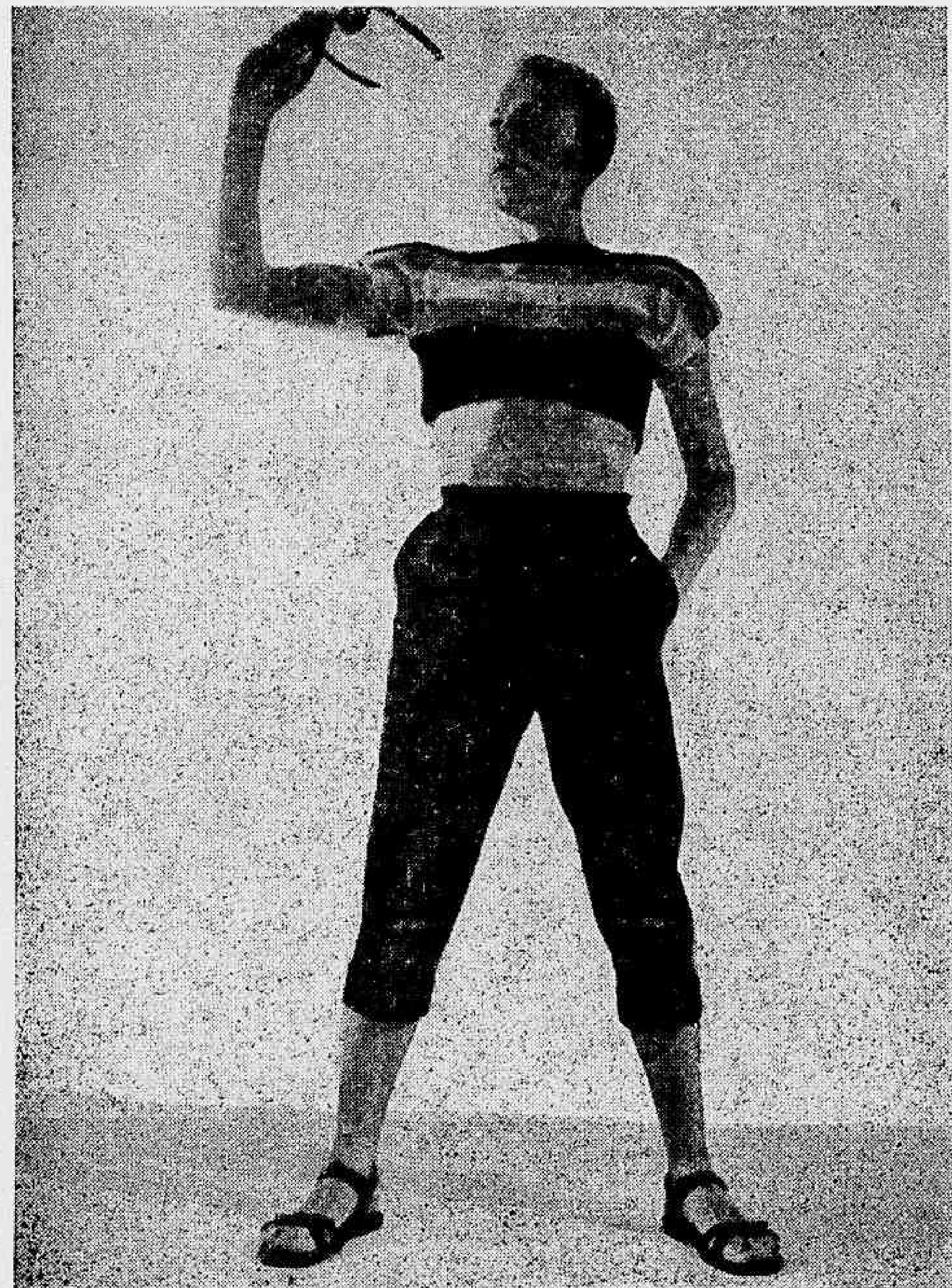


NA MESA REDONDA promovida pelo «Diário Carioca» na qual tomaram parte os maiores expoentes da medicina no Brasil, especialmente cancerologistas, foram debatidos palpitantes assuntos de interesse geral. Dessa memorável reunião colhemos o flagrante acima. Em baixo, o Presidente Vargas e o dr. Laureano, no Palácio Rio Negro. (Foto Ag. Nacional).





PARECE QUE ESTÁ DOENTE, mas não está. Também não é parente de Joe Louis, com quem tem traços fisionômicos muito claros. Êste cidadão «colored» é Ray Robinson, pseudnimo de Walker Smith e que está tirando modelos de suas mãos para um museu de Paris colecionador de «mãos ilustres». A senhora amável que o ajuda é sua segunda espôsa, Edna Mae, ex-bailarina. Robinson é campeão mundial de peso médio e tem um estilo verdadeiramente sensacional no acertar o adversário. Daí o cognome de «açúcar» com que o distinguiram. Sua disputa com Jack La Motta foi motivo de sensação nos meios pugilísticos do mundo. Robinson é um sujeito riquíssimo e é considerado pela crítica esportiva como o maior pugilista dêsses 25 anos.



A MODA PARA AS PRAIAS não se destinam apenas ao elegante e efervescente mundo feminino. Também na seára dos senhores de calça há modelos especialmente estudados e lançados pelos senhores ditadores da moda. Êste aqui, por exemplo, foi considerado pelo seu criador, como «esquisito». Mas «esquisito» no sentido de bizarro, sensacional. Está hoje em moda nas mais elegantes e aristocráticas praias da Europa. Segundo descrevem os modistas, êste «modêlo» apresenta o «squisito» com blusa de lã feita a mão, de cor verde, com listas amarelas e verde-espinafre. A calça 3/4 é em vermelho-escuro. Para completar a moda, o «elegante» calça simplíssima sandália de couro acompanhando a cor da blusa. Será que vai pegar por aqui?

TUDO ISTO

A MANCHA ATRAPALHOU



QUEREMOS falar do Canal da Mancha, estreito Atlântico que separa a Inglaterra da costa francesa. Êsse canal tem sido causa de muitas decepções. Constituiu barreira intransponível nas guerras napoleônicas e impediu que Hitler invadisse a Inglaterra. Mas, para atrapalhar e ser um tanto antipático, êsse mesmo canal acaba de contribuir para a mais dolorosa agitação de amor entre dois corações apaixonados. Ela é a linda andalusa Purificacion Lores; êle, o tenente inglês Martin Caller. Viram-se e se amaram como Romeu e Julieta. A espanholita estava em Londres a trabalhar honestamente como costureira. Os dois vicaram doidos de amor. O romance, porém, não foi aprovado pelo pai do jovem oficial do Exército de Sua Majestade e o idílio foi interrompido imediatamente. Que fazer? Ela, perseguida pelos preconceitos até de ordem religiosa, foi "convidada" a deixar o solo britânico e procurar outras terras onde não houvesse nenhum tenente Caller. Êle, terminantemente proibido de tornar a avistar-se com Purificacion. Mas êste mundo já está muito mais divertido do que aquêle dos velhos tempos de Elizabeth e Maria Stuart. As distâncias agora são reduzidas pelo avião, pelo rádio e pelo telefone. Então os dois amantes recorreram ao telefone. Ela, de Paris, onde se refugiou, vive a gastar todo o seu escasso dinheirinho para manter, mesmo ao longe, o fogo sagrado de um amor proibido. E fala, e fala, e fala... O tenente jura que só se casará com ela, Purificacion, porém, um tanto desconfiada, arranjou um meio de ir à Inglaterra e acabar com a guerra fria, casando-se com êle. Os dois conspiraram e se encontraram em Honiton, no Devonshire, para o casório. Mas... os ventos levaram aos ouvidos de Mr. Caller a notícia, e êste compareceu na hora H, impedindo o matrimônio! Azar... E agora só resta a Purificacion o suspiro da saudade, olhando por sôbre as águas a imensidão invencível da Mancha, a seperá-la de seu amado...

✶

DUELO COM CHURCHILL



O conde de Vanni Fabri, cidadão romano com 35 primaveras, foi herói do ar ao tempo da última grande guerra. Vanni serviu ardorosamente ao fascismo e se casou com uma sobrinha do famoso Mussolini. Embora vendo seu partido das camisas negras esfacelado e o império mussolínico em frangalhos, o conde Fabri se mantém na mesma posição: um herói do fascio para todos os efeitos. Chegando-lhe aos ouvidos que o sr. Churchill, falando na Câmara dos Comuns, tivera expressões ofensivas à Itália, ficou furioso e mandou desafiar o ex-premier britânico para um duelo. Não informaram as notícias qual a arma a escolher. Que não pode ser o florete, a espada ou o cacete, nem se discute, uma vez que a idade de Churchill, setenta e sete anos na lombada, não lhe permitiria a necessária agilidade para enfrentar o seu jovem e fogoso adversário. Com certeza, se Churchill tivesse de escolher as armas, como é do regulamento, pois foi êste o desafiado, teria que sugerir um campeonato de charutos. Venceria o duelo aquêle que fumasse mais êsse canudo desenrolado de tabaco em fôlha. Se o conde não se der ao agradável e elegante vício de pitar charutaços churchilianos, seria batido, na certa, pois que, ao terceiro a acender, cairia embriagado, completamente entregue. Fizeram ver ao desafiador que o duelo era muito desigual, com Churchill naquela idade. Então o moço fascita lembrou que o encontro reparador da honra de sua pátria ultrajada pode ser transferido para Mr. Randolph, filho de Churchill, e que está com a belíssima idade de 40 anos. Assim, o conde, com 35 e o inimigo com 40, estarão equilibrados para um duelo que se espera venha a dar-se a qualquer momento. O diabo é que nenhum dos dois quer pagar a viagem do contendor, nem apareceu até agora um empresário inteligente para encampar tão empolgante espetáculo...

✶

PARABENS, CARECAS!



OS cientistas dos Laboratórios Associados de Pesquisas da cidade de Filadélfia, acabam de encontrar um remédio eficaz para restaurar em cabeças calvas e carecas, a necessária camada capilar. Segundo afirmam telegramas vindos de lá, o dr. Albert Roberts, com outros colegas de sabedoria científica, descobriu o milagre graças a extratos de hormônios encontrados na glândula pituitária, não se sabe bem se do indivíduo humano, ou de cobaias. O preparado foi feito em forma de creme e aplicado sôbre a vasta e luzidia careca de um cidadão que fêz questão de manter-se no anonimato. Era êle de 40 a 45 anos e, depois de receber na "pista" as massagens do creme salvador, durante vários dias, ficou radiante com a presença de milhares de fiozinhos a lhe sorrir como brôtos portadores de esperanças. Os médicos suspenderam a operação e ficaram a esperar a evolução da experiência naquela cabeça que ficará na história como sendo o mais famoso crânio dêste mundo encarecado. Faltando a aplicação do creme, os brotinhos começaram a caír, desanimados, como babugem dos campos do nordeste quando irrompem da terra após boas chuvas, mas que o sol novamente os queima por falta de continuidade de inverno. Chegaram os cientistas dos Laboratórios Associados de Pesquisas a esta conclusão: para nascer cabelos, crescerem e se firmarem bem, é preciso que não haja nenhuma pausa nas fricções sôbre o couro depilado pela calvície. E assim sucedeu mesmo. O homem da experiência se submeteu gostosamente àquelas carícias e já está com bela cabeleira depois de algumas semanas. Dizem mesmo que lhe nasceram mais de vinte mil cabelos na careca. E agora esperemos por isto: fundações de "Companhias de Hormônios Pituitários S. A." a três por dois, para a vitória dos carecas e enriquecimento dos mais sabidos...

ACONTECEU

CATEDRÁTICA DE PUNGUISMO



FOI prêsa pela polícia de Belo Horizonte a jovem e simpática Amélia Gonçalves de Sousa, mal entrada na idade da emancipação feminina, os 21 anos de boa vida. Levada à presença do delegado, Amélia declarou que sua profissão não era muito honesta, mas a desempenhava com a mais absoluta perfeição, o que devia ser respeitado. E qual era essa profissão? A de aliviar as carteiras dos menos precavidos. Amélia é a mais hábil punguista dêste século. Tem a mão levíssima e, ao aproximar-se do bôlso do descuidado, ela como que se dissolve no ar, penetrando no bôlso da vítima como se fôsse um sôpro afável da brisa matutina... O visado até sente enorme sensação de bem-estar. E o "aura" de Amélia que combina perfeitamente com o seu, isto é, o da vítima. Mas, logo que o infeliz "visitado" procura procura tirar o "algum" do bôlso... cadê o dinheiro? A Amélia o levou... Corre daqui, corre dacolá, vai à polícia, apresenta a queixa. Mas ninguém sabe identificar a ladra. Um dia, porém, a Amélia foi infeliz em suas manigâncias espetaculares. A polícia a prendeu na benigna altitude das Alterosas. A gatuninha não esconde sua vontade de "trabalhar" sem muito esfôrço. Apenas correndo certo perigo. E conta suas atividades no Rio, em Juiz de Fora, em Belo Horizonte, a cidade dos seus sonhos catedráticos. Sim, catedráticos. Ela tem muita vontade de fundar lá para Carlos Prates uma Academia de Punguismo Atômico, com propulsão a jato. As autoridades ficaram de bôca aberta quando ela explicou o programa. A fim de mostrar o êxito imediato das várias matérias a lecionar aos seus dedicados alunos, ela praticou várias demonstrações ali mesmo, mostrando os truques e citando os autores...

*

AMULHER RESSUSCITOU



O sr. Antônio César Nobre era casado e dêsse matrimônio houve duas filhas. Já as moças estavam crescidas, quase em idade de casar, quando, por motivos que não vêm ao caso, marido e mulher se desavieram e cada um tomou o seu rumo. Ela ficou em São Paulo e êle veio morar nesta capital com as meninas. Mas César Nobre não gostava de ficar sem uma costelinha para amenizar a vida, mesmo no verão. E enamorou-se de uma outra senhora carioca. Mas, tendo filhas moças ficava feio uma união ilícita. Casar no Uruguai ou no México também seria esconder o gato e deixá-lo com o rabinho de fora. Que fazer? No Brasil não se admite o divórcio, e o desquite não resolve dêsses casos. O jeito, pois, seria considerar morta e enterrada a espôsa legítima. E assim se fêz. Munido de documentação graciosa, dessas que se adquirem por amizades muito íntimas, César Nobre convolou novas núpcias com a segunda espôsa. O casamento foi assistido pelas próprias filhas do primeiro matrimônio e a vida se manteve normal e sem maiores complicações no novo lar do bígamo. Um dia,porém, morreu êle. Não deixou lá muita coisa, mas sempre ficaram imóveis e dinheiro, jóias e outros objetos constituindo pequena fortuna, capaz de ressuscitar uma espôsa "matada" fora da lei. E quando já iam os processos de sucessão a caminho da liquidação, eis que aparece em juízo a "falecida". O caso foi parar diante dos olhos e do espírito de justiça do juiz do inventário, dr. Antônio César Nóbrega, da 3.ª Vara de Órfãos e Sucessões, que, em despacho judicioso e correto, mandou que os autos voltassem ao Contador. E' que o juiz não deseja que as duas mulheres fiquem vizinhas a ocupar o imóvel deixado pelo "de cujus", pois isso provocaria uma guerra. Que tudo seja convertido em dinheiro e a partilha se faça em notas legais da República. Assim seja.

*

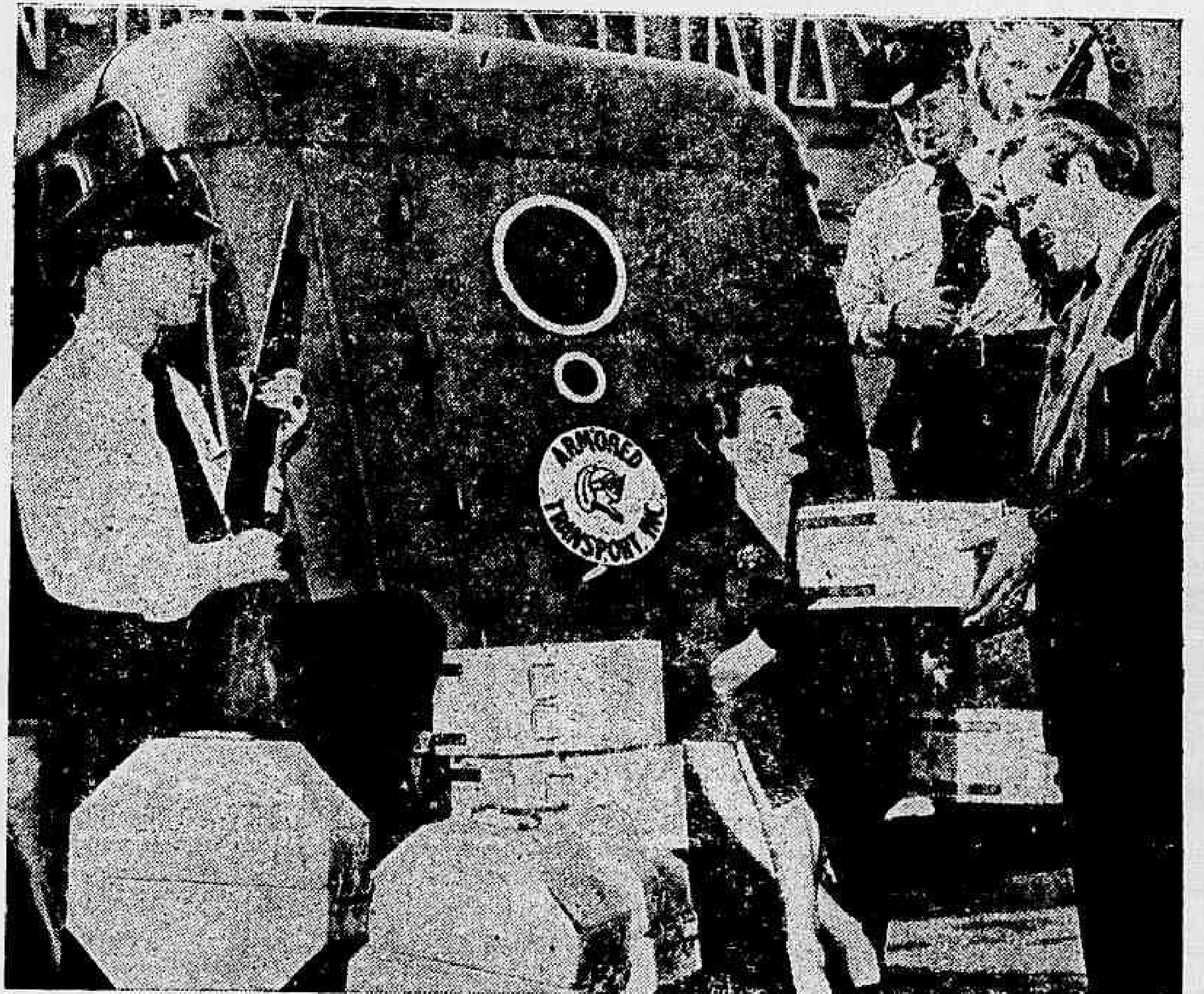
COM QUE ROUPA?



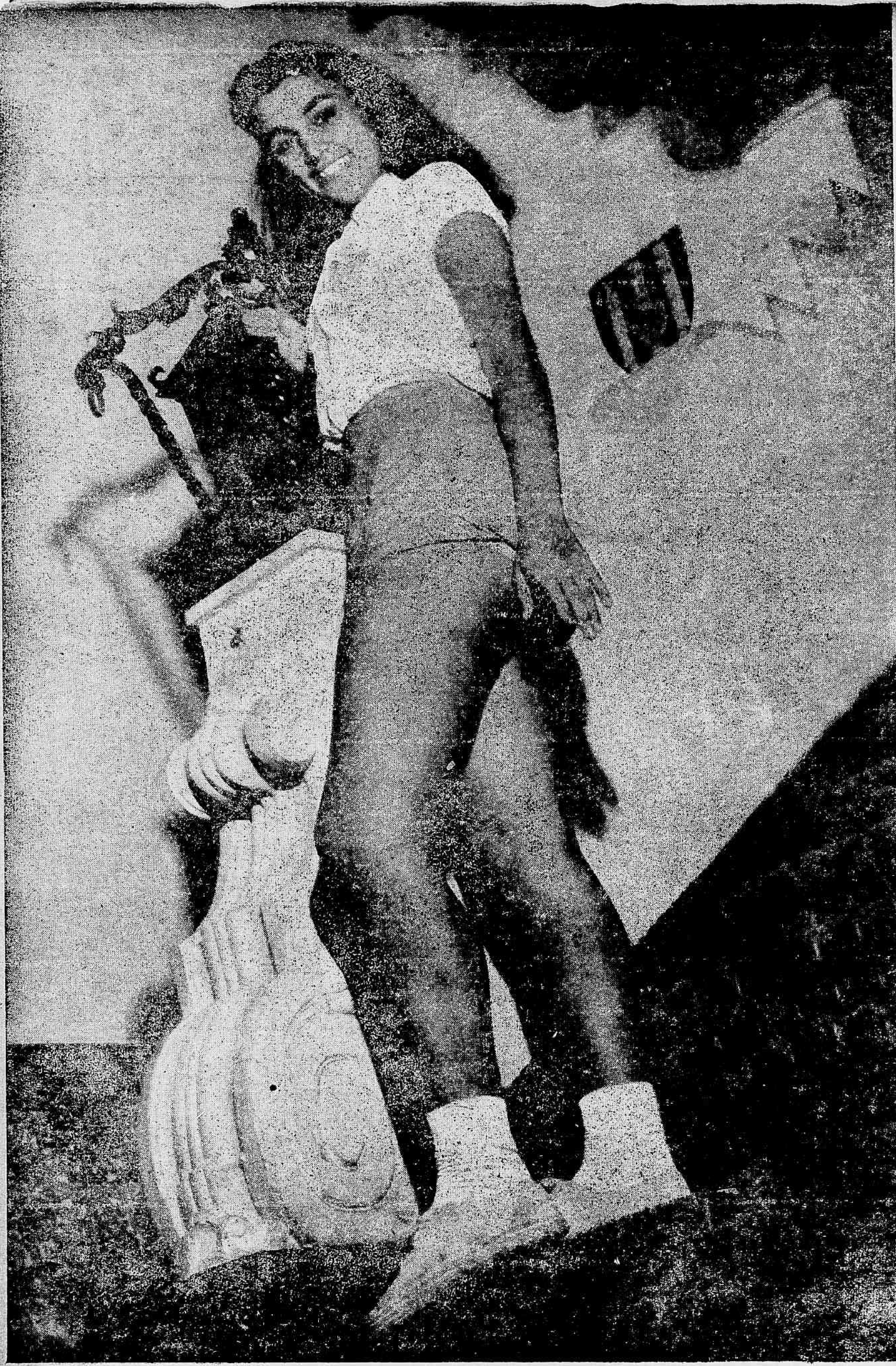
HÁ na Europa grandes organizações nudistas. Na Alemanha e na Inglaterra, pelo que parece, é onde mais avultam dêsses amigos dedicados da natureza nua e crua. Em suas assembléias e congressos, os nudistas discutem os programas do ano a entrar, tendo-se em vista a maior comodidade para todos êles. Como "maior comodidade" não se pense que se trate de melhores instalações e melhor mobília. Nada disso. "Maior comodidade" para os nudistas de uma dessas associações é dispor de espaços naturais para a vida e gôzo do corpo e do espírito. E nada melhor do que um bom e sombrio parque, com grandes áreas também ensolaradas. Foi com essa idéia que mais de 50 mil nudistas inglêses procuraram obter licença para converter em novo paraíso um dos grandes parques nacionais da Inglaterra. Aliados ao "British Sun Bathing Association", ou seja "Associação Inglêsa dos Banhos de Sol", os nudistas tudo fizeram para que o Fundo Nacional, proprietário de terras nas zonas convertidas em Parques Nacionais, concedesse a necessária licença. Mas isso não foi possível. Alegaram os competentes para julgar o caso, que não seria justo permitir aos nudistas o direito exclusivo de gozar daquelas delícias edênicas, ficando o resto da humanidade enroupada sem poder freqüentar aquelas regiões paradisíacas, mesmo sem nenhum Adão sob as árvores ou a tomar banhos de sol primaveril. Não sabemos se os nudistas, inconformados com essa decisão dos seus inimigos bem vestidos, terão que recorrer a outros meios eficientes para conseguir o seu intento. Mas, pelo que nos parece, o caso encrencou porque os nudistas ainda não dispõem de recursos para comprar terras. Na verdade, qual o Banco inglês que pode ter confiança numa gente que nem mesmo tanga possui?



NÃO SE TRATA DE IRMÃS SIAMESAS, mas, simplesmente de duas lindas garôtas de Paris que posaram especialmente para o famoso produtor Zanuck, que estêve na capital da França, justamente com o propósito de descobrir belezas «brotinhos» para levar para Hollywood a fim de inocular sangue novo no cinema norte-americano. Quando Zanuck começou a escolher os novos elementos, ficou tão embaraçado com a safra, que parou em meio da jornada. Que dificuldade para selecionar as melhores quando tôdas elas eram mesmo «boas» no superlativo? Dentre as eleitas e aprovadas com distinção e louvor, destacaram-se estas: Tânia Zucof, parenta de Gogol, loura e bela; Christine Carere, 18 primaveras, morena perturbadora, com ares de Shirley Temple, da família do Duque de Bassano.



QUE SERÁ QUE CONTÉM esta caixinha que um funcionário da MGM, entrega sob tantas cautelas à encantadora estrêla Deborah Kerr? Fique o leitor sabendo que esta caixinha é uma das muitas que já estão ao sôlo severamente guardadas por vários homens armados. Contém elas nada menos de sete milhões de dólares, ou seja, em nossa moeda, câmbio a Cr$ 20,00, nada menos de 40.000.000. de cruzeiros Mas não julgue o leitor que se trata de dinheiro em espécie. Não! Trata-se do grande filme colorido rodado na Itália, «Quo Vadis», no qual Miss Kerr faz o papel de Lícia, uma das grandes personagens do conhecido drama de Sienkewicz, nos primeiros tempos do cristianismo perseguido pelos césares de Roma. E' o maior filme do século.



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Laureano — O médico missionário (Abdias Rodrigues) .... 3/9 e 46/47
A China dentro da América (João Alvarenga) 12/16
Café Filho descobre o Brasil (Jorge Lyra) 18/22
Copacabana de esguelha (Daniel Caetano) 30/33

LITERATURA

Quem nina o nenê? (Afonso Celso de Oliveira) ... 23
Um personagem feliz (Jorge Moreira Nunes) 28

TEATRO

Cacilda Becker — um monstro de teatro 24/27

FEMININAS

Poesia e mistério de Chiang-Sing (Lyse) 34
Variados 34/35
Blusas 36
Chapéus modernos 37
Week-end na cosinha 38/39

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista...... 10
Puxe pelo cérebro 44
Palavras cruzadas 22
A Saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 41
Tudo isto aconteceu 48/49

HUMORISMO

Pesquisas atômicas (Théo). 11
Êste mundo e o outro (Darcy) 29

FOLHETIM

As irmãs atrapalhavam 45

ATUALIDADES

Bidu Sayão com saudades do Brasil (Edgar Proença) .. 44

ILUSTRADOR

M. Queiroz

BONECOS

Rafael

FOTOS

Abdias Rodrigues — Keystone — Jorge Lyra — Walter Morgado — Condor — Agência Nacional — Várias.

★

NA CAPA:

JOAN CRAWFORD
(Foto Warner Bros.)

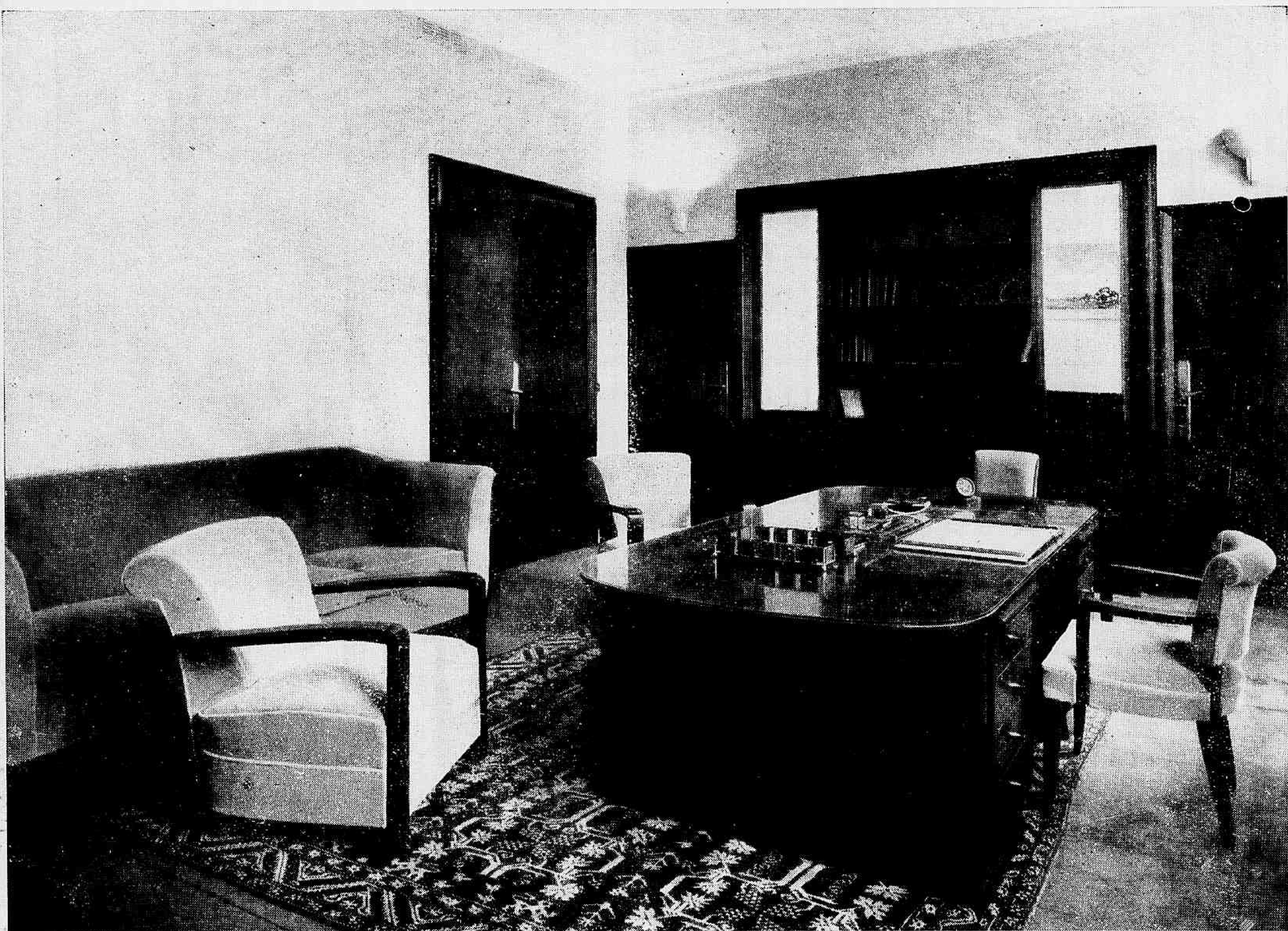
Respostas ao teste

1—Aliteração (fonemas em v)
2—Acróstico
3—Santa Rita Durão
4—Grécia
5—Ao tirano Pisistrato
6—De Ilios (Troia)
7—Ilíada e Odisséia
8—A Hesíodo
9—De lira (instrumento musical)
10—Trágico grego
11—Herodóto
12—Cuba
13—Tamoatá
14—Paralisia das pálpebras
15—Estado do Rio de Janeiro
16—Demóstenes
17—Uma escola filosófica (fundada por Platão)
18—Por vir de Apolo Lício
19—Indivíduo hipócrita e intrigante
20—64 (1837 a 1901).

CLUBES DA CIDADE

NA ronda dos vários logradouros da cidade do Rio de Janeiro, quem gosta, não de observar apenas, o que atualmente existe, mas também conhecer a evolução sofrida e pesquisar de que maneira surgiram determinados melhoramentos, hoje integrados na rotina dos diferentes bairros, encontrará, com tôda certeza, nos tradicionais clubes sociais-esportivos, o motivo para satisfazer a curiosidade e avaliar o que pode fazer o esfôrço construtivo de uma coletividade. E' por isso que a REVISTA DA SEMANA se propõe focalizar, em diferentes reportagens, os mais antigos e tradicionais clubes recreativos, disseminados pela cidade, reconstituindo assim, histórias em que se reviverá o ideal que animou os iniciadores, a luta para vencer tôdas as dificuldades e as obras realizadas até hoje. Alguns dêsses clubes constituem na atualidade verdadeiras potências, pelo elevado número de sócios, pelas numerosas atividades esportivas e sociais, pela eficiência demonstrada por todos os seus atletas nas competições inclusive internacionais, pela magnitude, confôrto e até suntuosidade oferecida nas sedes, pelos programas educativos e recreativos executados às vêzes com grandes sacrifícios e, enfim, pelos planos grandiosos que animam as "alas renovadoras" em prol de futuras e melhores sedes. E' o caso do Tijuca Tênis Clube, que terá a honra de ser o primeiro focalizado. O conhecido clube da zona norte é também, sem dúvida, um dos mais populares. O velho e sempre novo "cajuti" representa, em alguns dos esportes amadoristas, uma das melhores fôrças com que pode contar a cidade. A mesma coisa pode-se dizer quanto à sede, já pequena para o número sempre crescente de sócios que a procuram. Tudo o que possa haver de interessante na vida dessa sociodade, passada e presente, será resumido para os nossos leitores, numa reportagem a sair no próximo número: esportes, reuniões e vistas, em que se destacará a presença sempre graciosa das garôtas tijucanas.

MÓVEIS E DECORAÇOES



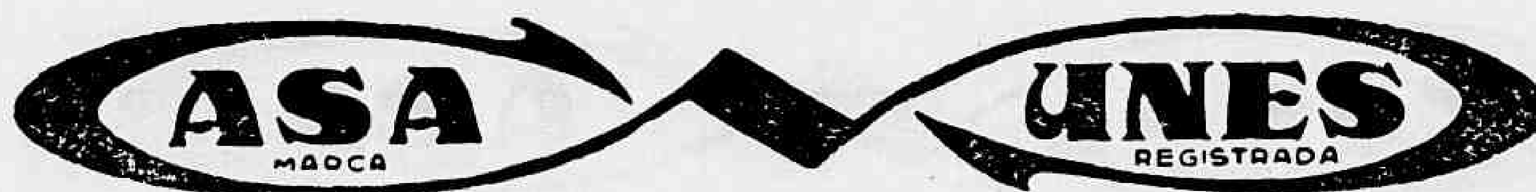
ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR TÉCNICOS-DECORADORES

GRUPOS ESTOFADOS

— UMA ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

TAPÊTES E PASSADEIRAS

PARA FORRAÇÃO
DE TÔDAS AS QUALIDADES E TAMANHOS



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO



...um novo e auspicioso futuro surge em sua vida. Mas os atrativos que lhe deram essa alegre perspectiva devem ser preservados, pois pequeninos descuidos podem alterar o destino de uma mulher.

Mantenha a beleza do seu rosto e a perfeição de sua cutis, com o uso diário de Leite de Rosas, o mais eficiente colaborador no embelezamento feminino. Torne mais fácil o caminho para a felicidade, dando o «sim», também, ao programa de beleza que lhe sugere Leite de Rosas!



LEITE DE ROSAS

LAB. LEITE DE ROSAS LTDA.
RUA S. LUIS GONZAGA, 2085 A e B
TELEFONE: 48-7660 — RIO